

REVISTA DA SEMANA

N.º 53

30-12-44



CR \$
1,50
EM TODO
O BRASIL



A Caixa Econômica premia as grandes obras de arte

O Museu Nacional de Belas Artes acaba de receber mais uma dádiva de inapreciável valor: — dois dos mais belos e primorosos trabalhos entre quantos figuraram no Salão da Escola Nacional de Belas Artes em 1941. Deve-se o fato à generosa e altruística orientação com que se vem conduzindo a Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, nessa fase de reconstituição e exaltação nacional.

A Caixa Econômica, que a tudo atende com a sua contribuição e o seu estímulo, não deixando de estar presente nos lugares em que se forja a nossa grandeza, ou se aprimora a nossa educação, ou se ampara a nossa inteligência, ou se protegem as nossas vocações artísticas, também voltou as suas vistas, em razão mesmo dessa atitude de vida em conexão com os sentimentos e aspirações do país, para a atividade dos jovens brasileiros que se consagram às belas artes. Em 1942, o Conselho Administrativo do grande instituto de economia popular, dando forma a esse pensamento, deliberou instituir dois prêmios "Caixa Econômica", um para pintura e outro para escultura, a serem conferidos a expositores do Salão de Belas Artes escolhidos por uma comissão composta de artistas. A meritória e altruística deliberação da Caixa Econômica vem sendo executada desde então, tendo conquistado a palma da vitória, este ano,

na formosa competição, o escultor Flory Gama e o pintor Camargo Freire.

Para entrega desses prêmios, houve uma solenidade, no dia 30 de novembro p. findo, no Museu Nacional de Belas Artes. Presidiu-a o presidente da Caixa Econômica senhor Carlos Luz, a quem o professor Oswaldo Teixeira, falando em nome do Museu Nacional de Belas Artes e da Arte Brasileira, dirigiu expressiva saudação, agradecendo a dádiva da Caixa Econômica considerada como um gesto de alta benemerência com que se enaltece a arte e, particularmente, se ampara a situação dos artistas brasileiros. Agradecendo as palavras do professor Oswaldo Teixeira, o sr. Carlos Luz disse que a Caixa Econômica não podia de modo nenhum ficar indiferente ao notável movimento artístico e cultural que se observa em todo o país, sob o alto patrocínio do Presidente Vargas, e que ali estava para cumprir a missão de fazer chegar às mãos dos artistas os prêmios oferecidos pela Caixa Econômica. Terminou o sr. Carlos Luz agradecendo à comissão julgadora o justo e perfeito desempenho que deu à sua missão, pois que os trabalhos premiados eram, de fato, de apurado valor artístico, com o que muito se iriam engrandecer as galerias do Museu Nacional de Belas Artes, ao qual, ainda por deliberação da Caixa Econômica, ficavam pertencendo os mesmos trabalhos.

Os prêmios oferecidos pela Caixa Econômica, e que consistiram em dois cheques do valor de Cr\$ 4.000,00 cada um, foram conquistados, conforme já dissemos, pelo escultor Flory Gama, autor do grupo "Ambições", e pelo pintor Camargo Freire, autor do quadro a óleo "Alto do Lageado". A Comissão julgadora dos trabalhos compoz-se dos professores: Augusto Bracet, diretor da Escola Nacional de Belas Artes; Oswaldo Teixeira, diretor do Museu Nacional de Belas Artes, e Fiuza Guimarães, membro da Comissão Organizadora do Salão de 1941.



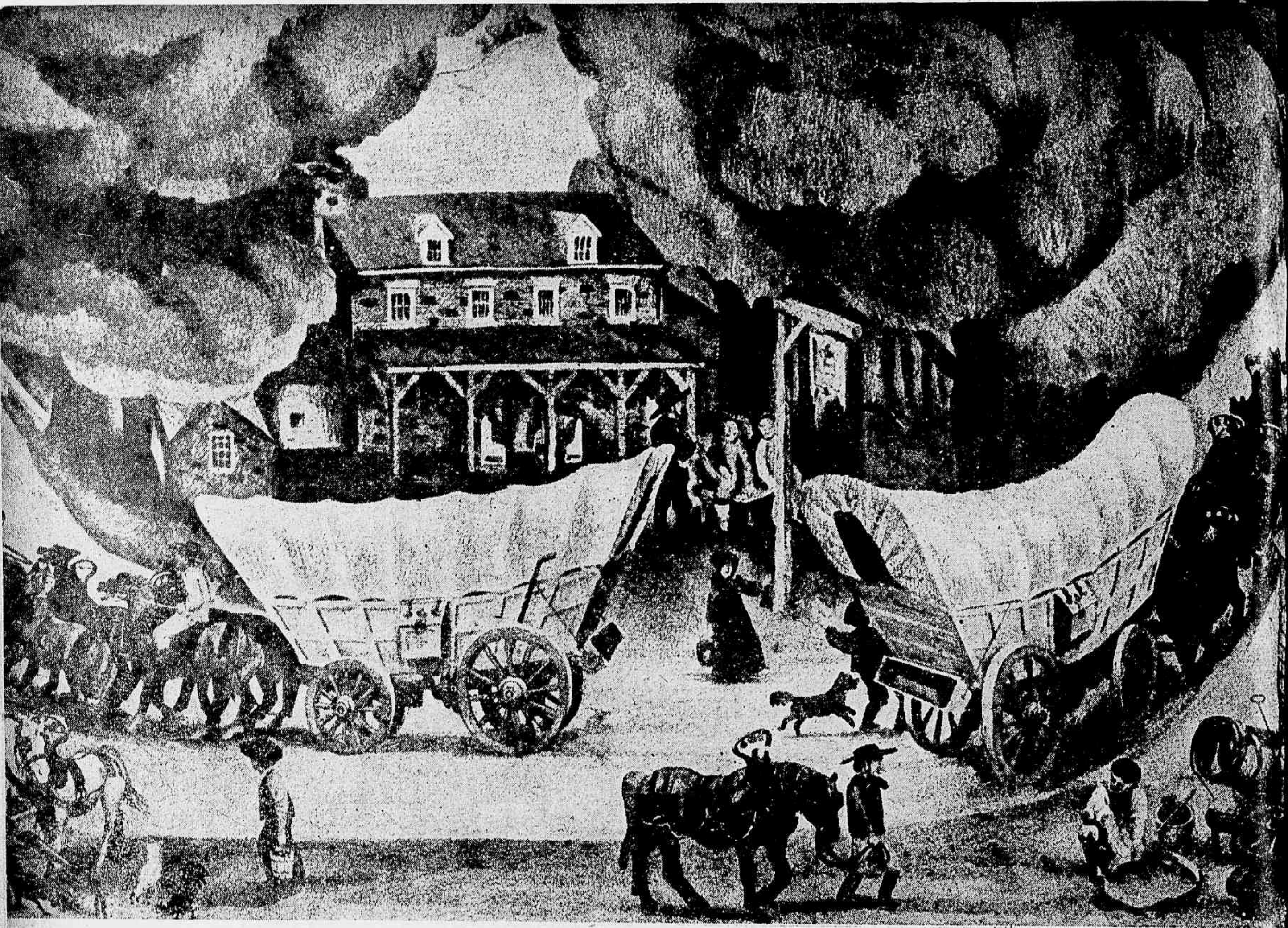


VERÃO

ELE está custando tanto a chegar, este ano, que mais parece ter ficado de relações cortadas com o cartoca. E todavia foi sempre tão bem recebido por nós todos! Desde quando nos dava um ar de sua graça, iluminando as praias, estas enchiam-se de mulheres bonitas e estuantes de vida, ofertando-lhe o que de melhor possuem — seus sorrisos mais lindos e sua pele facelra, que passava a tostar-se ganhando novos coloridos. As crianças batiam palmas porque ele traz sempre a liberdade de movimentos, o proveito das férias, a excursão à montanha. E os homens o saudavam com entusiasmo mal disfarçado, usando e abusando da frase feita — Que calor! — mas sentindo-lhe a falta quando a temperatura baixa. Os velhos aqueciam-se com ele e tudo se enfeitava, porque ele não dá lugar a reumatismos nem cadeirinhas de rodas com melancólicos paráliticos.

Entretanto, ele está custando a chegar. Quando parece ter vindo de vez, é por um ou dois dias, fugindo de novo e cedendo lugar à chuva, ao vento, ao intruso friozinho estemporâneo e indesejável.

E' preciso que ele venha. Mas que venha definitivamente. Com todos seus excessos e aparentes suplicios — mas com a sadia compensação das montanhas repletas, das praias claras de sorrisos viscosos e de vestidos leves, muito vaporosos.



PASSADO — O autor deste artigo sugere-nos um mergulho nos dias que já passaram. No tempo que, uma vez passado, nunca mais volta a ser presente, como Camões já deplorava em soneto célebre. Tudo primitivo. De um pitoresco realçado com o transcurso dos dias, dos meses, dos séculos... Esta litografia de C. H. de Witt dá-nos uma oportuna evocação de coisas, gentes e ocorrências de outrora. Um outrora que também não voltará mais a ser presente...

VICTOR HUGO disse que os homens olham para o passado através de um telescópio e para o presente através de um microscópio. Tudo quanto ficou para trás toma proporções astronômicas através da nossa saudade, da nossa imaginação, do nosso culto ao passado. As coisas atuais, por enquanto, são insignificantes e temos de esmiuçá-las, se quisermos, como se analisa ao microscópio um tropenema ou um bacilo de Koch. Só na distância é que elas ganharão relevo, parecerão importantes e passarão a reclamar, em vez de microscópio, telescópio. Victor Hugo não aludiu ao futuro. Mas podia ter dito que o futuro é visto, por todos nós, através de kaleidoscópio. O futuro, na verdade, nos parece sempre colorido, sedutor, risinho, chelo de promessas magníficas. Ai de nós, se não fôssem essas ilusões! Quem teria coragem para enfrentar, dia após dia, as asperezas da vida? O Ano Novo, que começa como já começaram os outros e que passará como os outros passaram, sem modificar a nossa existência rotineira e chã, é o amável entorpecente com que todos nós nos enganamos de 365 em 365 dias. Estamos fartos de saber que o Ano Novo é um marco, apenas, para a contagem do tempo, esse implacável tempo que, uma vez passado, nunca mais volta a ser presente, como Camões já deplorava em soneto célebre. Contagem de tempo para que? Para a reforma dos militares, para a aposentadoria dos burocratas, para o vencimento das hipotecas, para o fim fatal dos contratos de aluguel, ao cabo dos quais pode nos aguardar o despêjo ou uma nova e feroz exigência do senhorio. Sabemos de tudo

isso, mas fingimos acreditar que o ano será bom, trará mudanças, felicidades, vida próspera, regalada, abundante. Fingimos acreditar do mesmo modo que as crianças fingem acreditar no Tutú Marambá, no Cumberê Cumbê, no Papai Noel e outros símbolos apavorantes ou agradáveis. Como se o Ano Novo não bastasse para nos entorpecer com essa sensação inocente de felicidade porvindoura, ainda procuramos lambugens, inhapas, vantagens adicionais indo às cartomantes ou mandando ler periodicamente as linhas palmares por quiromantes habilitados, que só prometem coisas boas e existências longevas. Ah, o futuro! Enganoso kaleidoscópio! Como é bom olhar para as tuas promessas coloridas!...

◆
Passemos ao telescópio, isto é, ao passado... Querem vocês dar um mergulho no ano de 1845? Que teria acontecido de importante, há cem anos atrás, que mereça ser lembrado entre as atribulações do presente? Aqui vai a resposta: há, no corrente ano, pelo menos, cinco importantes centenários a comemorar. Um desses centenários, sem dúvida o de maior relevo, em cujas celebrações se juntarão todas as camadas sociais do país, é o do nascimento de José Maria da Silva Paranhos Junior, imortalizado sob o nome de Barão do Rio Branco. O grande chanceler da República merece todas as homenagens.

TELESCÓPIO, MICROSCÓPIO, KALEIDOSCÓPIO...

Por R. MAGALHÃES JUNIOR

Especial para a Revista da Semana



PRESENTE — Tudo é tormenta, cogitações de guerra, estrondar de canhões, baionetas caladas, corpos que vão impelidos pela mola forte dos comandos. Este é o presente. A hora que passa e que será recordada também, muito mais tarde, como a decisiva para os destinos humanos... Um presente que todos nós desejamos ver convertido em passado.

É um dos homens a quem o Brasil mais deve. Porque, na verdade, é o engrandecedor, moral e territorialmente, através de sua ação de ministro do Exterior. Outro centenário é o da morte do barão de Taquarí, antes conhecido pelo nome de general Manuel Jorge Rodrigues e que bravamente defendeu a Colônia do Sacramento nas lutas de 1826. Será comemorado ainda, em 1945, o centenário da morte do conselheiro Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, um dos implicados da revolução de 1817 em Pernambuco e uma das figuras que colaboraram na independência do Brasil. Deputado às Cortes de Lisboa com Vilela Barbosa, Feijó, Vergueiro e outros, foi membro da Constituinte de 1823, ministro de D. Pedro I, exilado político, campeão da maioria de D. Pedro II e, por fim, ministro, também, do último imperador. Dois outros acontecimentos serão também festejados, com toda a certeza: o centenário da chegada dos primeiros colonos europeus que se estabeleceram em Petrópolis, e a pacificação do Rio Grande do Sul, depois de uma agitação revolucionária de dez anos. Oferecida a anistia ampla, pelo barão de Caxias, aos revolucionários da Guerra dos Farrapos, em Dezembro de 1844, só em Fevereiro de 1845 David Canabarro, depois de reunir e ouvir os chefes rebeldes, declarou

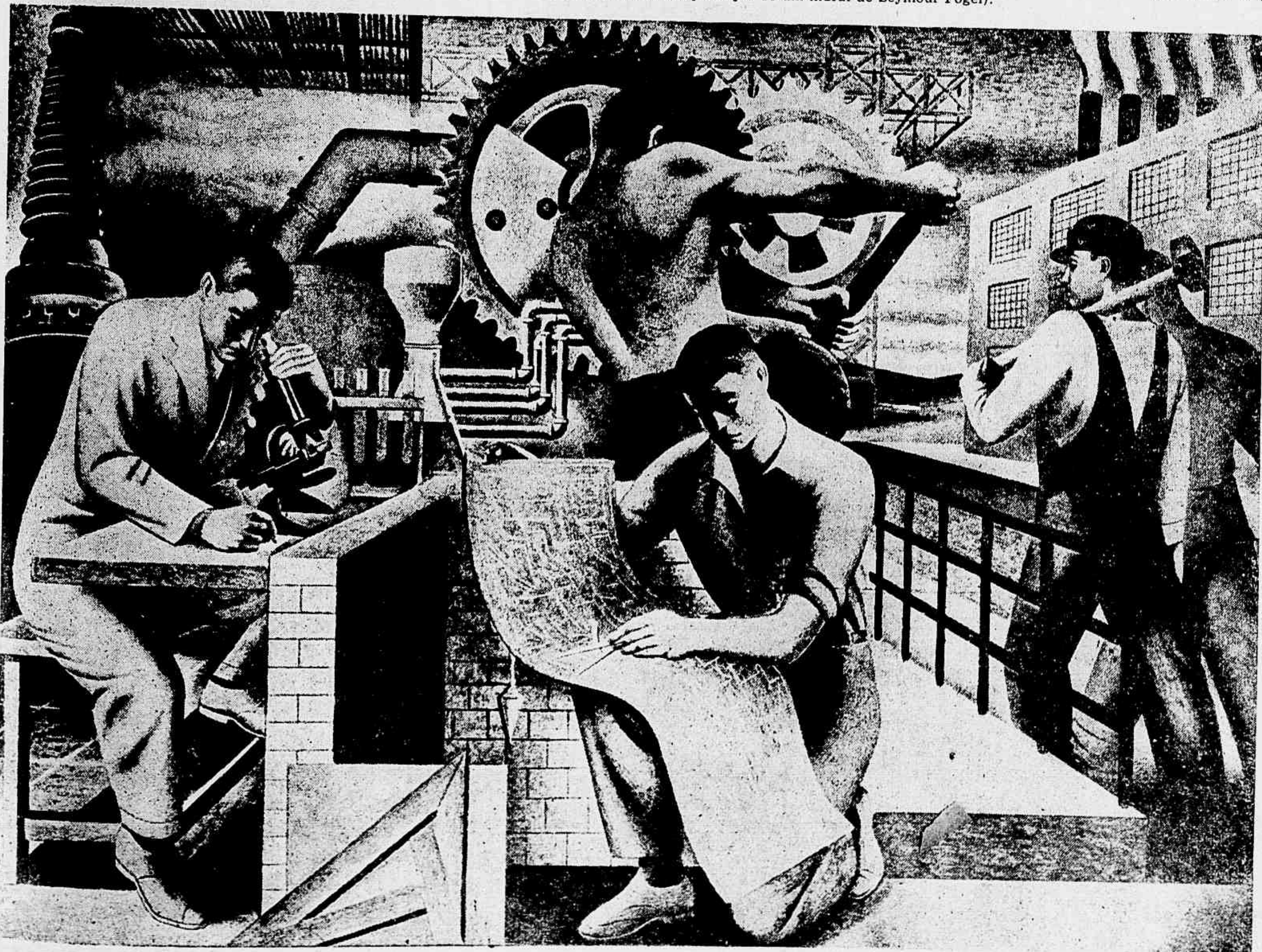
encerrada a luta. E o grande general e presidente da província proclamou, então, pacificado o Rio Grande do Sul, que, no mesmo ano, foi visitado pelo imperador D. Pedro II e pela imperatriz, Dona Tereza Cristina.

São esses os centenários que o Brasil festejará no curso do ano entrante, evocando grandes figuras e grandes acontecimentos do seu passado.

E agora, quanto ao microscópio... Não será melhor mudar de assunto? Pois é. Mudemos. Façamos outra vez do futuro. 1845 foi um ano de paz para o Brasil, cansado da pior de todas as guerras, porque era uma guerra fratricida de dez anos. Que 1945, que começa cercado de tantas esperanças, seja também um ano de paz — e de paz duradoura, alicerçada por uma vitória completa e definitiva sobre os nossos inimigos.

E que sobre todos os demais votos tenha esse a precedência junto ao distribuidor universal de graças...

FUTURO — Os homens não de trocar novamente as roupagens militares pelas civis. Há de o operário empunhar, novamente, seu apetrecho profissional. O cientista, devolvido ao laboratório, poderá estudar motivos de paz, fazendo descobertas que venham trazer conforto e bem-estar à coletividade. Tal o Futuro — pelo menos o que todos sonham para si mesmo e para os descendentes... (Reprodução de um mural de Seymour Fogel).





JOCKEY-CLUB MUNDANO

O ano de 1944 assinalou brilhantes realizações do Jockey Club Brasileiro que, em sua temporada oficial, ofereceu ao público carioca reuniões elegantes e aristocráticas, com programas plenos de lances sensacionais e provas onde se evidenciou mais uma vez o valor sempre crescente dos produtos nacionais. As fotos que reproduzimos nesta página são aspectos do último "meeting" realizado no Hipódromo da Gávea,



REVISTA DA SEMANA

ANO XLV -- 30-12-944 -- N. 53

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia.
Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal
434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo.
Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

O CORPO DE COLABORADORES DA REVISTA DA SEMANA ESTÁ ORGANIZADO. SÓ PUBLICAMOS COLABORAÇÕES SOLICITADAS PELA REDAÇÃO. NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELA DEVOLUÇÃO DE ORIGINAIS, MESMO QUANDO NÃO PUBLICADOS.

Sumário

LITERATURA:

Telescópio, Microscópio, Kaleidoscópio (R. Magalhães Jr.).....	4/5
Paína (Carmen Silva).....	15
Vultos (Escagnolle Doria).....	22
Teus olhos (Aluizio Azevedo).....	23
O roubo do Lulú (A. Christie).....	29
Livros Novos (J. L.).....	38/39

REPORTAGENS:

Jockey Clube.....	6
Arte não tem endereço (Célio Aulicus).....	9/14
Festa Rotaria.....	31
Figuras e Fatos.....	32/33
A exposição de Raul Pederneiras.....	37

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos.....	25
Hollywood e a Moda.....	26/27
Os cabelos devem merecer uma atenção especial.....	26
Modelos avulsos.....	40 e 48

CURIOSIDADES:

O Verão.....	3
José de Alencar no Teatro.....	17/19
194...?.....	20/21
Como teria ocorrido a tentativa contra Hitler.....	34/35

SEÇÕES:

A Semana em Revista.....	8
Coisas do Brasil.....	24
De Rádio (Djalma Maciel).....	37
De Música (Roberto Lyra Filho).....	48

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	30
-------------------	----

NOVELA:

"Covardia" (Berliet Junior).....	49/50
----------------------------------	-------

As Crianças!

Dôres no Ventre, Mau Hálito, Língua Suja, Indigestão, Consequências da Prisão de Ventre



As crianças adoececem muito facilmente do estômago e intestinos.

Basta, às vezes, que mastiguem mal a comida ou comam depressa e fóra de horas para que tenham indigestão, dôres no ventre, moleza, arrepios, calafrios, tonturas, mau hálito, dôres de cabeça, vontade de vomitar, língua suja e até febre.

Convem dar **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre é um remédio brando e suave, de gosto agradável, que as crianças tomam sempre com prazer.

Ventre-Livre é o remédio indicado para combater a prisão de ventre e suas consequências: mau hálito, língua suja, indigestão, dôres de barriga e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Tenha **Ventre-Livre** sempre em casa.

A nossa Capa

DEANNA DURBIN encerra o ciclo das grandes capas desta revista, no transcurso de 1944, e certamente o está fazendo com chave de ouro. A série de mulheres elegantes e bonitas, principalmente "estrelas" cinematográficas, que temos oferecido aos leitores, e que tão auspiciosamente foi recebida pelos que nos distinguem com a sua leitura, continuará no ano vindouro, naturalmente. Em relação a Deanna Durbin, não será mister estendermo-nos em considerações maiores, desde que a conhecida interprete da tela fêz-se, pelo seu justo valor, um dos grandes ídolos da nossa geração.

Outros assuntos proeminentes deste número: a reportagem com o caricaturista Augusto Rodrigues e a reprodução fotográfica de algumas cenas inportantes da peça de José de Alencar que Procópio Ferreira ressusitou neste fim de ano; as costureiras seções de modas e elegancias femininas, a "evocação" de como teria ocorrido uma das famosas tentativas contra a vida de

REVISTA DA SEMANA



Adolph Hitler — e tantos outros assuntos, fartamente ilustrados, que o leitor encontrará no desdobrar das páginas seguintes.

BOAS FESTAS

Recebemos, agradecemos e retribuimos os votos de Feliz Natal e Ano Novo que por cartas, cartões e telegramas, recebemos das seguintes entidades artísticas, comerciais, industriais e pessoas amigas:

S. A. Mercantil Anglo-Brasileira, J. Brasinna, A Vóz da Serra e a Livr. e Tip. Modelo de Ezequiel, Rio G. do Sul, Mario Antunes, Dr. Godofredo Mattos, E. Wolff, Banco Nacional de Depósitos S. A., Emissoras Associadas Tupi-Tamoio, Dorival Hipólito Ferreira Pena, Schilling, Hillier & Cia. Ltda., Produtos Químicos B. Hersog Ltda., Linotipo do Brasil S. F., Cia. Seguradora Brasileira, Cia. Seguradora Brasileira, Banco do Comércio S. A., Cia. Importadora Sueca Ltda., Associação Atlética Banco do Brasil, Manuel C. Garcia Lazcano, Papelaria Alexandre Ribeiro Ltda., Tecnigráfica Ltda., Centro Carioca, Albino Mesquita & Cia., Casa Bruno, Mandarino, Martha e Paulo Sieran, Rohde Gaeller & Cia., Ltda., Mme. Campos Ltda., I. T. V. Cottomar Ltda., Jornal dos Sports, Rádio Côsmos de São Paulo, A "Edanée", Ruy Lowndes, Sul América Capitalização, J. Walter Thompson, J. C. Eno (Brasil Ltd.), Scott & Bowne, Inc. of Brazil, Cia. T. Janér, Casa Bancaria Barroso S. A., Banco Aliança do Rio de Janeiro S. A., Ateliers Esto Waldemar Turner, Cachita Oni de Santa Cruz do Rio Pardo, Mozart da Gama, Cia. Lanston do Brasil, S. A., Centro Beneficente de Motoristas do Rio de Janeiro, British News Service, Tintas do Brasil Ltda., G. S. de Clerco Jr., Nelo Garavini e General Printing Ink C.º de Nova-York, Sociedade Científica Supermentalista, Maurício de Oliveira, F. Perminio Neves, Casa das Maquinas Francisco Prielli, Carlos Luz, George Mattox, Presidente da Linotipo do Brasil, Soc. dos Auxiliares da Imprensa, Hilda Goltz.

Um - calçado da moda para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

a Semana em Revista

...VIDA NOVA!



E' antiga a frase: Ano Novo, vida nova. E nunca, como nos dias que passam, ela teve tanta aplicação para cada um de nós e para a Humanidade em conjunto. Não têm sido dos mais auspiciosos estes últimos cinco anos, tangidos pela fúria dos quatro cavaleiros do Apocalipse, cada qual espalhando mais e mais as suas tenebrosas faixas, de consequências que se estenderão muito além da Paz. Em cada Dia de São Silvestre, porém, todos os corações comungam no mesmo e supremo sonho de tranquilidade e recompensas divinas... Quem sabe se o ano que se avizinha há de repôr tudo em seus lugares, castigará os maus, responsáveis pela hecatombe deste lustro, e nos permitirá voltar ao que éramos e ao que fazíamos até aquêlê marcante 1.º de Setembro de 1939! Quantos se alheiam pelos assuntos de guerra, mesmo dois e três anos depois daquele advento bélico, e hoje, por força das circunstâncias, vivem — se é que vivem — com o espírito toldado pelo fantasma rubro! Eles não queriam a guerra. Fugiam de pensar em guerra. Mas a guerra foi até eles, desde que o contrário não podia acontecer, e porque ninguém poderia furtar-se ao prisma da realidade, nós todos aqui estamos, hoje, véspera de outro São Silvestre, na grande expectativa da Paz.

QUANDO OS POETAS SE ATRACAM...



A polícia belorizontina já deve ter solucionado da melhor maneira essa pitoresca cena de pugilato de que foi cenário a linda cidade montanhosa. Certa noite, reunidos em agradável tertúlia no café "Casa de Minas", vários poetas clássicos e contemporâneos deixavam passar as horas. Lá estavam Jesus Miranda e Dal Costa e Santos, que, em certa altura, divergiram a propósito de uma rima qualquer. Jesus Miranda tem no prelo um poema de 2.359 versos, intitulado "Agonia de um poeta", e declamava alguns dos 2.359 para os presentes quando o confrade Dal Costa e Santos achou ruim: — "Essa rima rara e original é minha". — "Não é!" — "É minha!" — "Não é!" A discussão azedou-se e dentro em pouco chegavam os dois ao domínio pouco poético dos sopapos. Um verdadeiro pugilato por causa de uma rima preciosa, disse o cronista... Um dos poetas ficou ligeiramente ferido, enquanto o outro recebeu violento sôco no olho esquerdo. E terminava o comentarista: — "Os homens brigam por vários motivos: por ciúme, por cólera, por ambições contrariadas. Mas brigar por causa de uma rima é coisa que não acontece nem mesmo em folhetins policiais"...

Pois, em que pese a argumentação sólida do confrade, divergimos do seu ponto de vista. Que se brigue por uma simples rima, o fruto literário de uma frase, é tudo quanto de mais natural pode existir, senhores. Nada de mais precioso e raro, que um trabalho literário quando tem, realmente, seu mérito. E com que direito um terceiro poderá furtar o que de um cérebro saiu por uma faculdade



Precisavam os alemães dar ao seu povo, saturado de tão consecutivas derrotas no curto espaço de seis meses, alguma satisfação. Mesmo que fôsse, como realmente assistimos, um simulacro de reação e até arrastando-os a consequências mais precipitadamente desastrosas. Já o disse Montgomery: era preciso ter sido um homem de muita ousadia para, a 6 de Junho, afirmar que em 3 meses estaríamos em Bruxelas e Antuérpia, tendo libertado quase toda a França e a Bélgica, e em seis meses estaríamos combatendo na Alemanha, depois de repelir o inimigo para além de suas próprias fronteiras. E foi isso que aconteceu! Imaginemos, à distância, o estado de espírito, totalmente desmoralizado, dos povos nossos adversários e teremos compreendido então o ato de desespero dessa contra-invasão das vésperas de Natal. Aliás, uma contra-invasão que veio realmente ao encontro da vontade dos grandes mentores das tropas aliadas. Foi o próprio Eisenhower quem o declarou. Os alemães iam recuando pouco a pouco, apegando-se a cada pedaço de terra, dêle só se afastando quando tudo estava destruído, exigindo pois um dispendio maior de energias do nosso lado e o sacrifício maior de vidas. Agora, não. Os nazistas tentaram reagir, quer dizer espalharam-se para todos os lados e estão



cício dessa delicada missão e, agora, faz o seu giro ameno, de consciência tranquila pelo dever cumprido, rumo às nossas plagas. Anuncia-se que aqui o teremos por espaço de um mês, despidido de imposições protocolares e sem se furtar ao contacto com a massa. Desta vez — já o sentiram nossos confrades paulistanos

Eis por que a frase — Ano Novo, vida nova — mais se aplica e amolda às contingências da atualidade. Façamos, amanhã, 31, um completo exame de consciência e tenhamos a coragem de espantar do espírito tôdas as intenções menos aproveitáveis. Tracemos, individualmente, uma nova diretriz, em prol de um benefício coletivo que há de, por força, aquinhoar a cada um de per si. Claro que nem todos teremos forças bastantes para cumprir essa promessa íntima; porém quantos a cumprirem, terão ainda assim trabalhado pelo bem geral. E' quase certo que 1945 há de dar-nos o prêmio da Paz, devolvendo os homens armados a seus lares e a suas bancas de trabalho. Mas isso não será tudo, porque se não se desarmarem também os espíritos a batalha deixará de estar ganha. E grandes lutas, maiores talvez, ainda se esperam para depois do dia glorioso em que o mundo tiver pensado que tudo acabou. Faça-se a convocação espiritual, preparem-se os corações humanos para algo de pior, que só será vencido com tôdas as reservas de forças interiores...

E amanhã à meia noite, leitor ou leitora, comece individualmente essa proveitosa tarefa. Resolva começar tudo de novo em sua vida, tudo que tiver sido des-governado este ano. Passe a limpo o "carnet" de seus dias. E, pelas dúvidas, faça munição de uma respeitável borracha para raspar e apagar quantas evocações menos felizes ainda lhe restarem...

Mas quanta borracha será precisa, santo Deus! E ela anda de tal maneira racionada...

excepcional da Natureza? Pois então prende-se e castiga-se o ladrão de um relógio, o batedor de carteiras, e ficará impune o que roubou o estro glorioso de um homem privilegiado pelos deuses? Não, a cena do café belorizontino não foi tão pitoresca quanto se informou pelos jornais... Teve, até, muito de poesia e encantamento. Se em lugar de brigarem por ciúme, por cólera, por ambições contrariadas os homens brigassem apenas pelo plágio de um verso, a "rima rara e original" do poeta mineiro, o mundo viveria melhores tempos. Não houvesse conquistadores facinorosos, que sacrificam homens aos milhões e deixam viúvas e órfãos em igual proporção, mas apenas tímidos e espirituais contendores de prêmios intelectuais, e o Natal que agora vimos de atravessar, tão lancinante e triste, teria sido o Natal tranquilo e de paz dos outros tempos. Claro que nem todos os versos justificam esses conflitos. Quantos e quantos sonetos, contos e romances, ficam no olvido, por tempos imemoriais, sem que ninguém se atreva a copiá-los dando-os como de própria lavra! E' que só se rouba ou imita e que nos parece refinadamente bom. E os poemas da "Agonia de um poeta" quem sabe se não estão nesse caso!

De resto, Belo Horizonte foi sempre generosa em casos extravagantes, e os próprios temas artísticos sempre ali encontraram clima apropriado para esses registros. Lá se giletaram os quadros da rapaziada que pinta com desrespeito aos cânones acadêmicos e lá se construíram já monumentos de arquitetura ultra-modernista. Em Belo Horizonte será também edificado o mais original templo do Brasil, uma casa de Deus que há de escandalizar os apegados às tradições mesmo no que diz respeito às igrejas. E a terra que tem as obras clássicas de Ouro Preto e Sabará vai contar, muito breve, com a igreja mais avançada em arquitetura. Eis por que dois poetas disputando a mesma rima e atracando-se por causa de uma rima, nestes dias sangrentos, chega a ser alguma coisa de divino. De encantador.

ÚLTIMOS ESTERTORES

sendo malbaratados. Quando recuam não têm mais organização interna para se apegar a cada cidade, a cada vilarejo, mas recuam mais e mais. Longe de contrariar os planos de Eisenhower e seus generais, esse arremêdo de contra-invasão, em que pesem os primeiros recuos, ficou dentro, rigorosamente dentro de sua estratégia. Agora podem travar-se as grandes lutas, sem as quais nada se conseguiria de extremado. Agora os embates repetem-se, não mais simples escaramuças, que servem apenas para protelar a derrota final. "Será a pior derrota", declarou o comandante supremo, em ordem do dia dirigida "a todos os membros das Forças Expedicionárias Aliadas". E acrescentou: "O inimigo está fazendo um esforço supremo para livrar-se do desesperado apuro em que o forçastes a cair, com as vossas brilhantes vitórias do verão e do outono. Está lutando ferozmente para recuperar tudo o que ganhou, e emprega tôdas as artimanhas traiçoeiras para iludir-vos e matar-vos. O adversário tudo está arriscando em jogo, mas já nesta batalha a vossa bravura muito fez para frustrar seus planos. Diante da vossa provada bravura e fortaleza ele falhará completamente".

E' o que já assistimos. Os últimos estertores da fera encurralada esperavam-se, e nunca chefe algum aliado admitiu que a guerra terminasse sem essa agonia, esse desespero maior. Eis por que, longe de se abater o moral dos nossos, êle mais se levanta. Quanto mais intensa a reação nazista, maior e mais rápido será o seu colapso.

FULGÊNCIO BATISTA NO BRASIL

por ocasião de sua passagem rumo a Montevideu, nenhum obstáculo é forjado aos homens de imprensa, que podem acercar-se do ex-chefe de Estado americano, entrevistando-o à vontade. Não carece o coronel Fulgêncio Batista de investigadores nem de outros auxiliares para afastá-lo do convívio com os rapazes de jornal, ao contrário do que recentemente aconteceu com um ex-testa-coroad. Batista é homem diferente, de atitudes francas e desassombradas. Nem sempre foi um tapete de rosas o caminho por êle percorrido, ao tempo de presidente de Cuba; muitos espíritos encontraram. Soube, entretanto, colocar-se acima das competições políticas e particulares, provando que no seu país o bom êxito dos princípios pelo qual nos batemos, todos os componentes das Nações Unidas, é, desde agora, uma deslumbrante realidade. Mesmo aquêles que porventura hajam divergido de algumas de suas atitudes presidenciais, agora nele reconhecem um homem que pode ter errado algumas vezes, mas que não guardou ressentimentos nem rancores. E, mais, que no momento preciso soube auscultar o coração da sua gente e atender-lhe as aspirações. No Brasil Fulgêncio Batista estará entre gente amiga, que o compreende e o recebe num grande e muito sincero amplexo fraternal. Os ideais e as aspirações do seu povo são também os nossos. As lutas em que se empenhou êle próprio, Batista, são as que entre nós muitas vezes subsistiram. Seja bem-vindo, coronel Fulgêncio Batista. A casa é sua.

"ARTE NÃO LEVA ENDEREÇO"

-- DECLARA O CARICATURISTA AUGUSTO RODRIGUES

PARA aqueles que não creem na arte moderna e que julgam estar a caricatura brasileira agonizante, pelo simples motivo de ter se afastado das normas rigorosas do academicismo das charges do princípio do século, nada melhor para curá-los desse cepticismo teimoso e sofisticado, que as palavras de Augusto Rodrigues, esse jovem e brilhante espírito de artista nordestino, amigo do frêvo e inimigo do fascismo, que anda por aí espalhando nas fôlhas da imprensa periódica e nos muros das construções dos arranha-céus toda a irreverência de sua revolta contra os tiranos e toda a alegria de seu humor de linhas impressionistas e arroçadas. Nada seria, pois, uma argumentação mais forte, em favor da arte moderna e de seu direito de expansão e compreensão, do que a palavra autorizada deste jovem caricaturista, uma das figuras máximas de artista militante do país.

UM HOMEM DENTRO DO MUNDO

Assim, quisemos expressar aos leitores a opinião de Augusto Rodrigues sobre arte moderna, caricatura e tudo enfim que a ela se ligue, para que, ouvido o advogado de defesa de Cezane e Picasso, mais compensados pudessem ficar, no espírito do homem da rua, os argumentos eloquentes dos acadêmicos.

Mas falar com Augusto Rodrigues não é fácil. Ele não é apenas um caricaturista famoso que, após rabiscar à noite os seus bonecos vai pela manhã à redação entregar a sua colaboração diária, para deitar-se depois em uma *chaise-longue* à espera do efeito de suas sátiras. Muito ao contrário: o jovem pintor é um homem de ação, preocupado com tudo o que se relacione com a sua arte, estudioso de assuntos políticos, propagandista militante do ensino artístico, jornalista, enfim um grande defensor da arte moderna, que se desdobra para poder exercer suas atividades em todos estes setores.

Eis por que só após um dia inteiro de pesquisas infrutíferas conseguimos localizar Augusto Rodrigues em sua residência, para conseguir a entrevista.

E na varanda de seu apartamento, entre copos de cerveja e baforadas de cigarro, ele nos contou algo de suas lutas e das lutas dos outros, episódios marcantes na evolução da arte moderna no Brasil, procurando sempre, entretanto, tirar de tudo isto o caráter de uma auto-biografia insípida, emprestando à sua conversa o aspecto movimentado de um libelo de combate.

Foi assim que viemos a saber toda a história da arte moderna no país desde o tempo em que

Uma grande tarefa a cumprir: ensinar a verdadeira arte às crianças do Brasil — As idéias do homem da rua traduzidas em calungas — A idéia da exposição brasileira em Londres — O frêvo legítimo veio ao Rio. Mas não usa gravata... — Anibal Machado e Madeleine Rosay dançaram o frêvo — Arte popular e exposição de pintores mirins — Os caricaturistas dão o seu concurso à guerra — "Temos que educar o povo para que ele compreenda o modernismo" — Episódios pitorescos da vida do popular artista da cidade.

Reportagem de CÉLIUS AULICUS

Fotos de ARNALDO VIEIRA



O jovem caricaturista olha enternecido para os detalhes de um casamento pintado por uma garota de São Paulo. A arte infantil é uma de suas maiores preocupações atuais.

Augusto, rapazote ainda, fundava no Recife um grupo de desenhistas e pintores avançados que, lutando desesperadamente contra a incompreensão das massas, e afastados dos intelectuais que lhes moviam uma surda mas ferrenha hostilidade, lograram realizar uma série de exposições artísticas que foram,

em 1930, o grito de alerta lançado aos moços do Nordeste.

Durante mais cinco anos lutou o caricaturista, até que a sua arte, reconhecida por todos como uma verdadeira expressão da pintura moderna, o levou a Porto Alegre, onde o governo riograndense o encarregara da feitura de vários

peinéis para a decoração da Exposição Farroupilha.

Terminada a sua missão no sul, Augusto Rodrigues vem para o Rio onde continua a lutar por suas idéias, sempre com a mesma concepção de arte, sempre com as mesmas convicções que abraçara no início de sua carreira.

Viu a cidade grande que abria a sua boca para engulir-lo, mas não se deu por vencido. Lutou contra a adversidade de todos, abriu caminho no meio dos medíocres e ergueu a cabeça acima das multidões. Começou a desenhá-los para os jornais. Os seus bonecos, tímidos a princípio, foram ganhando coragem e dizendo coisas feias contra quem merecia nomes feios. As idéias de Augusto Rodrigues apareceram sempre, de braço dado com as idéias do homem da rua, na conversa de seus bonecos, fossem eles fabricados de nanquim, guache ou placidina.

Eram esses velhos bonecos que estavam agora ali, nas paredes da casa do pintor, olhando para nós com os mesmos olhos que olhavam para o público em primeira edição, há nove anos passados. Saudosos bonecos. Entre eles e os seus sucessores, que se espalham pelas páginas dos jornais de cinco Estados, grandes coisas aconteceram.

ARTE BRASILEIRA EM LONDRES

Entre as realizações de Augusto Rodrigues, a maior de todas foi sem dúvida a Exposição de Londres.

Divulgado que foi o seu projeto de expor em Londres, em benefício da R. A. F., quadros de pintores brasileiros, movimentaram-se os artistas e pseudo-artistas querendo todos um lugar à parede, ainda que muitos deles próprios descresem do valor de suas obras.

Apesar dos asares, Augusto e outros abnegados lograram levar a cabo o seu intento. A Exposição, inaugurada no Itamarati, transferiu-se pouco depois para a capital da Inglaterra.

Não fossem os quadros de Augusto ali expostos, não fosse o seu trabalho titânico de organização e propaganda, a Exposição de Londres seria para ele um triunfo notável, pelo simples fato de ter sido ele quem passou o espanador sobre as pinturas expostas, retirando delas toda a teia de aranha que ameaçou cobrir-lhes a idéia e a forma.

E assim, pela primeira vez na história da arte, era posta em exposição na Europa uma série notável de pinturas brasileiras, representativas do espírito novo que começava a aparecer então, arejando o ambiente da nossa arte pictorial.



Os bonecos de placidina feitos por Augusto Rodrigues discutem na mesa de um café. As suas idéias são sempre as mesmas de seu autor; e até no jeitão de dar o laço na gravata estes camaradas se parecem com o pai.

E tanto valeu a Exposição de Londres como uma mostra de arte quanto como demonstração viva de solidariedade dos artistas novos do Brasil para com a R.A.F., a quem tantos tanto ficaram devendo.

O FRÊVO NÃO USA GRAVATA

Mas os sucessos de Augusto Rodrigues, em todos os ramos de sua arte saudável e irreverente, não faz que ele, como em geral acontece com os artistas vitoriosos, se

afaste do povo e nem faça dêle afastar a sua arte, pois, até hoje, ela tem sido sempre fiel ao pensamento e aos ideais do homem da rua, refletindo em seus anseios e objetivos um caráter estritamente popular.

Para que se prove a veracidade desta afirmativa, mais não seria necessário que recordar a primeira exposição individual de pintura por ele realizada no Museu Nacional de Belas Artes, em 1941.

Augusto expunha ali, entre outros trabalhos, um interessantíssi-

mo estudo dos passos coreográficos do frêvo pernambucano, através de notáveis figuras surrealistas.

Os artistas e críticos cariocas, acostumados à velha e tradicional dança do Recife exibida com regras e estatutos de bailes semi-familiares, ou festivais de caridade, não puderam compreender a significação precisa dos desenhos.

E o que fez o pintor para ser compreendido, muitos estão lembrados: levou ao museu o bloco carnavalesco "Paz Dourada", agremiação composta por operários e homens do povo da colônia pernambucana e ali, diante de grande massa de convidados, exibiu ao povo e aos artistas do Rio o verdadeiro frêvo, sem requintes de salão, sem gravata, sem flôr no peito, simples e puro como aparece nas ruas réz-do-mar do Recife, em noites claras de Carnaval.

A exibição foi uma bomba — dentro de meia hora já não havia mais assistentes: pintores, críticos, estudiosos, todos caíram no frêvo. Anibal Machado aderiu, Madeleine Rosay dançou no meio da multidão o ritmo alegre dos habitantes dos mocambos.

Assim venceu mais uma vez a arte popular, assim venceu mais uma vez Augusto Rodrigues.

A ARTE E O POVO

Agora, que já apresentamos aos leitores o verdadeiro Augusto Rodrigues, o homem que levou a arte moderna brasileira a Londres e que trouxe a arte popular de Pernambuco ao Rio, é necessário que falemos dêle também como do pintor que está levando a arte a todo o povo e trazendo a arte popular para os estudiosos.

A nossa conversa iniciou justamente quando, apanhando de sobre um móvel de sua casa uma estatueta de madeira, trabalho primitivo e simples, por êle encontrado na loja de um belchior, lhe perguntámos o que representava, em sua opinião, a arte popular:

— A arte popular, respondeu-nos, é sempre o reflexo do estado de espírito e de ânimo do povo. E' uma arte como qualquer outra.

E' sempre uma arte primitiva e, como tal, revela perfeitamente a passagem de uma época.

E quase sempre, na arte popular, encontramos exemplares valiosíssimos, verdadeiras revelações de gênios inaproveitados. Veja, por exemplo, esta estatueta — continua mostrando-nos uma virgem esculpida em madeira. Isto é Picasso puro.

Eis aí por que se torna necessária uma aproximação maior entre o povo e os verdadeiros artistas. Mas uma aproximação verdadeira, concreta, real.

— E o que sugeriria você para levar a arte ao povo?

— Em primeiro lugar, o ensino artístico nas Escolas. Um ensino livre, onde os meninos pudessem revelar sua verdadeira inspiração e rabiscar o que bem lhes interessasse.

Auxiliando essa campanha de educação artística, deveriam ser organizadas exposições ambulantes, mostras didáticas de pintura, onde os visitantes, através de palestras e conferências, pudessem entender o verdadeiro sentido dos quadros.

As exposições didáticas são aliás muito comuns hoje em dia nos Estados Unidos, onde a arte moderna se divulgou e popularizou vertiginosamente, justamente por isto.

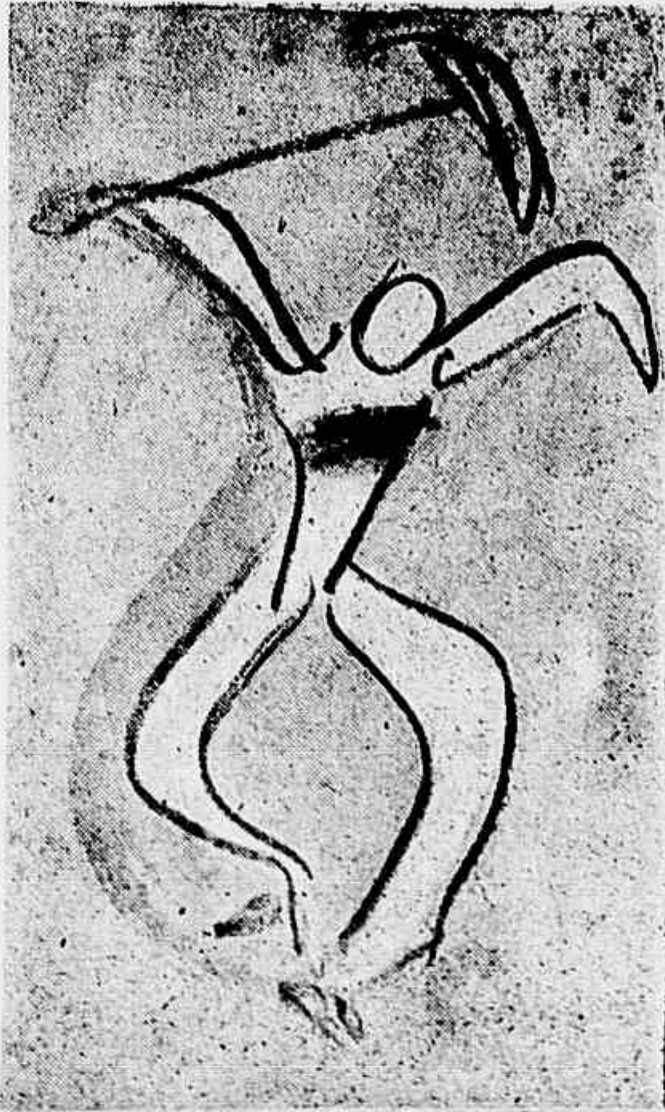
— E no Brasil, não crê que ela tenha ainda tido a aceitação popular?

— No Brasil ainda não pode ter. O povo ainda não foi suficientemente esclarecido; tem tendência para aceitar com mais facilidade as formas retrógradas dos acadêmicos. Isto se deve anturalmente às influências das escolas, dos jornais e outras fontes de divulgação, nas quais ainda não penetrou como devia a nova concepção de arte.

— Acredita então que a tendência natural de todos os homens de hoje seja dirigida para o modernismo?

— Acredito não é bem o termo. Seria melhor dizer que tenho certeza disto. Até hoje, digo com franqueza, não encontrei um me-

Os riscos de carvão de Augusto Rodrigues se retorcem, se enlaçam, seguram o guarda-chuva pela ponta e dançam dentro do espaço exíguo do retângulo de papelão o frêvo mais puro e mais ardente que o Rio já conheceu. Foi a exposição destes bonecos sintéticos que provocou uma das maiores vibrações populares dos últimos tempos.



nino menor de treze anos, que fôsse acadêmico. Só a partir desta idade, por culpa das influências de que já falei, é que o senso artístico começa a criar calos.

EXPOSIÇÃO DE PINTORES MIRINS

Augusto Rodrigues continua:

— Isto que eu estou dizendo, meu amigo, são coisas sôbre as quais posso falar com certa autoridade. Tudo o que se relacione com a educação artística do povo em geral e da infância em particular, me interessa de perto.

Ainda agora venho de tomar parte na organização de uma grande mostra de desenhos de meninos do Brasil e dos Estados Unidos, que está aberta no Instituto do Arquitetos. E os trabalhos ali apresentados nos levam a várias conclusões, algumas das quais — por que não falar? — verdadeiramente dolorosas para nós.

Entre estas, a mais triste, é a seguinte:

Enquanto os desenhos dos garotos americanos revelam em tudo uma liberdade interpretativa absoluta e a escolha de tema sempre caracterizada pelo traço individual, os quadros dos nossos meninos, principalmente das escolas, nos mostram sempre a má influência das histórias em quadrinhos, apresentando a cada passo tipos standardizados e figuras inexpressivas, verdadeiras obras de decalcomania e papel carbono.

— Mas você não julga que esta influência das histórias em quadrinhos deveria notar-se com mais intensidade nos desenhos infantis americanos, sendo de lá justamente que as importamos?

— Pensei nisto a princípio, continua o pintor, e cheguei a perceber à luz da verdade, baseado no fato de que, se nos Estados Unidos, todo garoto recebe três vezes por semana as venenosas histórias, também recebe sempre boa literatura, como "A Vida de Lincoln Para Crianças", "A História de George Washington", etc. Mas no Brasil ainda não temos o antídoto.

E' verdade que temos grandes escritores na literatura infantil. Mas nenhum dêles se escuda em uma força editorial suficientemente forte, capaz de contrabalançar a má influência que causam estas historietas na mentalidade das novas gerações.

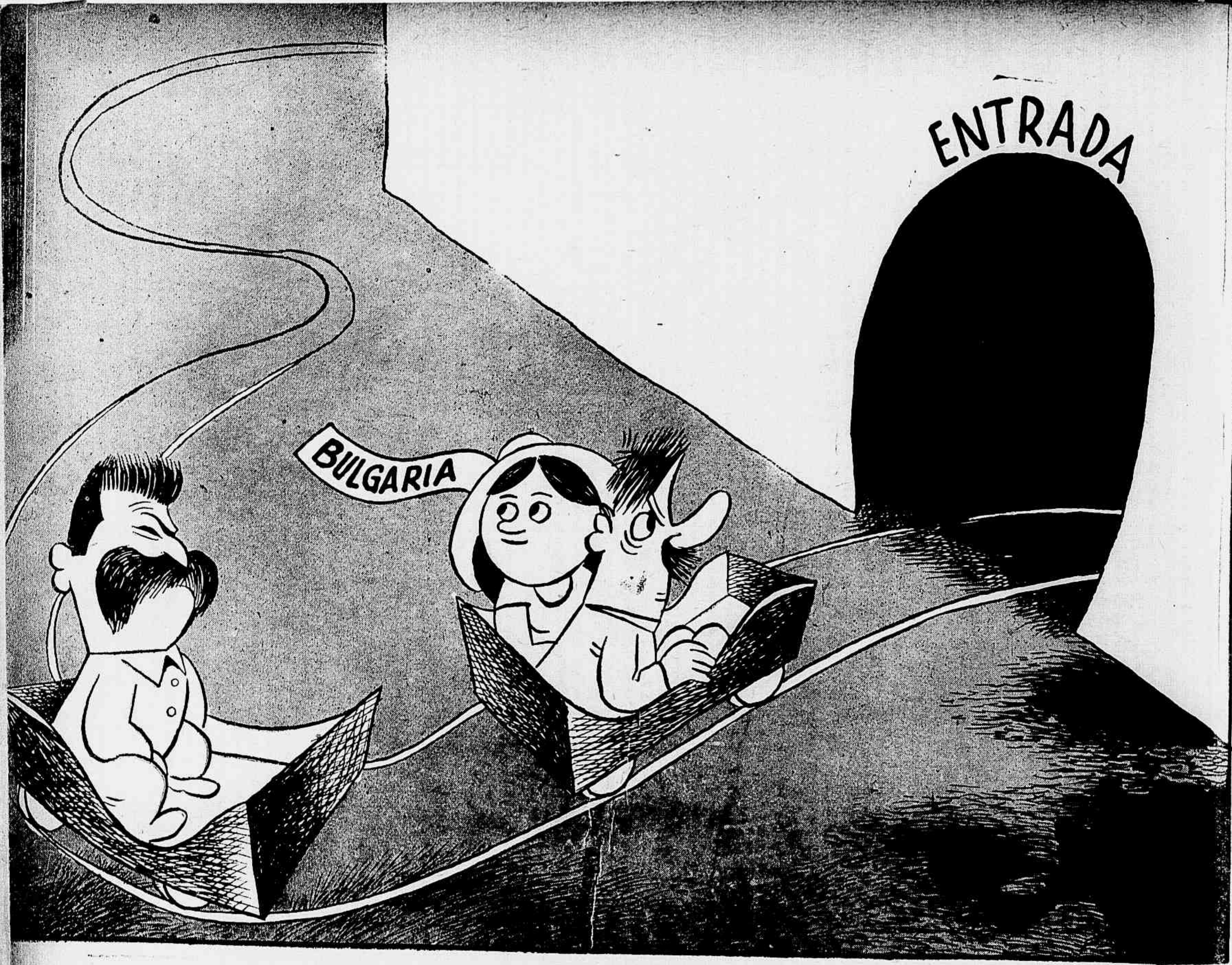
E é pena, porque temos meninos que prometem. Veja por exemplo este desenho de uma menina de 12 anos, de São Paulo. E Augusto nos mostra um casamento retratado pela garota. Ficámos a admirar o entusiasmo com que o pintor observa os detalhes do trabalho da pequena artista bandeirante.

Ele, por fim, levantando a cabeça, observa:

— Nós os artistas, temos uma grande tarefa a cumprir: ensinar a verdadeira arte às crianças do Brasil. A tôdas as crianças da cidade e do campo. A tôdas as



A pinacoteca de Augusto Rodrigues e pequena e selecionada. Aqui o vemos diante de uma tela de Panetti, que ocupa lugar de honra em sua coleção.



NO TUNEL DOS BALKANS



crianças de um aos setenta e dois anos.

A CARICATURA E A GUERRA

Continuando a palestra, perguntámos ao desenhista se ele não julgava que a simples divulgação de caricaturas e cartazes fôsse uma propaganda suficiente para a arte moderna.

Augusto Rodrigues acendeu um cigarro, molhou os lábios com cerveja e respondeu:

— A caricatura atinge êsse fim, pois ela, como os cartazes, é feita para servir determinadas idéias ou propagar idéias novas. Prêsa a êste objetivo, se o alcançar com sucesso, terá cumprido sua missão.

Quando faço uma caricatura política, quando rabisco a caran-tonha de Hitler, o meu fim é sempre combater o fascismo, através da ironia ou do grotesco.

O mesmo se dá com os meus cartazes. A arte ali é aplicada em função da idéia e nunca se poderia prejudicar esta última em

benefício de um efeito artístico qualquer.

Enquanto o pintor fazia uma pausa para esvaziar o copo de cerveja, rememoramos em silêncio a história de suas caricaturas políticas e de seus cartazes de guerra. Já os havíamos encontrado por todo o país, impressos nos jornais da Bahia e de São Paulo, espalhados no Recife, pregados nos muros de Belo Horizonte.

Revimos mentalmente aquela famosa de Hitler e do Waldemar; relembámos o sucesso ruidoso do cartaz que ele fizera para ilustrar o "slogan" de João Neves da Fontoura: "O Integralismo é a Alma da Quinta Coluna no Brasil".

Em verdade, em nenhuma destas charges e destes cartazes, apesar do traço artístico inconfundível de Augusto Rodrigues, se pode encontrar a preocupação de "fazer arte". E se alguma vez houve esta intenção ela esteve sempre subordinada à preocupação de combater o fascismo.

Aliás esta é mais uma vitória do pintor. Sim, pois ele, coerente com a escola moderna, fez arte para servir a uma determinada idéia, sem nunca se prender a preocupações de detalhes que não pudessem servir a êste fim.

Da coleção de arte de Augusto Rodrigues fazem parte esculturas populares de madeira e argila, que ele descobre em baixo da poeira das lojas de belchiores. Aqui temos alguns destes exemplares da arte soterrada da rua Regente Feijó.

SAIDA

BERLIM

BULGARIA



No túnel dos Balcãs as coisas ficaram pretas para Hitler. Foi com esta magnífica charge que Augusto Rodrigues definiu a atitude da Bulgária na guerra.

A ARTE NÃO É PRIVILÉGIO

Seguindo o fio de nossos pensamentos, voltamos à conversa:

— Augusto, você disse há pouco que a arte moderna não estava ainda aceita pelo nosso povo; como explica então o sucesso de suas caricaturas e de seus cartazes?

— Há o seguinte: o povo não aceitou a arte moderna porque ainda não a conhece. Uma pintura para ser aceita por qualquer pessoa deve ser compreendida. Temos que educar o povo para a arte, explicando-lhe os "porquês" de cada coisa. Ninguém deve ser obrigado a gostar de Picasso. Mas deve ser uma obrigação geral discutir Picasso. Só depois de se discutir a arte, de se compreender a arte, é que se poderá abraçá-la ou repudiá-la. Eis por que digo que o povo precisa compreender a arte e ser educado para aceitá-la.

Com a pintura torna-se necessário um plano mais complexo e mais amplo de adaptação e divulgação.

A caricatura e o cartaz são mais acessíveis, justamente pela popularidade dos assuntos que os provocam.

— Acha então que os cartazes e as caricaturas têm uma função

mais geral que os quadros ou a pintura mural?

— Absolutamente. Todo artista que se preze dê este nome deve fazer arte sem pensar para quem a faz. O grande erro das elites culturais e artísticas foi sempre o de crerem que a arte pode ser feita para determinadas pessoas.

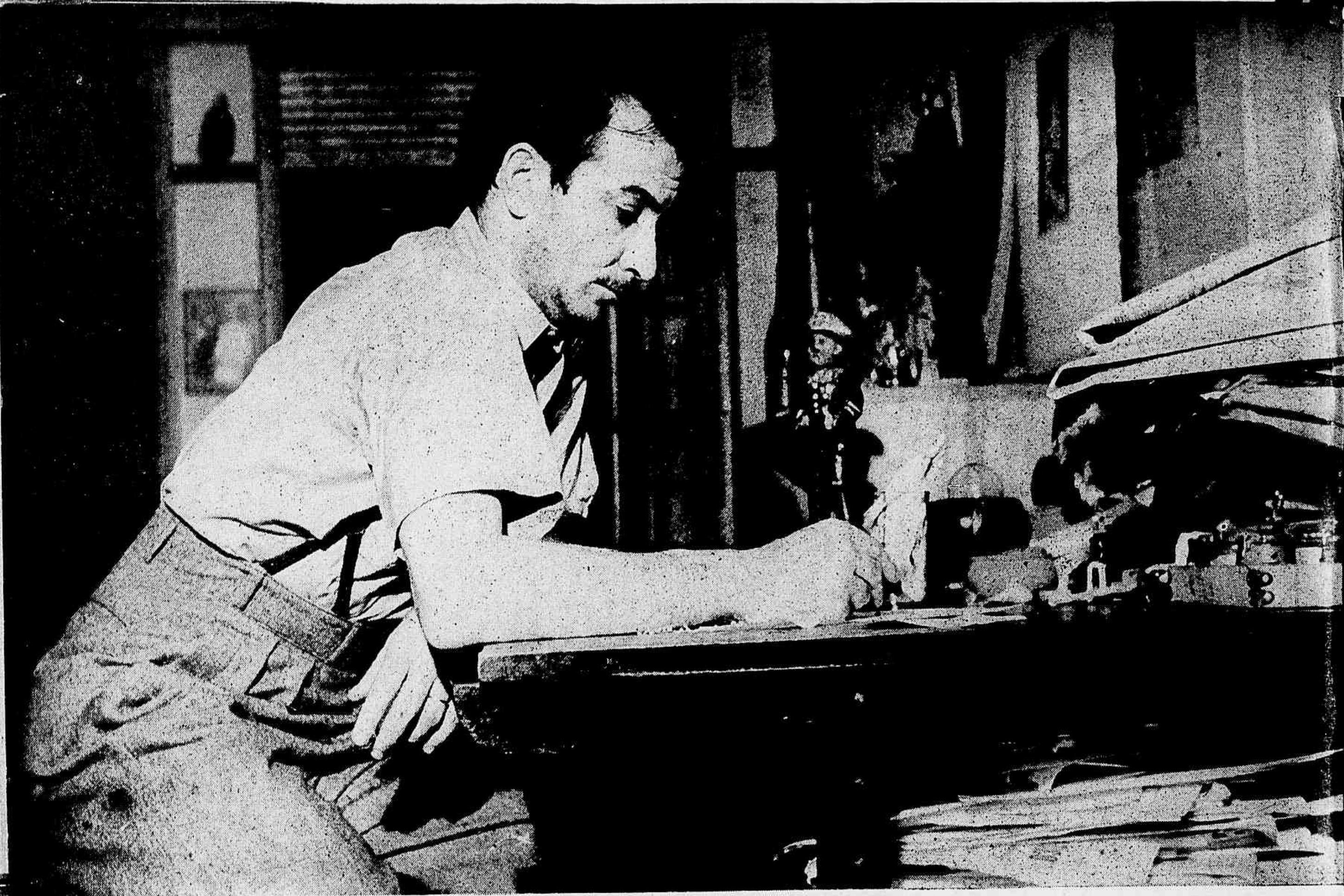
Eu, ao contrário, faço arte para todos. Quem quiser aceitá-la que a aceite. E lembre-se sempre desta verdade, meu velho, concluiu Augusto Rodrigues atirando fora o cigarro: quem pinta, escreve, esculpe ou constrói, nunca sabe para quem o faz. Sempre o faz para todos em geral, e nunca o pode fazer para ninguém em particular. Lembre-se sempre disto: a arte não leva endereço.

OS CABELOS REVOLTOS SÃO UMA IMPOSIÇÃO DA VIDA

Assim deixamos a casa do desenhista. Tínhamos visto ali, em duas horas de conversa com o popular caricaturista, o verdadeiro Augusto Rodrigues, fotografado por dentro. O outro Augusto Rodrigues, a quem muitos julgam



Augusto Rodrigues, o pintor, mostra ao repórter um de seus quadros. O bom epílogo de um romance circense: O palhaço casou com a bailarina e ambos foram muito felizes.



O desenhista em sua mesa de trabalho. Cabelos descidos sobre a testa, sem gravata, Augusto Rodrigues prepara os bonecos que deverão ser lançados no mercado das anedotas na manhã seguinte. 24 horas depois disto, as frases de seus calungas estarão na boca de todos.

cabotino e artificial, este Augusto Rodrigues dos cabelos revoltos e dos paradoxos escandalosos é um tipo que só se vê nas ruas, nos locais tumultuosos. Foi isto justamente o que pensámos quando deixámos a casa do artista. E compreendemos logo a razão de tudo. O Augusto comedido, lógico, sereno, pintando a horas certas, nunca seria um vencedor neste mundo de hoje tão propenso a aceitar a excentricidade e o escândalo e tão adverso a aceitar a inteligência e a arte sem propaganda e sem fanfarronadas.

O que os homens queriam não eram quadros de valor nem idéias aproveitáveis.

Queriam, sim, um artista de sapatos brancos e roupa escura, cabelos em desalinho, gravata "négligée", idéias que parecessem malucas.

Assim, boêmio, displicente, amalucado, o artista estaria em pouco tempo vitorioso.

Os elementos da classe média, de cabeças e bolsos vãos mas sempre expondo idéias e lenços vistosos, mais não queriam que apontá-lo na rua aos amigos do interior que aqui viessem passar as férias, dizendo com ar de importância:

"Aquê é o Augusto Rodrigues. Eu o conheço. É um sujeito de gênio. Vê-se logo pelo laço da gravata."

E o primo da roça embasbacar-se-ia com a importância do amigo que conhecia aquele homem de

sapatos brancos "que pintava para o Brasil inteiro".

Augusto Rodrigues aprendeu, assim, a satisfazer os desejos da classe média, fazendo entretanto de sua caricatura uma arma de combate.

E enquanto por fora satisfaz o desejo dos homens vestindo-se como um artista típico, por dentro remoi o seu desprezo pela vulgaridade enfeitada da mediocridade.

Chegou mesmo a criar, para expor as misérias morais e intelectuais da classe média, um tipo simbólico, um pequeno boneco de placidina, que para dar brilhantes à esposa almoça no "china" e para expor teorias científicas lê "Seleções".

Mas enquanto ridicularizava os mediócras dentro do atelier, satisfazia os mediócras na rua, impondo, pelos seus trajes e pela sua negligência, as suas aptidões de artista.

Olhando-se a tristeza do nosso panorama cultural e artístico, se temos um pouco de senso, chegamos sempre à conclusão de que, para se vencer como maestro, poeta ou pintor no Brasil é mais necessária a cabeleira à inglesa que uma grande sinfonia, um poema genial ou uma tela de valor.

Isto também deve ter compreendido Augusto Rodrigues quando, chegando ao Rio, se lançou à caricatura e à vida.

E o que fez êle? Trancou-se como um vencido na dor de sua derrota, pondo à porta de seu quarto uma placa onde se dizia "incompreendido"?

Não!

Augusto, um artista sentimental como qualquer Marcelo de Mermé, inchou o peito, olhou de frente as multidões cépticas e frias e, de pincel em riste, investiu contra os moinhos de vento.

Acontece que os moinhos eram gigantes enormes, mas, mesmo assim, o jovem lutador os foi matando um a um. E quando um novo gigante lhe aparecia pela frente outro golpe o prostrava por terra.

Novos e poderosos gigantes apareceram porém, e o pincel só não era suficiente.

Augusto usou então de tática. Fingiu-se amigo dos gigantes para poder lutar contra êles.

RIDE, PALHAÇO

Era preciso se adaptar aos métodos dos gigantes, era preciso se adaptar ao mundo, para poder vencer os papões.

E Augusto Rodrigues se adaptou.

O mundo queria um artista excêntrico, de cabelo na testa e sapatos brancos espalhafatosos? — Pois vamos então satisfazer o mundo. E Augusto Rodrigues dei-

xou o cabelo cair para a testa e comprou sapatos brancos.

Augusto viu que o mundo era um circo enorme, onde a garotada, louca pelas emoções do "escavallinho", pedia palhaço em altos brados.

O único meio de lançar a sua arte, de propagar as suas idéias, seria bancar o palhaço e gargalhar no meio do picadeiro.

E assim fez... Vestiu "lá juba" como na velha ária, cobriu as faces com a farinha do cabotinismo e, para os que se dizem entendidos de arte e que no fundo só entendem o "clown", Augusto, no meio do picadeiro, lançou o velho grito "ride, pagliacil".

As multidões aplaudiram. O cabelo na testa, a gravata deslaçada, os sapatos brancos haviam conseguido o que o seu pincel não conseguira.

Augusto Rodrigues, o pintor excêntrico, o homem espetacular e falador, vencera o mundo. Agora poderia impor a sua arte, espalhar as suas idéias.

E o artista continuou a rir, a rir da platéia, a rir dos espectadores, que não sabiam que eram êles mesmos o melhor número do circo.

Porque, na verdade, o mundo é um circo, um grande circo de cavalinhos.

E muito cuidado, mundo, velho mundo! Muito cuidado, que Augusto Rodrigues ainda acaba vestindo a casaca de diretor do circo.

PAÚNA era uma bela moça, que à condição da formosura aliava uma virtude perfeita.

Perfeita a rigor, não digamos: primeiro, porque nada há perfeito neste mundo; segundo, porque Paúna tinha uma espécie de orgulho da sua virtude. Seus olhos muito negros e as sobrancelhas igualmente retintas, além de harmoniosamente talhadas, formavam como dois arcos triunfais dos dois lados do nariz, que era do feitio mais puro; as tranças, enroladas a preceito, compunham-lhe sobre a fronte uma corôa magnífica; o que, porém, ainda mais se fazia notar na sua fisionomia era certo ar de dignidade altiva, que evitava familiaridades como em todos os sentidos se impunha. E todos os rapazes da localidade invejavam Taúnas, que de tão ambicionada, tão requestada criatura obtivera promessa de casamento.

Certo dia, triste e cruel dia, foi invadido o país. Taúnas, chamado às armas, partiu com o seu regimento para o Danúbio. Todas as mulheres se lamentaram, como diante da maior desgraça, por se verem assim separadas, só Deus sabia por quanto tempo ou se para sempre, estas dos maridos, aquelas dos pais ou dos filhos, não poucas daqueles que breve se deveriam tornar os companheiros da sua vida, e para sempre. Paúna ocultou as suas lágrimas. Tentava dar às outras coragem e esperança, e tanto quanto possível conseguia levar àqueles corações amargurados algum conforto ou doçura. Uma vez sozinha, porém, não se podia consolar a si mesma. Pelas notícias que recebia da guerra ia acompanhando os acontecimentos, por assim dizer, dia a dia. E, quando sabia iminente uma batalha, os seus nervos não descansavam um momento. Passava as noites em claro. E deixava a lâmpada acesa para evitar as visões que na escuridão lhe apresentariam Taúnas ferido ou morto...

Uma noite em que se não deitara, deixando-se ficar vestida como andara de dia, e sentada à beira da cama, ouviu uma voz que docemente a chamava:

— Paúna... Querida Paúna... Escuta! Vem falar comigo. Não tenhas medo... Sou eu, Taúnas!

A moça correu à porta, que abriu, exclamando:

— Tu aqui! És tu!

— Sim, eu... disse Taúnas, como se ela, mal acordada ainda, precisasse daquela confirmação. — Não podia ficar mais tempo sem te ver. Por isso aqui estou.

— Mas como vieste? Como deixaste o regimento? Deram-te baixa? Acabou a guerra?

— Não, infelizmente. Vim por tua causa. Só por ti!

— Que dizes! redarguiu a moça, em voz que de tão doce e comovida se tornara toda severidade. — E pensaste que com isso me agradarias? Imaginaste que eu poderia ser noiva dum desertor?

— Talvez já estejas gostando de outro...

— Não, Taúnas. Só gosto de ti e nunca hei de gostar de mais ninguém. Tão certo é isso

PAÚNA

Conto da escritora romena

CARMEN SYLVA (*)

como eu não querer para marido um desertor, um covarde.

— Pois bem! exclamou Taúnas. — Agora te juro que só me tornarás a ver, ou depois de acabada a guerra, ou morto!

De repente, ergueu-se uma labareda no alto do monte Bacegui. Armou-se logo, na localidade, grande tumulto. Todas as janelas se abriram. E já pelas ruas corria gente, gritando:

— Fogo no monte! A floresta está ardendo!

Paúna separou-se do namorado, dizendo-lhe em voz baixa, quase num sopro mas com a maior veemência:

— Vai-te embora! Esconde-te ou morrerei de vergonha!

Desde esse dia não tornou Paúna a receber notícias do bem amado. Andava cheia de tristeza e inquietação. As boas palavras e o sorriso com que animava ou consolava as outras, agora lhe faltavam; e não conseguia nem confortar-se a si própria.

Chegou então a notícia de ter havido uma grande batalha. E Paúna, mal o soube, disse à mãe:

— Não se aflija com a minha ausência, mãe. Breve estarei de volta.

Avistou de longe as fogueiras do acampa-

mento. E apertou o passo, numa ansiedade que de momento para momento ia aumentando. Não a deteve o espetáculo soturno do campo onde se travava o combate gigantesco. Mais de mil mortos se espalhavam por aquele chão de horrores. O vulto de Paúna passava, curvado, procurando por entre os cadáveres o soldado Taúnas... De vez em quando, na escuridão quase completa, julgava reconhecê-lo. Ajoelhava então, para obter a certeza que o seu coração temia mas não deixava de desejar. Outras vezes uma medalha pendurada do pescoço dum homem, um relógio, um anel, qualquer objeto lhe fazia admitir que tivesse acertado. Abaixava-se mais para averiguar. Ainda não. Passava adiante. Não... Não...

O acampamento inteiro dormia. De vez em quando a moça experimentava chamar pelo noivo: "Taúnas! Taúnas!". Não lhe respondiam. Outras vezes, detinha-se um momento, para dar de beber a algum soldado ou tratar-lhe o ferimento de que se queixava. E prosseguia, ora chorando ora rezando, em busca do homem a quem agora, mais que nunca, estremecia:

— Taúnas! Taúnas!

Encontrou-o enfim. Caiu de joelhos a seu lado. Lavou-lhe o rosto horivelmente escarvado pelas balas. Introduziu-lhe nos lábios a água fresca que o havia de consolar...

Quando teve consciência do que se estava passando, o soldado murmurou, entre gemidos:

— Paúna querida... Deixa-me morrer... Estou cego... Inutilizado...

— És meu noivo... respondeu a moça. — Em breve serás meu marido. Mas, agora, fica o mais quieto possível. Não fales...

Decorreram algumas semanas. Levado para o hospital, Taúnas fôra pouco a pouco melhorando. E Paúna não se arredava da sua cabeceira.

Voltaram para a sua terra, de braço dado. Paúna, que conduzia o soldado como se fôra uma criança, ia dizendo aos conhecidos que encontrava:

— Sim, é Taúnas, meu noivo! Vejam como brilha a medalha de valor militar que ele traz ao peito!

Foi um belo e solene casamento. Veio até gente de longe para assistir àquele enlace de tão bonita moça com um pobre cego. Paúna sorria para todos os lados; e a alguém que com mais intimidade a cumprimentasse, respondia:

— Sinto-me tão feliz! E orgulhosa! Meu marido é um herói. E, se não pode ganhar a vida, paciência. Sinto-me com forças bastantes para trabalhar por ambos!

* Pseudônimo da rainha Isabel, esposa do rei Carlos I. da Romênia.





CINQUENTENARIO DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO

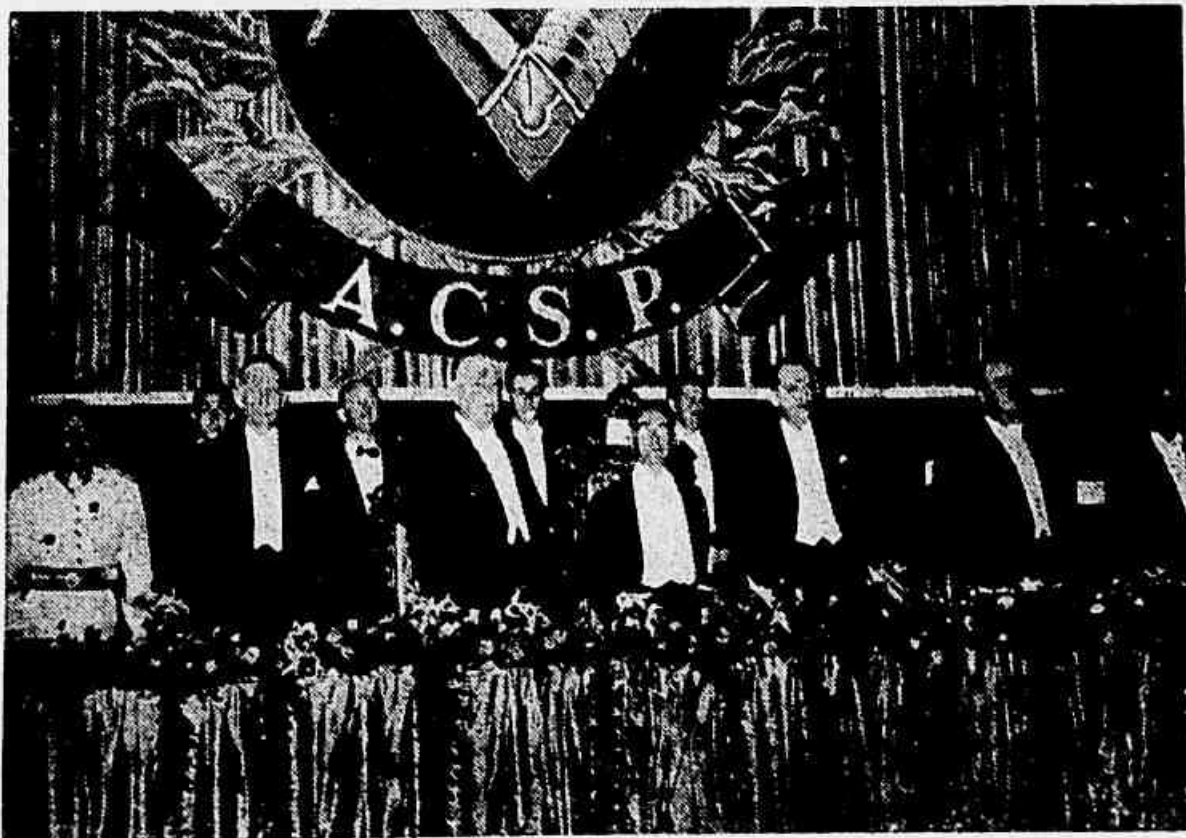
Entre as mais vivas manifestações de regosijo, teve lugar no dia 7 do corrente, no Teatro Municipal da capital paulista, a sessão solene comemorativa do cinquentenário da Associação Comercial de São Paulo, sob a presidência do Chefe da Nação.

Precisamente às 21.55 horas, ao som do Hino Nacional, e sob palmas, o Presidente Vargas tomou assento na presidência da mesa ladeado pelos srs.: interventor Fernando Costa, ministro Marcondes Filho, ministro Souza Costa, d. Carlos Carmelo, arcebispo metropolitano, general Horta Barbosa, brigadeiro Apel Neto, dr. Golredo da Silva Teles, drs. Marrey Junior, Alfredo Issa, Barbosa Gonçalves, Nogueira de Lima, professor Melo Moraes, secretários de Estado, major Amílcar Dutra de Menezes, Rodrigo Otavio Jr., Brasília Machado Neto e outras altas personalidades.

Iniciada a sessão foi dada a palavra ao dr. Brasília Machado Neto que, através brilhante oração, historiou a evolução da sociedade aniversariante.

Falaram ainda, pronunciando brilhantes discursos alusivos à data, os drs. Horacio Lafer e Gastão Vidigal. Discursou em seguida o Presidente Getúlio Vargas, cujas palavras terminaram sob vibrantes e entusiásticos aplausos.

Desta solenidade reporduzimos aqui alguns aspectos, vendo-se ao alto um aspecto da mesa quando falava o primeiro magistrado da Nação.



JOSÉ DE ALENCAR NO TEATRO

Iniciando a sua temporada de Teatro Retrospectivo, Procópio apresentou uma adaptação da peça de José de Alencar, "Demônio Familiar". José de Alencar, que, assim, inaugura essa temporada, foi um dos escritores mais completos da nossa literatura romântica. Prosador e poeta, homem de letras e estadista, êle brilhou nos ramos mais diversos da vida intelectual. É autor de um romance imortal, que já foi traduzido em várias línguas e musicado pelo nosso maior compositor, Carlos Gomes, e ouvido em quase tôdas as grandes cidades do mundo.

"Demônio Familiar" mereceu a honra de uma série de representações em Paris, que seguiu de perto a sua estréia aqui no Rio, obtendo grande sucesso. Se bem que não fôsse abolicionista, José de Alencar tinha uma grande ternura pelos negros e entristecia-o a situação dêles na sociedade brasileira daquela época. "Demônio Familiar" é uma prova disso, e a solução apresentada por José de Alencar para o problema do negro está exposta de uma maneira amena e agradável na linda comédia.

Os antigos acreditavam que tôda casa era habitada por um demônio familiar, do qual dependia o sossego e a tranquilidade das pessoas que nela viviam. Nós, os brasileiros, realizamos, infelizmente, essa crença. Temos, em nosso lar doméstico, êsse demônio familiar. Quantas vêzes não partilha conosco as carícias de nossas mães, os folguedos de nossos irmãos e uma parte das afeições de nossa família. Mas vem um dia como hoje, em que êle na sua ignorância ou na sua malícia perturba a paz doméstica e faz do amor, da amizade, da reputação, de todos êsses objetos santos, um jogo de criança". Assim Eduardo (José Policena) descreve o moleque Pedro (Procópio). Descobrimo os amores de Carlotinha (Norma Geraldty), irmã de Eduardo, Pedro faz-se mensageiro do namorado em troca de generosas gorgetas.





2 Alfredo (Roberto Durval), o namorado de Carlottinha, vem visitar a sua amada pela primeira vez. Obtendo o consentimento do irmão da moça, ele tenciona tornar-se assíduo frequentador da casa de Eduardo. Porém Carlottinha não tem sossego para conversar com aquele a quem ama porque sua melhor amiga, Henriqueta (Niza Teixeira), ama Eduardo mas não pode casar com ele, pois seu pai, o velho Vasconcelos (Elpidio Câmara), deve alguns contos de réis a um rapaz rico recém-chegado da Europa, o Azevedo (Carlos Durval).

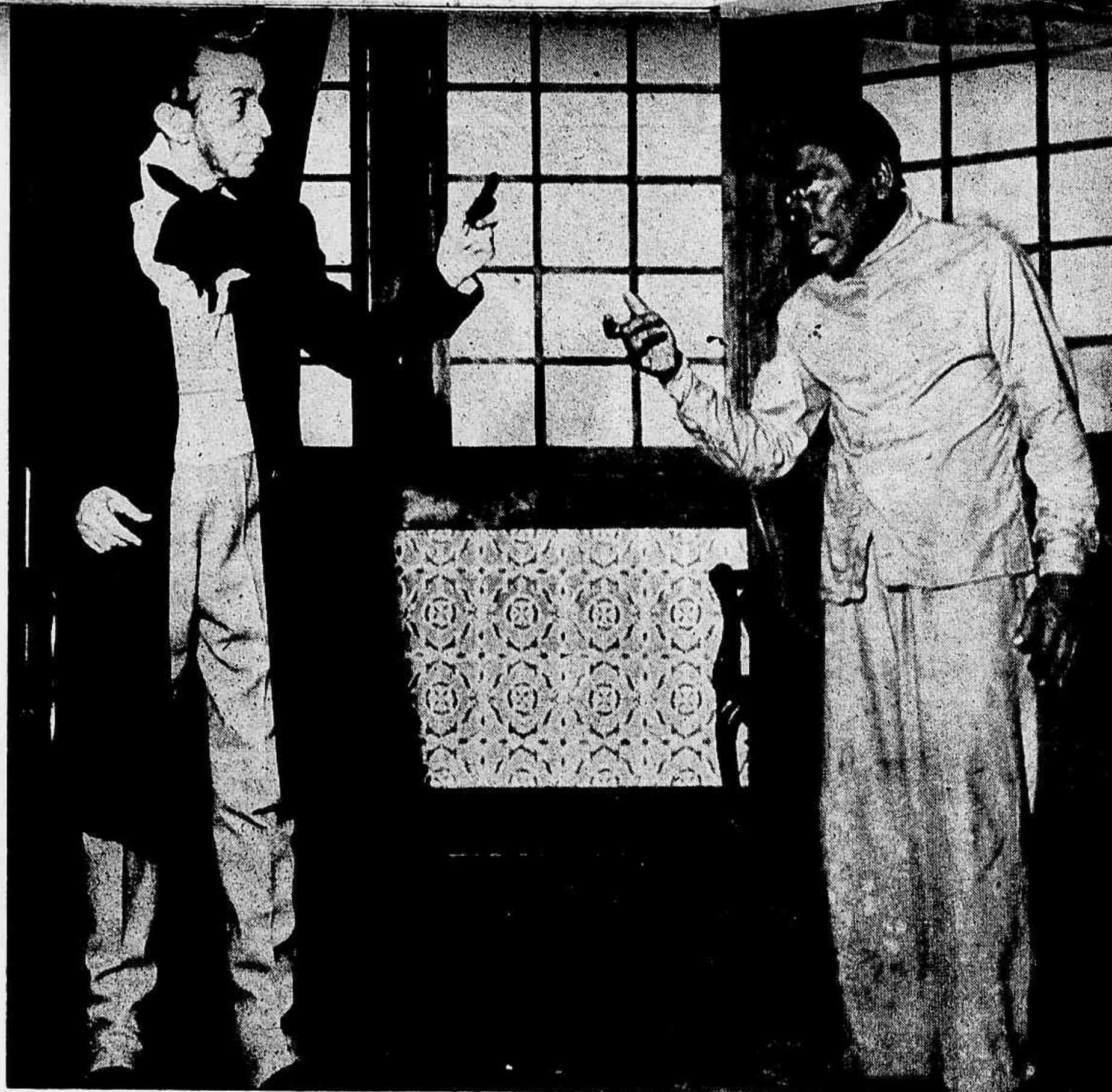
3 Pedro queria ser cocheiro e, para isso, só encontrou um meio: casar o patrão com uma rica viúva que morava bem perto. Para conseguir o que desejava o moleque mandou para a que escolhera para noiva de seu amo as cartas que ele escrevera a Henriqueta, e leva a esta os versos satíricos que o rapaz escrevera pensando na viúva. Descoberto o embuste, o moleque confessa tudo e leva uma severa repreensão. Mas era, na verdade, incorrigível e, mal refeito do susto, já pensava em outra travessura.

4 Eduardo decidira pagar a dívida do velho Vasconcelos para com o noivo de Henriqueta, afim de livrar a moça do compromisso que ela assumira forçada pelas circunstâncias. Mas, quando tudo parece decidir-se da melhor maneira possível, é ainda o moleque que intervém com nova travessura, esta ainda mais grave. Por pouco não faz a infelicidade de Carlottinha. Vendo a moça só, ele se aproxima, com seu ar malandro, entabulando longa conversa. Quais serão as intenções do pretinho? Na sua imaginação já se esboçou um novo plano.



5 O demônio familiar não gostava do velho Vasconcelos. — Vá buscar tabaco na minha casa aí defronte, ordena-lhe o velho. E olhe, acrescenta, diga à minha empregada que eu sei em que altura ficou o tabaco no pote. O moleque se aproveita para tomar umas pitadas e vem espirrando, numa tentativa de imitar a distinção de maneiras do "sinhô velho". Depois da repreensão de Eduardo, ele desiste de arranjar o casamento do jovem patrão com a viúva rica, mas sem abandonar a sua grande ambição de ser cocheiro começa uma intriga para separar Henriqueta de Azevedo e fazer com que este case com Carlotinha. Assim, ela será rica. e, na intriga, ele terá a oportunidade de prejudicar o velho Vasconcelos.

6 Descoberta a intriga que Pedro fizera com o intuito de separar Carlotinha de Eduardo e casá-la com o insuportável Azevedo, Eduardo resolve o problema da maneira mais simples. O castigo de Pedro seria a sua carta de alforria. Estava livre. O demônio familiar não tinha culpa do que fizera. Tudo o que fizera não passava de uma série de travessuras de criança. A maneira mais aconselhável para corrigi-lo era torná-lo livre, para que ele aprendesse a assumir a responsabilidade de seus atos. Aquela fôra a última brincadeira de consequências sérias do moleque.





Quando, depois de amanhã, o Ano Novo tiver dado um ar de sua graça, iniciando o seu limitado ciclo de vida, que não poderá ir além do ciclo cumprido por todos os seus antecessores, em qualquer parte do mundo onde se encontrarem três indivíduos hão de meditar e, cada qual mais apreensivo, terá dito intimamente:

A DOLOROSA INTERROGAÇÃO... — Será em 1945? Não será? Porventura a agonia vai estender-se ainda além? Mas pode, ainda, cessar de um momento para outro, mesmo com os derradeiros estertores, dissimulados em "contra-ofensivas" que são o tiro de misericórdia... (Ilustração do famoso desenhista polonês Arthur Szyk, refugiado nos Estados Unidos, onde desenvolve intensa campanha de caricaturas contra o fascismo, até em trabalhos de propaganda comercial).

— Hoje ainda sei onde me encontro. Mas... de hoje a um ano?

Esses três homens são os responsáveis principais pela catástrofe que já se encontra a caminho de seis anos de triste realidade. São os mentores da página mais sangrenta que a Humanidade já assistiu e sobre suas cabeças cai a maldição de milhões de mães, espôsas e filhas, sempre que o sol se levanta. Não tivessem tramado, entre si, a farça do nazi-nipofascismo — mal jugulada na hora em que as nações livres podiam fazê-lo — e o mundo estaria continuando a sua jornada de paz, isenta dessa fogueira humana, cujas crepitações, longe de arrefecer, mais e mais se espalham e crescem em ambos os sentidos, horizontal e vertical.

Este ano, porém, eles sabem que o fim está mais perto. Possibilidade de vitória desapareceu há muito tempo, desde quando se convenceram do fracasso da "guerra relâmpago". O relâmpago converteu-se em clarão, e clarão que perdura há mais de sessenta meses consecutivos... Dentro desse clarão, eles hão de ser devorados pelo fogo que atearam. Mas, a 1.º de Janeiro de 1945, cada qual terá perguntado:

— Será este ano?

— Irá estender-se ainda ao vindouro?

— Mas pode terminar tudo, bruscamente, de um momento para outro...





A ALUCINAÇÃO... — Quantos, um dia, tiveram o mesmo sonho, viram-no convertido na mais cruel das realidades. Felipe Segundo, Luiz Quatorze, Napoleão Bonaparte e o kaizer Guilherme Segundo, todos ambicionaram o que Hitler, nesta geração, pensou realizar. Mas os fantasmas os perseguem, na sua infrutífera jornada e nenhum deles arrebatou o globo terrestre, nem ele o conseguirá desta feita. (Ilustração de Artztbasheff, outro grande desenhista, esse porém russo e também domiciliado na América do Norte).

Acabe ou não este ano, tenha ou não que estender-se por mais dias ainda o epílogo da suprema tragédia, nós sabemos que o fim dos três tartufos está traçado. Não haverá obstáculo capaz de impedir que venha a consumir-se a apoteose pela qual todos ambicionamos, a apoteose da eliminação dos três cavalheiros de triste figura.

— Será mesmo em 1945?

— Ou irá ainda até 194...?

A interrogação há de estar abalando os nervos, praticamente gastos, desses cavalheiros, que tudo pensaram ser e nada acabarão sendo. E o ano que se avizinha, mesmo com a interrogação do final da luta, chega-nos tocado de maior soma de esperanças. Se os sacrifícios atingem o auge, para cada um de nós, a certeza de um futuro de paz não distante serve para compensar.

Positivamente, que lástima se todo este sacrifício resultasse em pura perda!

Em matéria de sacrifício inútil, foi bastante o da geração de 14-18.

A TRISTE REALIDADE — Mas a realidade é esta: bombas e mais bombas, despejadas por sobre o território germânico, aquele que os nazistas consideravam inviolável, até mesmo pelo ar. E as bombas são transportadas em grandes lotes, de presente para os "super-homens"...



LUIZ AGASSIZ, o reputado cientista suíço, depois naturalizado cidadão norte-americano, esteve no Brasil, de 23 de Abril de 1865 a 2 de Julho de 1866. Geólogo e palontólogo de nomeada, a estudos, visitou o Amazonas, o Pará, o Maranhão e o Ceará, tudo terras menos visitadas por estrangeiros.

Em colaboração com esposa, Agassiz deu conta a coevos e posteror de estadia no Brasil. Prova-o obra ilustrada, subida a mais de quinhentas paginas, escritas em inglês, passadas a francês por Felix Vogeli, professor na Escola Militar da Praia Vermelha.

No Rio de Janeiro o casal Agassiz recebeu condigno acolhimento e constantes demonstrações de apreço. Demorando-se na capital do Imperio, de Abril a Julho de 1865, partiu para o Norte tocando na Bahia, Alagôas, Pernambuco, Parahiba, Ceará, Maranhão e Pará, de onde se foi ao Amazonas.

A 29 de Maio de 1866 havia mais de mez que o casal Agassiz chegara do Ceará, restituído ao seu aposento da rua Direita, esta em breve Primeiro de Março.

Conforme livro de viagem, ornado de belas gravuras sobre madeira, o Snr. e a Snra. Agassiz não viram o Brasil de correria. Consignaram na obra comum muitos aspectos, hoje apresentáveis como espelho do nosso honroso passado. Com atenção de estudiosos viram muitos e muitas cousas, gente nossa, bôa, simples, hospitaleira, cenas características de todo o Norte, vida de selvicolas, costumes de humildes, desses pequenos às vezes tão grandes nas virtudes e rasgos.

Das duas vezes que esteve no Rio de Janeiro, pre-ocupado este com a guerra do Paraguai como os Estados Unidos com a da Secessão, o casal Agassiz só teve motivos para guardar de nós a grata lembrança. Guardando-a externou-a de publico, ao encarecer-nos, o que nem sempre sucede no virar de costas a obsequiadores.

Bastantes foram os estabelecimentos oficiais e particulares visitados pelos Agassiz no Rio de Janeiro de 1865 e 1866, aqui louvando sem restrições, ali de reparos

ESCRAGNOLLE DORIA

VULTOS

OLINDA - ABRANTES -
AGASSIZ

sem acrimonia, admirando a ordem e o brilho de limpeza do hospital da Santa Casa, ou reconhecendo o excesso de conforto na Escola Militar da Praia Vermelha zelada pelo marquês de Caxias e severamente dirigida pelo general Polidoro.

O casal Agassiz subdividiu tempo para acudir a quanto e a quantos o solicitavam no Rio de Janeiro, cidade desejosa de tributar-lhe apreço.

A 28 de Maio de 1866, entre nós, Agassiz completara natalícios cinquenta e nove anos, bem empregados pelo nascido em Motier, sitio do cantão de Friburgo. Em honra do aniversariante a colonia suíça e a alemã organizaram *marches aux flambeaux* a desfilar pela rua Direita, sob as janelas do aposento dos Agassiz, marcha a findar em serenata promovida pelo Club Germania.

Na sua primeira estadia entre cariocas, Agassiz recebera também um banquete, realizado no largo de São Francisco, na sede do Instituto Artistico editor da *Semana Illustrada*. Pelos brindes de Paula Souza, ministro da Agricultura, Cardoso de Menezes, Capanema, Pedro Luiz, Pinto Lima, Joaquim José Inacio, Costa Azevedo, o capitão-tenente futuro Ladario, se avaliara a qualidade dos convidados da festa.

Um dos brindadores, Fletcher, viajante como Agassiz, propoz saudação à imprensa brasileira e no curso de oração aludio à America do Norte e à America do Sul.

Agassiz apartou-o despertando atenção e geraes apaludos.

"Hoje já não ha senão uma America"

Ao Rio de Janeiro veio com Agassiz uma novidade: a Conferencia, isto é o discurso científico ou literario em publico, genero de oratoria desconhecido num paiz de legitimos ou pretensos oradores.

A pedido de D. Pedro II, Agassiz inaugurou conferencia util e gratuita diversa da conferencia praga e paga. Para isto escolheu o Externato do Imperial Cola-

gio de Pedro Segundo, do qual reitor um amigo de Agassiz, o dr. Pacheco da Silva.

Na casa de instrução em quasi fundo da velha rua Larga de São Joaquim, realisaria Agassiz duas séries de conferencias, a primeira série em 1865, a segunda em 1866, de volta de excursão ao Norte.

Ambas as séries de conferencias lograram sempre auditorio numeroso e de escól presidido por D. Pedro II e pela Imperatriz. Nas conferencias de 1865 apareceram poucas senhoras, afrontando criticas por lhes darem desusada presença, o preconceito vencido pelo sexo feminino ao concorrer às conferencias de 1866, sem mais despertar censuras.

O exemplo da presença da Imperatriz, a singeleza do Imperador e de sua consorte recusando logar especial para tomal-o entre assistentes, contribuíram não ser mais reparada a assistencia feminina nas conferencias Agassiz.

A reputação do cientista, o seu modo despretencioso de tratar de assuntos elevados, atraíram publico sempre ao aguilhão da curiosidade.

Quem privado de ir ao salão nobre do *Pedro Segundo*, ainda sem o esplendido salão de Bithencourt da Silva, pelos resumos de imprensa podia acompanhar as conferencias de Agassiz, melhor porem ouvi-o que lê-lo.

No Rio de Janeiro da época pessôas eminentes se achegaram ao casal Agassiz. Destaque-se uma daquelas, a pessôa já historica do marquês de Olinda.

Foi Caxias o cidadão brasileiro que mais recebeu e mereceu honras e dignidades nacionais. Honras e dignidades se não calham enxovalham.

Em honras e dignidades patrias a Olinda coube segundo; logar sem recapitulação da vida de Olinda, reconheça-se que se Alves de Lima, o marechal, era duque, Araujo Lima, o doutor em canones, fôra regente uno do Imperio, e pois tanto ou mais que vice-rei.

Relativamente a relações de Agassiz com Olinda, venha inedita, de arquivo particular, significativa carta do velho marquês a amigo muito de sua roda, o reitor do Pedro Segundo, Dr. Manoel Pacheco da Silva.

Disse-lhe epistolarmente Olinda:

"Illmo. Snr. Dr. Pacheco.

Estou convidado para um almoço em obsequio ao nosso hospede, o illustre Agassiz.

Si elle não dispoz ainda o modo de se dirigir ao local da festa, eu desejo leval-o na minha sége, e o irsi buscar á sua casa: isto entende-se sem desconhavo de qualquer plano que elle tenha formado.

Faça-me o favor de entender-se com elle sôbre isto e com tôda a delicadeza.

Diga-me também se Madame Agassiz o acompanha e si elle tem algum companheiro; porque a sége com dous assentos offerece quatro logares.

Sou de V. Sa.

Atto. V. C.

Marquez de Olinda.

23 de Junho de 1866.

Outro apreciador de Agassiz foi o marquês de Abrantes. Cultivava este a amizade de um professor do Collegio de Pedro Segundo: João Batista Calogeras, grego de origem, educador de muito brasileiro, já no *Pedro Segundo*, já em collegio seu por Petropolis. Nem se esqueça a sua colaboração dada a Abrantes na Questão Christie.

Entendendo-se Abrantes com Calogeras, a respeito das conferencias Agassiz, tomou o professor a pena para escrever ao dr. Pacheco.

Do mesmo arquivo do qual foi tirada a carta de Olinda venha outra missiva, espirituosa e inedita, a seguinte devida a Calogeras e dirigida ao Dr. Pacheco:

"12 de Junho Segda feira.

Meu distinto Collega e Amigo.

Aproveitando o seo amavel offerecimento, peço-lhe o obsequio de providenciar de modo que amanhã de tarde seja franqueada a porta escusa do seo Collegio ao nosso venerando Marquez d'Abrantes que gosta muito das sciencias naturaes e não do calor e das emanções de uma sala cheia de cabeças, de mãos, de pernas, de barrigas, etc.

Espero que pela mercê do meo bom amigo, o nosso Marquez e a sua pequena comitiva, que não excederá de seis barrigudos mediocres, poderão tomar assento em logar proprio para se ouvir a voz do filho predilecto da natureza, misturada com o doce murmúrio da brisa vivificadora do seo estabelecimento.

Eu attendant, tenho a honra de lhe enviar um reduzidissimo e apertado abraço.

Do seo velho

J. B. Calogeras.



MARQUÊS DE ABRANTES
(1796 — 1865)

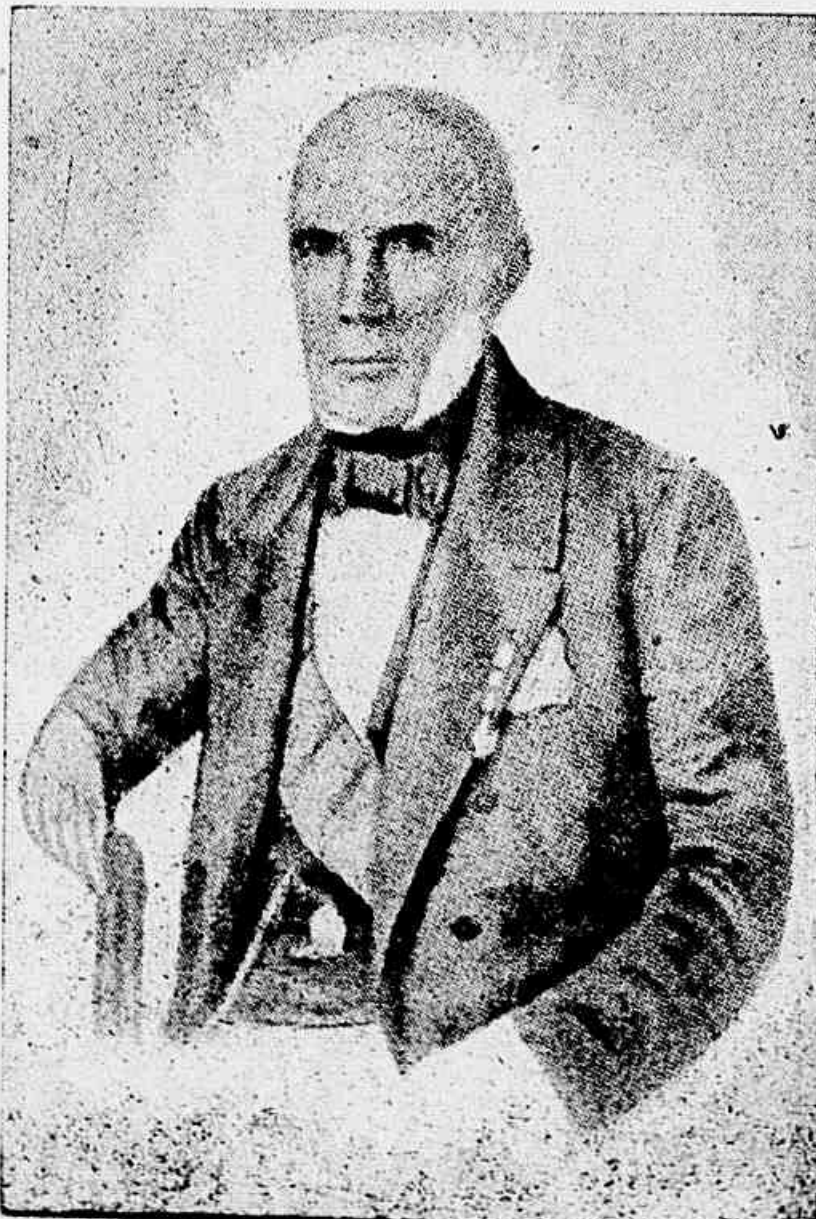
A carta do grego, bom conhecedor do vernaculo mas não esquecido do nativo sal atico, mostra-nos um Abrantes inimigo do calor se amigo das ciencias naturais.

Para ouvir "o filho predilecto da natureza", está-se a vêr Abrantes, ao peso de seus anos principiados no seculo XVIII, entrar por uma porta trazeira do Collegio de Pedro Segundo, seguido por sua comitiva tida por mediocrementemente arredondada e indo direito a logares sem duvida reservados pelo dr. Pacheco, á vista da carta de Calogeras e em atenção ao desejo do seu Amigo, pela posição social de A maiuscula.

Pouco sobreviveria Abrantes às conferencias da primeira Série Agassiz. Ao tornar do Norte, o viajante illustre soube Abrantes falecido a 5 de Outubro de 1865. A 7 de Junho de 1870 desaparecia Olinda e em 1875 o proprio Agassiz.

Os mortos vão depressa, já o disse a velha balada alemã e a vida o confirma.

MARQUÊS DE OLINDA
(1793 — 1870)



TEUS OLHOS

RODOLPHO e Tudica estavam casadinhos de fresco. Ele tinha vinte e oito anos, ela dezoito. Ele era um rapagão, ela uma bonita moça, com dois olhos negros capazes de inflamar um frade de pedra. Eram felizes: amavam-se, e viviam como dois pombinhos num elegante sobrado, recentemente construído pelo Januzzi na rua do Senador Dantas. Tudica era muito boa pianista: tinha sido discípula do Arnaud. Os dois noivos estavam constantemente ao piano, ela sentada, fazendo saltar os dedos sobre o teclado, ele de pé, ao seu lado, para voltar as folhas da música, e dar-lhe de vez em quando um beijo no pescoço. Uma tarde, passando pela rua dos Ourives, Rodolpho e Tudica entraram em casa do Buschmann para comprar, como de costume, as últimas novidades musicais. Um dos empregados da loja impingiu-lhes uma polka

— Dar-se-á caso, pensou ele, que o atraia não o piano mas a pianista?

E Rodolpho lembrou-se de certa ocasião em que surpreendeu Tudica a olhar com muito interesse para o mirante.

— Oh! por distração... (monologava ele) por acaso... sem má intenção, de certo... E' verdade que as mulheres são em geral curiosas... e caprichosas... Mas, meu Deus! aonde me levam estas suposições? Que loucura! Não posso, não devo crer que Tudica...

Entretanto, a moça começou a executar outra música muito mais bonita, muito mais notável que *Teus olhos*, e o visinho desapareceu.

— Que pensou Rodolpho, pois ele via-se embora justamente quando ela toca o *Ricordati* de Gottschalk! E concluiu:

— Decididamente não é um melomano. E as suposições engrassaram.

III

Passados alguns dias, Rodolpho entrou de improviso na sala, justamente na ocasião em que Tudica se levantava do piano depois da execução de *Teus olhos*. Maquinalmente ela deixou o instrumento e encaminhou-se para uma janela que estava entre-aberta. Imaginem o que sentiu Rodolpho vendo o visinho á janela do seu

os seus ciúmes tinham-lhe sugerido a idéia de uma experiência concludente.

Através das cortinas de renda que coavam a luz de fóra, viu Rodolpho que a janela do visinho estava aberta; foi para o piano, abriu sobre a estante a polka de Isaías Barbalho e — como era também pianista — poz-se a executá-la febrilmente, com os olhos pestos no mirante fronteiro.

Logo aos primeiros compassos apareceu o visinho, procurando com o olhar quem dera o sinal convençãoado. Já não havia dúvida possível: ele esperava-a!

Rodolpho saiu bruscamente da sala, e foi para o interior da casa ao encontro de Tudica.

Mas em caminho mudou de resolução; sua mulher estava em casa, não lhe escaparia; mas o visinho... oh, o visinho!... o seu dever era procura-lo e castiga-lo imediatamente.

V

Um minuto depois, o marido ultrajado batia á porta do seu rival. Veiu abrir-lha um preto velho, que recuou espantado em presença daquele homem de olhos esbugalhados e pálido de colera.

Rodolpho entrou como um raio e logo se achou defronte do visinho; e apostrophou-o:

— Miserável! canalha! venho quebrar-te os ossos com esta bengala!



intitulada *Teus olhos*, que acabava de ser impressa naquele dia.

— Podem ficar certos de que esta polka lhes ha de agradar, conquanto o autor não seja ainda conhecido.

Efetivamente, nem Tudica nem Rodolpho se lembravam de ter ouvido o nome de Isaías Barbalho, o compositor de *Teus olhos*.

A polka foi, no entanto, empacotada com as outras novidades, e nesse mesmo dia Tudica executou-a ao piano. Gostou tanto, que *Teus olhos* tornaram-se a sua musica predileta.

II

Alguns dias depois, Tudica estava ao piano e Rodolpho encostara-se á janela, gosando a fresca da manhã e vendo quem passava na rua iluminada por um sol radiante.

Depois de alguns momentos de silencio:

— O' Tudica, toca-me os *Teus olhos*.

Apenas a moça dedilhara os primeiros compassos da polka, Rodolpho viu, do outro lado da rua, um sujeito aparecer á janela de um mirante e olhar fixamente para ele.

Mas não lhe deu atenção, dizendo consigo que naturalmente o visinho gostava de musica e fóra atraído pelos sons do piano.

Depois recordou-se que mais de uma vez, estando á janela com Tudica, já tinha visto o mesmo individuo.

mirante e, pelos modos, satisfeito, cofiando os bigodes com uns ares de conquistador.

E o ciumento marido desde logo se convenceu de que a polka era um sinal convençãoado entre Tudica e o homem do mirante.

— Provavelmente eles ainda não chegaram a falar, pensou Rodolpho, mas não ha duvida que as coisas se encaminham para isso. Está a entrar pelos olhos que Tudica dá corda ao visinho.

Rodolpho encostou-se á sacada, mas já o outro havia desaparecido, contrariado naturalmente — julgava ele — por ter vindo para a janela o marido e não a mulher.

Tudica poz-se a executar outras musicas, e — quem sabe? — cada uma delas talvez tivesse a sua significação convençãoada. Esta diria: "Meu marido está perto de mim", aquela: "Tenha cuidado". Em todo o caso, nenhuma delas tinha o mesmo encanto para os ouvidos do visinho, porque este só apparecia á janela quando Tudica tocava os *Teus olhos*.

IV

Desde então a existencia de Rodolpho tornou-se um verdadeiro inferno. O pobre diabo estava convencido de que sua esposa era uma hipocrita, que o não amava, e procurava ocasião para trai-lo á vontade.

Como não tinha até então provas positivas contra a pobre Tudica, não articulou uma queixa, mas tornou-se taciturno e irascível.

Um dia saiu do quarto de dormir, e foi para a sala:

O dono da casa não perdeu o sangue frio, e respondeu com muita tranquilidade:

— Eu creio que o senhor está enganado... A quem procura?... Talvez não me conheça: eu chamo-me Isaías Barbalho e sou um pobre musico...

— Isaías Barbalho!... exclamou Rodolpho. O autor da polka...

— *Teus olhos*, concluiu o outro, empertigando-se com um movimento de orgulho.

— E o senhor gosta de ouvir tocar a sua polka, não gosta?

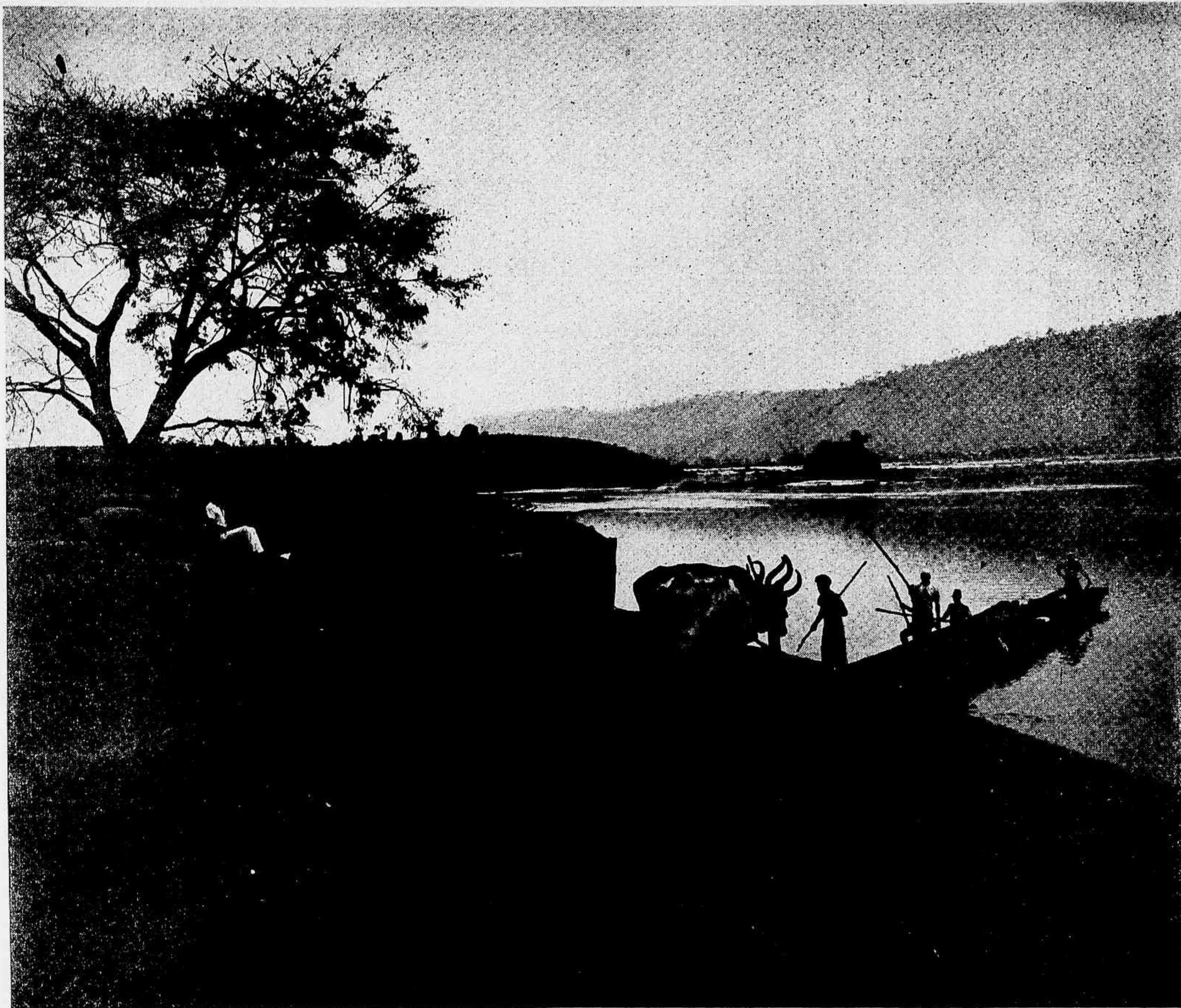
— Se gosto! se gosto!... Olhe, ali defronte ha uma senhora que todos os dias a executa ao piano, e primorosamente... Pois ha de crer que eu chego á janela mal ouço os primeiros acordes?...

— Peça-lhe que me desculpe, disse Rodolpho. Enganei-me efetivamente... não era o senhor que eu procurava...

E nunca mais teve ciúmes de Tudica.

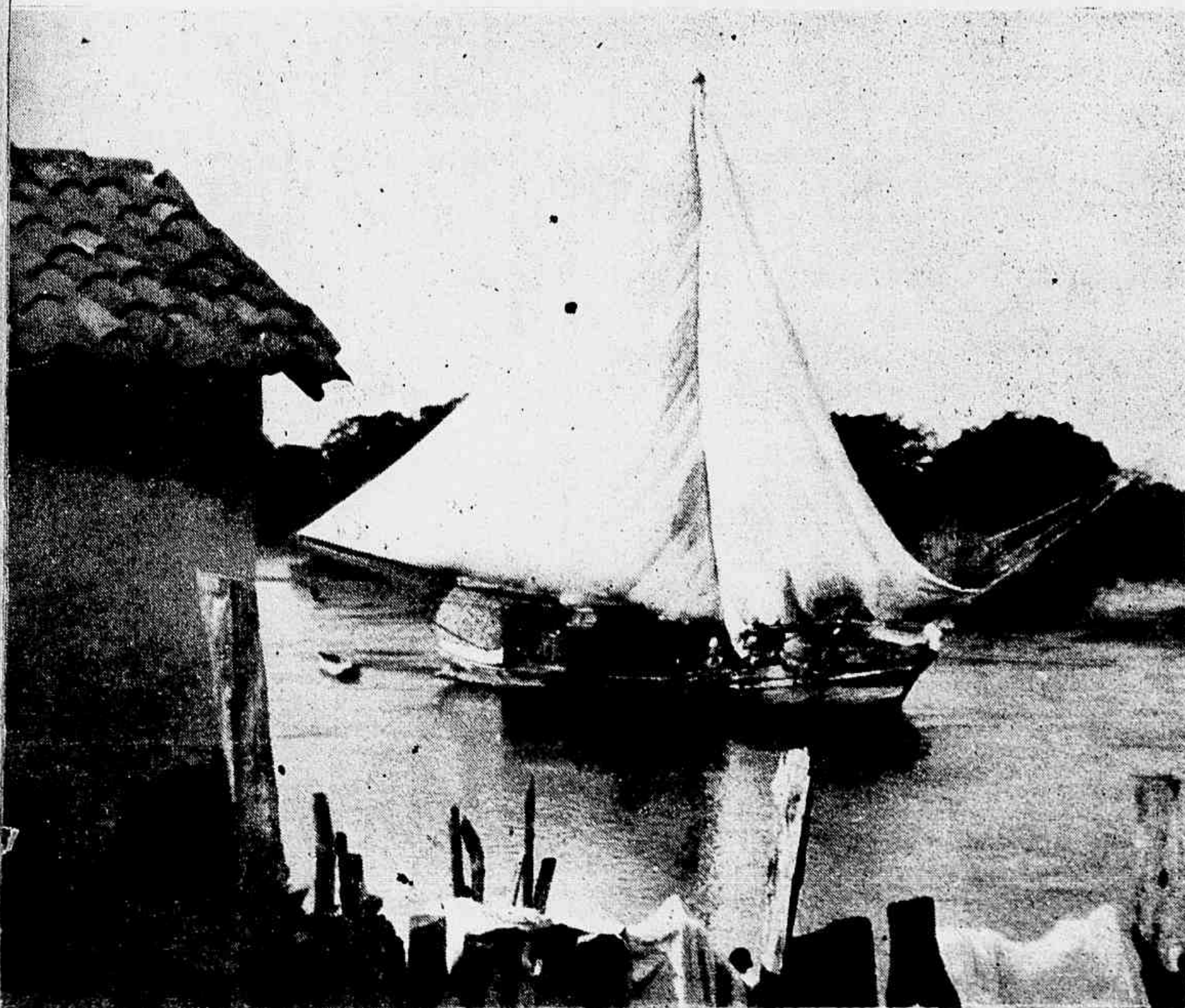
(Do livro *Contos Ephemeros*)

CONTO DE
A. AZEVEDO
Ilustração de JOSE ANTONIO



COISAS DO BRASIL

Na gravura ao lado, "Barca do São Francisco". Subindo o rio Corrente, afluente do rio São Francisco, a barca se dirige para o pôrto de Santa Maria, para carregar rapadura, após uma viagem de cêrca de dois meses, tendo como ponto inicial a cidade de Joazeiro, no Estado da Bahia. Essas barcas são impelidas a vara, a voga (remo) ou a vela, quando há vento favorável. Sobem cheias de mantimentos — sal, café, fósforos, etc. — que vão sendo vendidos no percurso, e descem abarrotadas de rapadura, que é, ao mesmo tempo, o substituto do açúcar e do próprio alimento das populações pobres à margem do S. Francisco. Na gravura acima, outro flagrante pitoresco: embarque de cereais no rio Doce, na fazenda Aymorés, em Minas. Coisas do Brasil, que tão poucos conhecem nas grandes capitais, e que, entretanto, muito mereciam ser divulgadas... Os meios de transporte mais primitivos, na aparência, são ainda os que melhores resultados oferecem. Estas ilustrações reúnem muito de poesia e valem por um significado eloquente da beleza e do encantamento pictórico das nossas regiões de "hinterland".





NOS BASTIDORES FEMININOS

K. T. STEVENS (Columbia).

É bastante fácil conseguir-se uma beleza radiosa, desde que sejam observados certos cuidados com o "make-up". Hoje darei às minhas amiguinhas alguns conselhos sobre a arte de aplicar o "make-up" e da qual depende toda a sua formosura.

Se você usa uma "base", quer seja em pasta quer seja em líquido, espalhe-a bem, batendo suavemente para cima e sempre na mesma direção. Convém ler atentamente as indicações que acompanham o pote ou o vidro e não ignorá-las, como a maioria costuma fazer. Lembre-se de que aquelas indicações foram estudadas cientificamente de acordo com o preparado sobre o qual se baseiam. O pó de arroz não precisa ser da tonalidade exata da "base", mas nunca deverá ser mais escuro e sim mais claro.

Quanto ao baton e ao rouge, opte sempre pelo vermelho puro; ele fará com que você pareça sempre mais jovem e mais atraente, o que nem sempre acontece com os outros tons. Se você gosta de usar diferentes desenhos de boca, faça suas experiências em particular e, só quando encontrar um que realmente lhe vá bem, então use-o quando sair à rua. Não esqueça de que deve ser rigorosamente honesta com você mesma...

Não faça "tudo" ao mesmo tempo nos seus olhos, mesmo em ocasiões muito especiais. Alongue a linha das sobrancelhas com um lapis, ou aplique sombra para torná-las mais profundas, ou ainda cosméticos para torná-las maiores. Mas nunca faça as três coisas ao mesmo tempo. Durante o dia não use nada nos olhos, a não ser um bom óleo para as pestanas.

Tenha sempre uma escova macia para remover o excesso de pó; não deixe nunca o baton sair dos limites da linha traçada. Quanto aos cabelos... bem... Estes por si só merecem uma crônica, e prometo às minhas leitoras tratar desse assunto muito brevemente.

Kitty.

Hollywood e a moda



Na foto superior — K. T. Stevens, filha do famoso diretor Sam Wood, apresenta às nossas leitoras alguns dos seus modelos exclusivos. Aqui a vemos com um graciosíssimo "short" de linho branco, com a frente da blusa e as mangas em tecido listado. E' sem dúvida uma sugestão interessante que não passará despercebida às nossas leitoras.

Nas fotos ao lado, da esquerda para a direita — Bastante jovial e primaveril é este modelo da encantadora "estrêla". O vestido é em algodão branco estampado com grandes flôres em cores vivas, e a blusa em cambraia ou algodão claro com "sinhaninha" branca arrematando a gola.

Para um chá elegante, eis um lindo vestido de seda preta, não muito pesada. A saia é em "godet", o corpo ajustado com ligeiros franzidos dos lados. Dois laços originais cobrem as mangas. Também o cinto é amarrado à frente, formando laço. Decote em "V".

Poucas inovações podem ser introduzidas num traje para o tenis. Aqui, no entanto, K. T. nos dá, dentro do clássico, um modelo bastante gracioso para a prática do elegante esporte. Ele poderá ser confeccionado em "shantung", "piqué" ou linho branco.

(Fotos Cúmbia)





- 1 Miss Blair diz que uma coisa indispensável é saber fazer "boucles". Aqui a vemos enrolando seus cabelos em pequenas "boucles", antes de deitar.



- 2 Não esqueça que resíduos de pó e de creme se acumulam geralmente próximo à raiz do cabelo; é necessário limpar-se sempre os locais atingidos com algodão embebido num tônico.

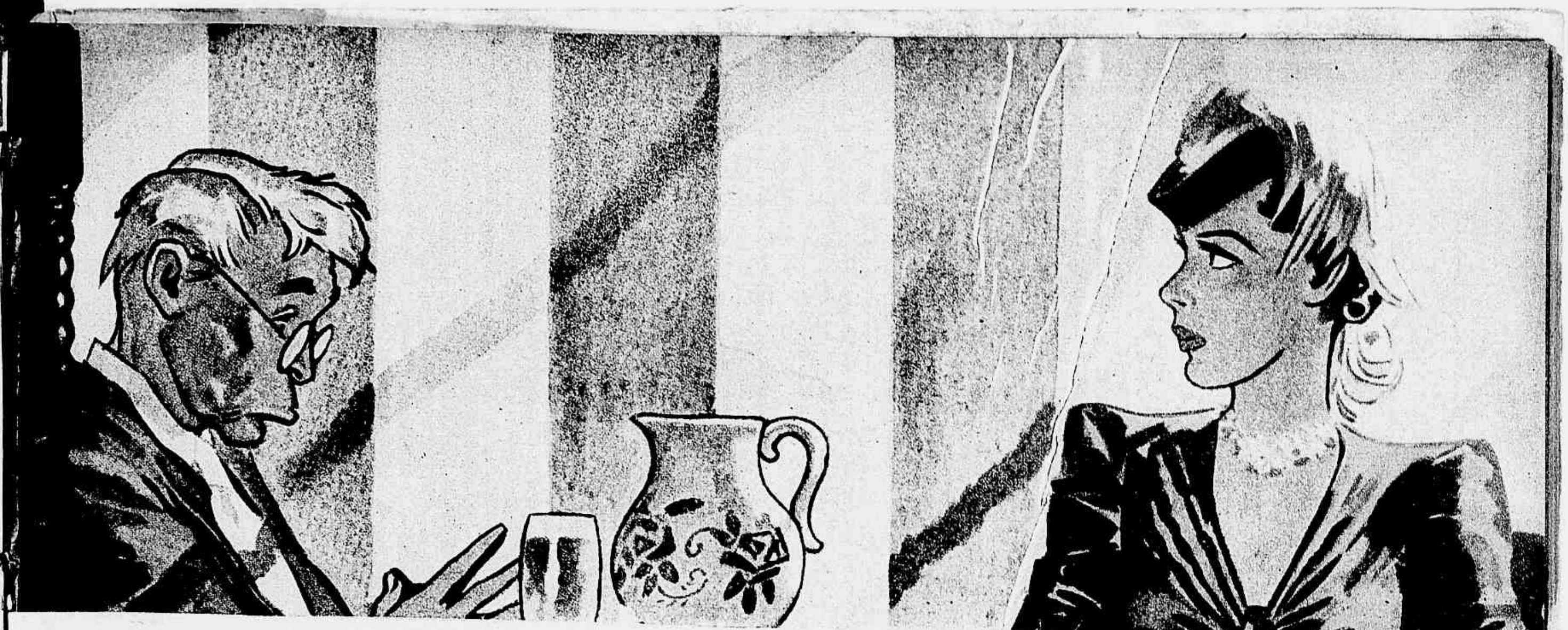
OS CABELOS DEVEM MERECER UMA ATENÇÃO ESPECIAL

Uma cabeleira mal tratada, mesmo que o "make-up" esteja impecável, dá sempre idéia de desleixo. Para que os seus cabelos estejam sempre bem penteados, siga os conselhos de Janet Blair.

- 3 Escovar o cabelo é indispensável. Comece por escovar o couro cabeludo, e só então é que deve escovar o cabelo.

- 4 Um bom perfume é o retoque final. Mas procure usar sempre um perfume delicado e suave, diz ainda Janet Blair.





O CASO DO ROUBO DO LULÚ DA MILIONÁRIA ERA MAIS COMPLEXO DO QUE PARECIA Á PRIMEIRA VISTA...

O ROUBO DO LULÚ

(ADAPTAÇÃO DE UMA NOVELA DE AGATHA CHRISTIE)

HERCULE POIROT levantou os olhos e encarou fixamente o visitante. Não perdeu um só detalhe das feições e maneiras um tanto ou quanto grosseiras que se esforçavam por afetar uma delicadeza que não tinha. Não perdeu uma só minúcia nem foi enganado pelo traje elegantíssimo — obra do alfaiate e que não atesta o caráter do homem.

— Sou um homem simples, sr. Poirot...

Poirot olhou-o com uma expressão de vasia polidez.

— Acredito-o. Acredito-o.

— Pois é isso, sr. Poirot. Eu não sei fazer mesuras nem falar bonito.

— Asseguro-lhe, meu caro senhor, que isso não tem a menor importância.

— Pois bem. Queria dizer que estou disposto a pagar. Agora, uma coisa é preciso que o senhor saiba: eu pago, mas quero ser bem servido e não me dou com trapaceiros. Já tive que lidar com muitos e todos eles saíram perdendo.

Depois, vendo que se tinha excedido, continuou:

— Pois é, mas eu não quero dizer que o senhor é trapaceiro...

— Muito obrigado.

— Não tem de que. Eu não quero dizer que o senhor seja trapaceiro, mas...

— Mas...?

— Mas também quero que fique sabendo que... que não poderá enganar-me.

— Asseguro-lhe que essa não é minha intenção.

— Tanto melhor, tanto melhor.

— Agora, o senhor deve saber que eu cobro muito caro pelos meus serviços.

O homem impertigou-se.

— Já lhe disse que pagarei, sem hesitar, o que merece.

— Bem. Esperemos que na hora não tenhamos divergências a respeito do valor do meu trabalho.

— Mas se eu lhe disse que...

— Bem, isso não vem ao caso, agora. Vamos ao que interessa.

— Muito bem.

— O senhor é um homem de sorte!

— Um homem de sorte? Ora essa, eu venho contar ao senhor que fui roubado e o senhor ainda me diz que sou um homem de sorte!

— O senhor é um homem de sorte, não porque foi roubado, mas porque encontrou Hercule Poirot disposto a servi-lo. Imagine o senhor que eu, sentindo os efeitos da minha vida agitada e vendo avançar cada vez mais minha idade para a casa dos oitenta, resolvi aposentar-me. Mas, antes de abandonar de uma vez por todas a profissão em que colhi os louros mais ambicionados e em que conquistei o título de invencível, queria desvendar mais doze casos. Não há dúvida de que os desvendarei. Sou, como já disse, invencível. Mas a sua sorte aparece porque eu resolvi aceitar os casos pela ordem em que fossem surgindo, sem

cogitar se seriam fáceis de mais ou demasiadamente desinteressantes. A minha saúde, infelizmente, não suporta uma longa espera. Assim, o senhor teve uma grande sorte em vir logo depois dessa decisão...

— Não compreendo...

— Porque seu caso é desinteressante. O roubo de um lulú... Ora! Hercule Poirot desvendando o mistério do desaparecimento de um lulú! Francamente. Até parece brincadeira...

— Mas não é!

— Sei disso, sei disso.

— Ora graças!

— Se ao menos o caso apresentasse circunstâncias interessantes...

— Mas o senhor ainda não ouviu o caso...

— Ora, eu bem sei como são esses desaparecimentos dos lulús das milionárias...

— Pois engana-se. Esse caso é todo especial.

— Vamos a ele, então.

— Eis os fatos: minha mulher tem uma governante. Uma mulher de toda a confiança que lhe ajuda em todos os serviços...

— Serviços?

— Sim... Escrever cartas, enviar convites para festas, organizar recepções...

Diante da enumeração do "trabalho" da milionária, Poirot não pôde conter um sorriso.

— Muito bem. E daí?

— Faz parte das atribuições da governante levar todas as tardes o cachorrinho de minha mulher a passeio.

— Até aí, nada de extraordinário.

— Espere, espere. Certa tarde, passeando pelo parque e levando o cachorrinho pela corrente, a governante encontrou uma colega que empurrava o bercinho de uma criança.

"Shang Tung" corria ao lado da governante, seguro pela coleira. Miss Carnaby, distraída, contemplava as brincadeiras das crianças, quando ouviu uma voz, bem perto:

— Mariana!

Era uma amiga, que desempenhava função idêntica à sua junto a uma outra dama da alta sociedade.

— Lucille!

— Que ótima surpresa!

— E' mesmo. Como vai?

— Não vou lá muito bem, não. A patroa é nervosa e quando está com "seus azeites" não há quem a possa aturar...

— É?

— Ih, você nem calcula! Esse menino, também, é um inferno. Chora a manhã toda enquanto eu tenho o que fazer, e quando eu venho para o parque dorme o tempo todo! Incrível. E a patroa... Ainda hoje de manhã ela me disse: "você não está bem". Só queria que você ouvisse! Também,

se fosse outra menos acomodada do que eu, não aturava!

— Ruim assim, é?

— Uma coisa pavorosa!

— Deixe ver o menino!

— Olhe só. Veja como dorme! É um garoto leve! Mas é bonito, não acha?



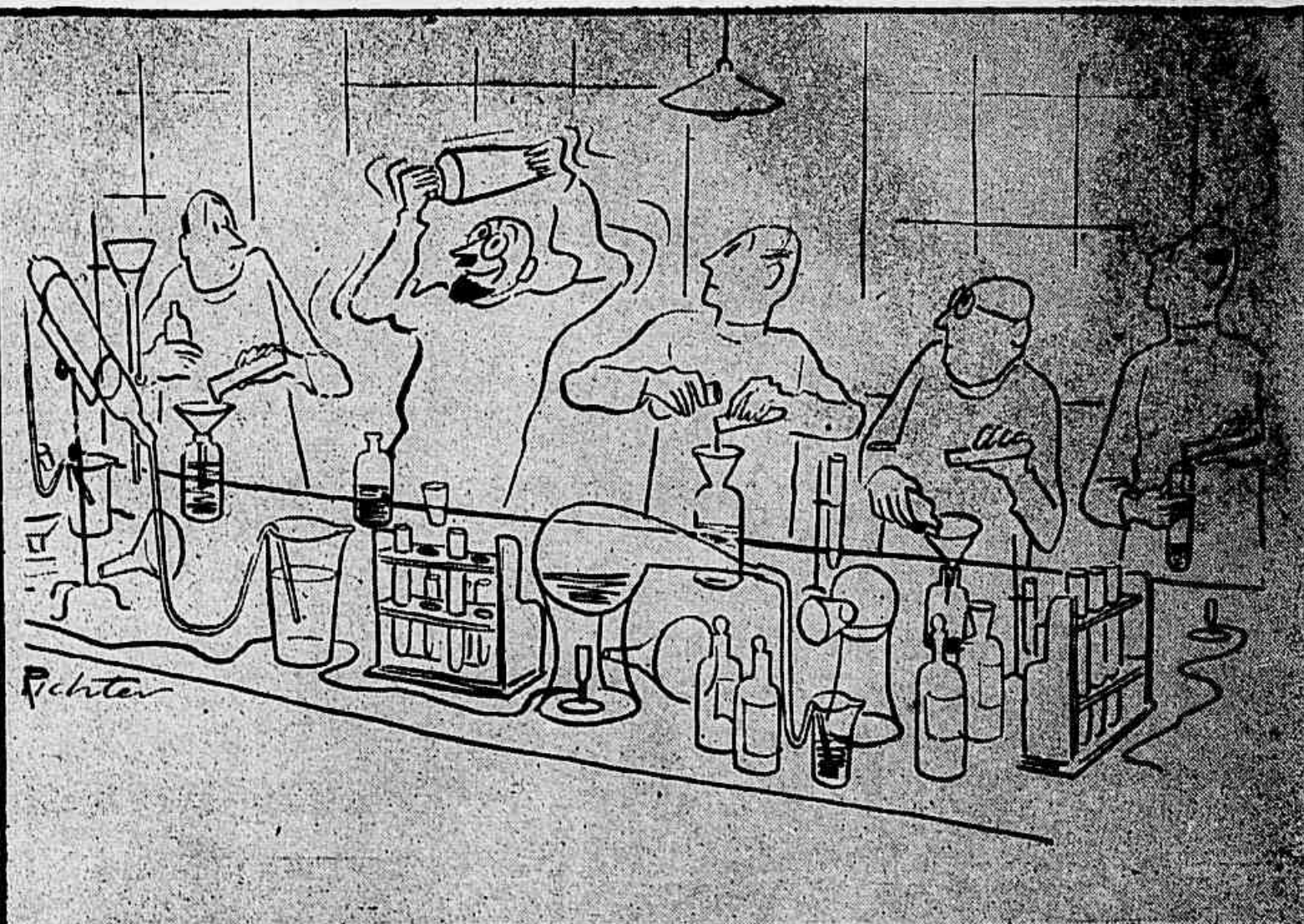
Larry Reynolds
6



- Não se entusiasme, querido... E' só propaganda!



-- Sua Alteza Imperial!!!



de Bom Humor





Como é de praxe, o Rotary Club do Rio de Janeiro realizou, a 17 do corrente, a sua festa rotária do Natal dedicada às crianças asiladas. Realizada no Teatro João Caetano com a presença de diretores, rotarianos e famílias, a encantadora reunião se mostrou mais uma vez um acontecimento empolgante, não só pela distribuição de brinquedos como também pelas representações levadas a efeito no palco do teatro. Durante o intervalo foi servido ótimo lanche à petizada, constante de leite, doces, balas e outras guloseimas. Nesta pagina damos três flagrantes da bela festa.

FESTA ROTÁRIA

31





STA. VERA MARIA HASSELMANN, FILHA DO SR. MARIO FREDERICO HASSELMANN E DA SRA. LIGIA SOARES HASSELMANN, CUJO CASAMENTO COM O SR. BALDUR MEURER DA COSTA, FILHO DO SR. OSCAR COSTA E SRA. ADALGISA MEURER DA COSTA, TEVE LUGAR A 6 DO CORRENTE.

A CRONICA SOCIAL REGISTROU O ENLACE MATRIMONIAL DA SRTA. DORA PERDIGÃO, FILHA DO SR. FRANCISCO PERDIGÃO E DE D. MARIA ASSUNÇÃO PERDIGÃO, COM O SR. ARMANDO MESQUITA, REALIZADO NO DIA 6 DO CORRENTE.

NO ÁTO CIVIL SERVIRAM COMO PADRINHOS DA NOIVA O SR. WALDEMAR DELAS E SENHORA; E DO NOIVO O DR. HELIO LAGE UCHÔA CAVALCANTI E D. CONSUÉLO MESQUITA MEDINA.

A CERIMONIA RELIGIOSA, REALIZADA COM SOLENIDADE NA MATRIZ DE ENGENHO VELHO, Á RUA SÃO FRANCISCO XAVIER, FOI PARANINFADE PELO SR. ANTONIO RODRIGUES DOS SANTOS E D. ZAIWA DOS SANTOS, POR PARTE DA NOIVA; E POR PARTE DO NOIVO PELO SR. JAYME AMORIM E D. NAIR MEDINA AMORIM.

A STA. JOINHA CORRÊA DUTRA, CERCADA POR SUAS AMIGUINHAS, NO DIA EM QUE COMPLETOU 15 ANOS, QUANDO OFERECEU ENCANTADORA FESTA ÀS PESSOAS DAS SUAS RELAÇÕES DE AMIZADE.



À MENINA TERESINHA DE JESUS, NO DIA EM QUE COMPLETOU TRES ANOS DE IDADE, FILHINHA DO SR. LUIZ GALO E DE DONA MARINA GALO. COMEMORANDO A FESTIVA DATA, TERESINHA REUNIU MUITOS AMIGUINHOS EM SUA RESIDENCIA, DELES RECEBENDO MUITAS E DELICADAS PRENDAS.

FIGURAS





STA. EUNICE DE MACEDO, FILHA DO SUB-TENENTE JOSÉ NATHANAEL MACEDO E DONA MATHILDE DE ABREU MACERO, CUJA DATA NATALICIA TRANSCORREU NO DIA 22 DO CORRENTE, COMEMORANDO-SE COM UMA REUNIÃO Á QUAL COM-PARECERAM PESSOAS AMIGAS E ADMIRADORAS DA DISTINTA SENHORITA.

E F A T O S

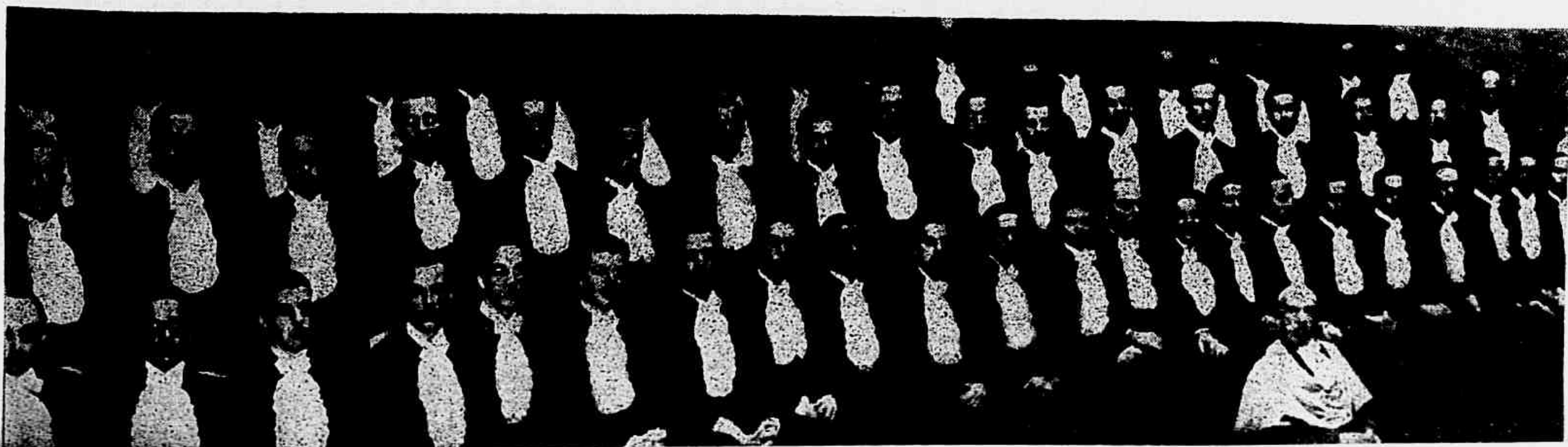


REALIZOU-SE NO DIA 8 DO CORRENTE, NO ALTAR MOR DA IGREJA DA GLORIA, O ENLACE MATRIMONIAL RA SRTA. GLORIA ISABEL BACHUR, FILHA DO SR. CALIL BACHUR, CONCEITUADO BANQUEIRO DESTA CAPITAL, E DE SUA ESPOSA D. OLGA BACHUR, COM O DR. EMILIO BECKLINI. O CLICHÉ ACIMA REPRODUZ UMA FOTO DA NOIVA, TOMADA LOGO APÓS A CERIMONIA RELIGIOSA.



BANQUETE OFERECIDO AO PROF. ARI DE CASTRO, PELOS SEUS COLEGAS E AMIGOS, EM REGOSIJO PELO BRILHANTE CONCURSO QUE PRESTOU NA FACULDADE NACIONAL DE MEDICINA.

COLAÇÃO DE GRÁU DOS DOUTORANDOS DE 1944 NA ESCOLA DE MEDICINA E CIRURGIA DO RIO DE JANEIRO, REALIZADA NO TEATRO MUNICIPAL, NO DIA 6 DO CORRENTE. O ATO FOI PRESIDIDO PELO PARANINHO PROF. JORGE DE REZENDE, TENDO FEITO O DISCURSO DE DESPEDIDA O ORADOR DA TURMA, DOUTORANDO ALCIDES MOSCONI.





COMO TERIA OCORRIDO A TENTATIVA CONTRA HITLER

1 É preciso levantar o moral da população, visivelmente abatido depois de tantas e tão fragorosas derrotas nos campos de batalha. O mundo ignora o que está ocorrendo nos bastidores do hitlerismo, mas convém salvar as aparências. Desmoralizado e tangido pelos seus comparsas, Hitler tem mesmo de comparecer a um desfile. Vai contra vontade. Desconfia de alguma coisa...



2 Súbito, acontece o que o "predestinado" já podia esperar... Em uma volta de rua surge, do lado oposto, um grupo de militares que não está disposto a voltar para o "front". Não têm mais nada a perder. Perderam a família, a fome impera nos lares que ainda subsistem, por isso é melhor lutar para pôr termo à camarilha. E os fuzis voltam-se contra o grupo que desfilava pela rua...

Frequentemente os jornais dão notícia, por intermédio de telegramas nada explicativos aliás, de novas tentativas de assassinato contra Adolpho Hitler. Desde o início da guerra, quantas vezes ele já terá escapado às balas justicieras dos próprios alemães anti-nazistas ou nazistas decepcionados! No entanto, há sempre, não a "divina providência", mas parceiros fanatizados, pobres-diabos cuja educação se fez propositadamente para defender o "fuehrer" embora sacrificando a própria vida, e são eles que têm feito frustrar as tentativas mais audaciosas. O mundo desejaria saber como se processam esses movimentos súbitos, portas a dentro do território alemão.

Aqui está, reconstituída, uma dessas proezas. Claro que tudo é feito por dedução e dando largas ao poder de imaginação. No fim de contas, porém, as coisas devem passar-se tal como se vê nas gravuras destas páginas. Há, sempre, o traço característico de covardia por parte do antigo pintor vienense e o sacrifício inútil de mais algumas dezenas de homens. Para governo dos leitores, advertimos que estas fotos foram posadas pelos mesmos intérpretes de um filme norte-americano, "The Hitler Gang", da Paramount.

3 Trava-se o tiroteio. Brigam alemães contra alemães. Os da tropa de assalto nazista, fanatizados, tentam salvar a pele, mas vão caindo aqui e acolá. A fuzilaria continua. Os "cabeças", como sempre acontece, tentaram escapar deixando os outros em apuros.





4 E Adolfo Hitler? Onde se encontra nesse momento? A frente dos homens que por ele morrem? Não, senhores... O corajoso indivíduo estende-se a fio comprido e treme apavorado... Os olhos traduzem seu triste estado d'alma. Que morram os outros... E que morram para salvá-lo... Ele só se levantará quando o tiroteio tiver cessado.

5 E quando as coisas melhoram, Hitler, munido de um revólver que encontrou a seu lado, levanta-se e corre. Mas como sabe correr o homenzinho! E' verdade que outros fanáticos "cobrem-lhe" a retirada...

6 Providencialmente, ali está aquele automóvel... Não interessa saber a quem pertence. E' utilizado, enquanto é tempo... Os pobre-diabos jazem na calçada. Que vão para o inferno! Salve-se quem puder...



7 Enfim, salvo! Um nazista, disfarçado em civil, assume a direção do carro. Ele, o "heróico salvador da Alemanha", oculta-se como pode e manda tocar, em disparada, para onde possa ficar longe das balas dos seus compatriotas... Positivamente, as coisas estão ficando feias. Não é só o perigo dos aliados... Há traidores dentro de casa...

8 Uff! Um susto e uma corrida assim, acabam com os nervos e deixam o coração em pandarécos... E agora, reunido "em conselho de família", o façanhudo pintor de paredes explode contra os comparsas. Que fazem Goering, Goebels e Himmler que não sufocam esses movimentos? E todos concluem que melhor será preparar um avião capaz de voar até Tóquio, pelas dúvidas...





"Sonho de Valsa"



Uma divertida "charge" ao casamento

QUALQUER empreendimento artístico de Raul têm fatalmente que repercutir de modo muito afetivo dentro desta casa, onde, desde os primeiros dias, êle instalou um de seus setores de atividade.

mentos de maior evidência, e castigando, com a irreverência de seu lapis, hábitos e costumes que lhe desagradam. Aliás, falar de Raul é abranger a crônica humorística brasileira de quase meio século, tanto o tempo ao qual está filiado o nome do nosso mais antigo colaborador, que neste momento volta à sua maior evidência, mercê da

A exposição de Raul Pederneiras

Há quase quarenta e cinco anos que o veterano caricaturista dá ao seu público, por intermédio das páginas desta revista, o seu infalível e apreciado lembrete semanal, fazendo "blagues" à margem dos aconteci-

Muito agradecerei
sua honrosa visita à
minha exposição de
Caricaturas, Humoradas e
Fantasias, fianqueada, de 13
de Dezembro seguinte a 4 de
Janeiro vindouro, das 13 às 18
horas, no Museu Nacional de
Belas Artes.

Raul



exposição de Caricaturas, Humoradas e Fantasias aberta ao público no Museu Nacional de Belas Artes. Damos nesta página três amostras dêsse interessante certame. Melhor será, porém, que o leitor visite, se ainda não o fez, a exposição de Raul, na certeza de passar, ali, excelentes momentos de bom humor.

"O patrão não está em casa".



DE RADIO

RETROSPECTO

Já agora se pode afirmar, fazendo um retrospecto imparcial dos acontecimentos hertzianos, que 1944 foi bastante feliz para o rádio brasileiro. Iniciado com as habituais fúrias de estúdios, a custo sensacionalizadas nas histórias de contratos que deixaram de se renovar em umas para se efetivarem em outras estações, o ano que está morrendo caracterizou-se, ao fim de toda essa mediocridade, por quatro grandes fatos sucedidos quase ao apagar das luzes, isto é, em seus últimos meses. E tantos bastam, entretanto, para indicar uma apreciável melhoria de nível nas transmissões do nosso **broadcasting**. Vou mesmo ao ponto de dizer que só por isso este ano marca uma revolução completa no meio. Quatro acontecimentos: o despertar das consciências profissionais; a confecção do Código do Rádio; o afastamento de Ari Barroso; e a fundação da Rádio Globo.

Quando se falou, pela primeira vez, em arregimentação dos elementos radiofônicos, ninguém acreditou que daí pudesse advir qualquer benefício para o rádio; e eu mesmo, descrente da solidariedade entre figuras geralmente pretenciosos e vãos, manifestei a idéia de um fracasso, apesar de reconhecer e defender, pessoalmente, a excelência dos hábitos associativos. Hoje, confesso-me satisfeito com os resultados já demonstrados pela experiência. Quer a Associação Brasileira de Rádio, quer o Clube dos Locutores, quer o Departamento de Imprensa Radiofônica — surgidos uns atrás dos outros, em frenesi de mobilização de valores para defesa dos respectivos direitos — vão clareando o ambiente em que se misturavam interesses muito a contento dos pescadores de águas turvas, e consolidando as reivindicações profissionais. Foram tiradas as máscaras e postos os pingos nos ii... E todo o mundo fica sabendo o que é e o que quer... Ao mesmo tempo, quase como consequência dessa demarcação de funções e de classes, surgiu o apressamento do Código de Rádio-difusão, cujo maior beneficiário, sem dúvida nenhuma, será o ouvinte. Onde há direitos tem que haver deveres. Submetido a uma legislação especializada e com certeza rigorosa, poderá a radiofonia indígena perder, afinal, esse aspecto de aventura, de organização flutuante, mantido durante cerca de um quarto de século, que a tanto vai a sua existência.

Pelo dito, constata-se que não exagero, asseverando o progresso imprimido ao rádio nos últimos meses de 1944. Mas, que dirá o leitor, então, se ainda mais lhe recordo e enumero as vantagens do passeio de Ari Evangelista Barroso aos Estados Unidos? Que é de aqueles gritos histéricos aos microfones das canchas futebolísticas aos domingos de jôgo? Quem poderá duvidar da sinceridade do beatífico sorriso de desafio, que perpassa aos lábios dos calouros da Tupi, livres da sua Gestapo?... Ou não estou mais em condições de deliberar, ou isto chama-se expurgo! Por outro lado, a viagem do nervoso musicista e locutor esportivo às terras de Tio Sam pode resultar em benefícios de ordem positiva para a radiofonia brasileira. Lá, ele terá ensejo de aprender muita coisa interessante, de compor bonitas melodias, de formar uma variante de mentalidade muito mais consentânea com os nossos foros de civilização, com o seu próprio talento de compositor, com o estalão de **broadcasting** que, de fato, só agora se inaugura entre nós com a iniciativa por muitos títulos original da Rádio Globo: — um **broadcasting** limpo de certas excrecências musicais: certo na deliberação de educar o grande público, isento dos propósitos tradicionais de concorrência desonesta.

DJALMA MACIEL

ETINA VITA



MARILIA BATISTA

—alô... alô...

Aerton Perlingeiro está comandando, ao microfone da Rede Fluminense de Broadcasting, uma série de programas interessantes, destacando-se "Um tango e uma história para você". Nesse "big-broadcast" o locutor fluminense focaliza, através de cuidadosos "scripts", a música portenha.

"Cine-Rádio-Jornal", programa dedicado aos assuntos cine-letrados, está sendo apresentado, através da Rádio Globo, diariamente, às 12,30, seu horário habitual. O programa que Celestino Silveira lançou e continua dirigindo, vem irradiando uma série de entrevistas com os mais destacados elementos de nosso meio artístico, já tendo passado pelo microfone da E-3 Amaral Gurgel, Delorges Caminha, Santa Rosa, Ari Barroso e muitos outros.

O grande violinista Henryk Szeryng está realizando uma série de esplêndidas audições ao microfone do programa "Ondas Musicais", transmitido simultaneamente pelas rádios Tamio, Jornal do Brasil, Nacional, Cruzeiro do Sul, Globo, Mayrink Veiga e Guanabara.



A' venda em todas as livrarias e bancas de jornais,
a grande edição do maravilhoso **ALMANAQUE**
EU SEI TUDO para 1945 ao preço de Cr\$ 10,00.
Pedidos pelo reembolso postal á CIA. EDITORA AMERICANA.
Rua Visconde de Maranguape, 15 --- Rio de Janeiro.

Livros

ALMA DE AGORA, poesias de Paulo Gustavo — Civilização Brasileira S. A. editora —
Rio de Janeiro, 1944



Autor de meia dúzia de livros de versos, para não contarmos os seus outros trabalhos, o Sr. Paulo Gustavo nos dá a perfeita idéia dum poeta triunfante e em tudo venturoso. Toda a gente verá nele um eleito das musas, amado das mulheres, invejado pelos homens. Ora em vitoriosa realidade, ora em sonho satisfeito, a sua existência deve decorrer, toda ela, entre louros e rosas. No entanto, algumas composições do presente volume nos falam, com intensa expressão, de melancolia, dúvida, arrependimento, desespero... Corresponderão essas paginas a uma fase atribulada da carreira ou da vida, em geral, do rimador? Seria ainda tudo aquilo poesia ou, como desdenhosamente conclue a burguezia, sempre de pé atrás com os idealistas, literatura? Quem sabe? Ele, com certeza, mas talvez mais ninguém.

Entre as peças reunidas neste livro, ha uma, além do mais deveras curiosa pela maneira como o Sr. Paulo Gustavo patenteia a sua destreza e facilidade de versejador. Institula-se *confissão* e é consagrada aos poetas que ele mais admira. Ai vão algumas quadras, duas das quais compostas exclusivamente de nomes:

Li Vergílio depois de Heredia,
Fui de Homero e Petrarca a Luiz Edmundo.
Por Bilac, jamais se apagará
Meu entusiasmo... Decorei Raimundo.

Alvarenga Peixoto, Poe, Tagore,
Antônio Nobre, Bernardim Ribeiro,
Claudio Manoel, Ronsard, Milton, Walmore,
François Villon, Rostand, Guerra Junqueiro...

Corneille, Schiller, Rossetti, André Chenier,
Felipe de Oliveira, Jean Racine,
Frederic Mistral, Byron, Daudet,
Teodore de Banville e Lamartine...

Dante, Heine, Shakespeare, e Olegario,
Hermes Fontes, Castro Alves, Cruz e Souza,
Fizeram meu enlêvo e meu calvario...
Por que sempre o ideal tão alto pouza?

Casimiro, Ademar, Bastos Portela,
Alphonsus Guimarães, Albert Samain
Puseram-me no ouvido a frase bela
Com sugestões nevoentas de Chopin.

POR MUNDOS IGNOTOS, capítulos de divulgação científica, por Huberto Rohden—Epasa
editora — Rio de Janeiro, 1944.



O Sr. Huberto Rohden é um sábio que preza e estima as pessoas ignaras. Em vez de lhes esconder pedantescamente os tesouros da sua cultura, como fazem tantos mestres, dando ás suas lições o carater e o tom das preleções só acessíveis aos discípulos privilegiados e aos próprios professores, o autor do presente volume se utiliza de processos capazes de interessar e se comunicar a toda gente. Dá ás suas exposições de química, fisiologia, botânica, electricidade uma feição sobretudo amena. As aulas deste catedrático do livro constituem outras tantas histórias destinadas a cativar o espírito e o sentimento tanto dos leitores ilustrados quanto daqueles a quem apenas assistam alguma curiosidade inteligente e algum desejo de instrução.

"Existem no seio da natureza — diz o autor num li geiro prefacio — realidades que eclipsam as mais fantásticas divagações dos poetas e as mais arrojadas concepções dos filósofos. O que certos livros do genero de *Mil e uma noites* dão como produto da imaginação é pura realidade. E a realidade ultrapassa todos os limites traçados pelo engenho humano. Existem, de fato, esses mundos ignotos, palácios encantados, lampadas maravilhosas, fórmulas magicas, chaves que abrem portas para regiões de infinitas surpresas".

Ora, todos esses prodigios e assombros, o Sr. Rohden os reduz a breves episódios ocorridos no seu jardim ou junto a sua meza de trabalho, a colóquios familiares entre a sua própria pessoa e os seres infinitesimos de que o grosso público poderá não fazer a menor idéa e nos quais, gravemente, doutoralmente apresentados, até se recusaria a acreditar. São, assim, paginas, ora sentimentais ora jocosas, sempre um tanto teatraes, em que figuram protozoários, amebas, seres unicelulares; entram cifras impressionantes, tais como a que indica a quantidade de células existentes no corpo humano: 15.000.000.000, surgem fórmulas químicas mais ou menos semelhantes á do albumo que é Mg. N 4 C 32 H 50 O CO 2 CH 5 CO 2 C 20 H 39; outras enormidades se reduzem a passagens de novela idílio ou farsa... E o leitor ingênuo que, ao cabo destes capítulos, julgue ter-se apenas divertido, em verdade colheu e assimilou noções preciosas — e sem dar por isso, o que indiscutivelmente é a mais agradável maneira de aprender.

NAÇÃO ARMADA

Recebemos o n.º 61 de NAÇÃO ARMADA, revista civil e militar dedicada a assuntos cocernentes á defesa nacional.
E' o n.º 61, referente ao 6.º ano de circulação ininterrupta.

Nova

MINHA TERRA, MEMÓRIAS E CONFISSÕES, de Antônio Botto de Menezes, prefácio de Ademar Vidal — Epasa, editora — Rio de Janeiro, 1944.

Antônio Botto de Menezes



Como bem indicam o título e o sub-título da obra, o Sr. Antônio Botto de Menezes trata nestas páginas — em número de 320 e de grande formato — do seu berço natal e especialmente da sua pessoa. É um paraibano ardoroso, orgulhoso da sua ascendência, das suas amizades, do seu prestígio, apaixonado pelo torrão como tantos se encontram entre os naturais daquelas ditosas paragens. Ainda bem recentemente o Sr. Ademar Vidal, no livro *Terra de homens*, nos falava do amor que aos seus filhos desperta o solo, como diz o autor do volume presente, "nascido sob um signo de sangue, com a predestinação materna de gerar gigantes e heróis".

O Sr. Botto de Menezes começa fazendo sucintamente obra de geógrafo e de historiador. Conta-nos dos primeiros dias da Paraíba colonizada e dos episódios da sua entrada na civilização. Já, porém, nesse primeiro capítulo passa francamente para a atualidade, com a figura tão discutida e tão venerada de João Pessoa. O segundo capítulo, intitulado *Um papa, uma religião na Paraíba*, remonta ao século XVI. Mas o terceiro é consagrado pelo autor a seu pai, representando uma nobreza cujo brasão primitivo, conferido por D. Afonso V a Estevam Botto, vem assim descrito: "O escudo frunchado de ouro & vermelho, & sobre o primeiro hua torre de prata com portas, & frestas, lavrada de preto, & assim os contrários. Timbre: hua cabeça das armas cortas em sangue". Segue-se a infância e a educação do autor; as suas estreias no jornalismo; a sua primeira nomeação para a magistratura, a sua carreira na política combatente, na advocacia, na administração, no parlamento. E tudo está apresentado com farta documentação a todas as circunstâncias que o interesse do leitor possa exigir.

No prefácio do volume, sustenta o Sr. Ademar Vidal a utilidade de todos os homens públicos escreverem as suas memórias, deixando bem claro quanto diga respeito a sua individualidade. Assim fez o Sr. Botto de Menezes. Não importa isto em insinuar que se excedesse em minudências ou abusasse do emprego da primeira pessoa. Em verdade ele se refere profusamente, no campo político, aos maiores do seu partido, a começar, naturalmente, pelo Dr. Epitácio Pessoa, e recorda todos os companheiros de ideal e de luta, independente do destino que levassem ou da sua presente situação na vida brasileira.

O QUARTEIRÃO DO MEIO, romance de Amadeu de Queiroz — Livraria Martins, editora. — São Paulo, 1944.



O Sr. Amadeu de Queiroz, autor, entre outras obras valiosas, do romance *A voz da terra*, apologia da vida rústica, interpretação da poesia das almas simples, agora nos oferece uma história, entre satírica e dolorosa, situada em bairro da mais modesta burguesia, em São Paulo. Só, com efeito, entre gente, além de pobre, inferior em tudo, e num local afastado do foco trepidante e esplendoroso de vida realizadora, que é o centro da moderna Paulicéia, poderia decorrer aquele entrecho que tem como ponto de partida e teve dominante a irregularidade duma união doméstica. Foi este consórcio determinado pela penúria extrema da mulher, abandonada pelo marido aventureiro, cercada de filhos menores, e a bondade, a afeição, o enternecimento do homem que começara como protetor desinteressado e foi intervindo e providenciando até passar para dentro de casa e ficar para sempre. Não casam porque não podem. Além do mais, temem o regresso do patifório que abalou para o Amazonas, a pretexto de tentar melhor vida, e deixou de dar notícias suas. É um lar discreto, laborioso, honestíssimo, dos mais virtuosos. E quem realmente se lembra, na

sociedade atual e só por uma questão de pretoria, de pedir contas, severamente, a um casal que evita toda e qualquer ostentação; não alronta princípio ou lei de espécie alguma; deve ter a bênção de Deus, merecem o respeito dos homens? Todavia, naquele canto acanhado da vasta metrópole, sofre tão simpática família hostilidades de toda sorte. O menos que se lhe faz é evitá-la. Nas casas vizinhas fala-se dela com desprezo e com ódio; o chefe tornou-se uma vítima de desconsiderações e chacotas; a esposa vive cercada de calúnias; as filhas, no percurso entre a casa e o emprego, ouvem propostas infames e os epítetos mais cruéis... Até que a situação se torna insustentável; e o pobre homem procura habitação mais afastada ainda e mais humilde, a ver se o deixam, a ele e aos seus, viver, embora tristemente mas, ao menos, em paz.

O Sr. Amadeu de Queiroz desenvolve este assunto geral, não só com seguro e sutil engenho de narrador mas também com um espírito de comentador, que vai da filosofia superiormente serena a mais aguda violência. Perante a orientação e a técnica dominantes hoje em dia, o livro do Sr. Amadeu de Queiroz é dos que deveras se destacam e — apesar de adotadas, às vezes, pelo autor, no próprio estilo, expressões por de mais populares, só aceitáveis no falar dos personagens — dos que legitimamente se fazem louvar.

J. L.

O DESTINO DE DOIS POVOS. — João Daudt d'Oliveira — Rio — 1944.

O Sr. João Daudt d'Oliveira, uma das mais destacadas figuras do meio brasileiro, acaba de publicar, em ótimo serviço gráfico, a brilhante conferência que pronunciou nesta capital em outubro próximo findo sob o título *O Destino de Dois Povos*.

É antes de tudo um valioso trabalho em que o autor revela estar inteirado de todos os aspectos, de todo o sentido que caracteriza a moderna economia das nações.

Perfeito conhecedor da realidade brasileira, o Sr. João Daudt d'Oliveira faz apreciações dignas da máxima reflexão por parte da quem quer que tenha uma parcela de responsabilidade nesta hora do mundo; compara com a nossa a evolução dos Estados Unidos de maneira erudita e clara; aprecia o destino dos dois povos para chegar a conclusões da maior oportunidade.

Nas trinta e tantas páginas que o eminente Presidente da Federação das Associações Comerciais do Brasil fez imprimir, se resume todo um roteiro político-econômico.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

Klabin Irmãos & Cia.

cumprimentam

os seus bons amigos e fregueses,
desejando-lhes

Bôas Festas e Feliz Ano Novo

1944 SALVE 1945



Para conservar a sua cutis jovem e formosa,
eliminando as rugos e a flacidez dos tecidos,
use o

**CREME ANTI-RUGAS,
de Mme. Graça**

Um produto para
defender a beleza
da mulher de trato.



CATÁLOGO GRATIS PELO CORREIO

Distribuidores Gerais: Espanha Paramés & Irmão
Rua da Alfandega, 181 - Rio



MODAS

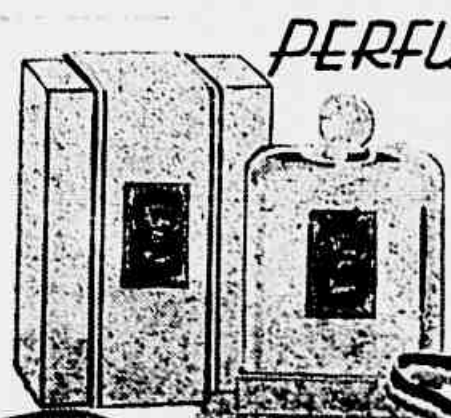
BLOOMINE
FAZ OS MAIS LINDOS CABELOS LOIROS

Loção DISCRETA
CONTRA CASPA
Rua Flack, 153 — Rio
T. 29-2840

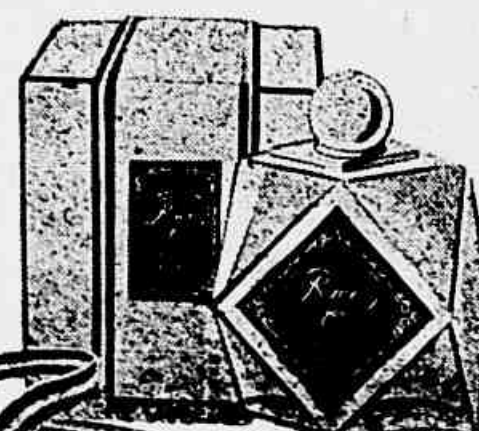


- 1 — Vestido estampado, cujo único enfeite é uma hombreira de "roulouté" ao redor da manga, e uns "chou" no cinto da mesma fazenda.
2 — Vestido de crepe negro, com manga japonesa curta, uma moda que volta. É enfeitado com laços brancos plissados, botões de fantasia.
3 — Elegante vestido de seda palha, tem de ambos os lados um drapeado no decote e uma tira na frente com botões de cendo até à saia; nesta se repete o drapeado. 4 — Casaco com vize, até a cintura somente saia lisa; uma fivela enfeita a frente do casaco. 5 — Costume com a gola e enfeites de seda branca e bordado a soutache.

UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES



PERFUMES
BELLES FLEURES
MUSGO CHINE
05



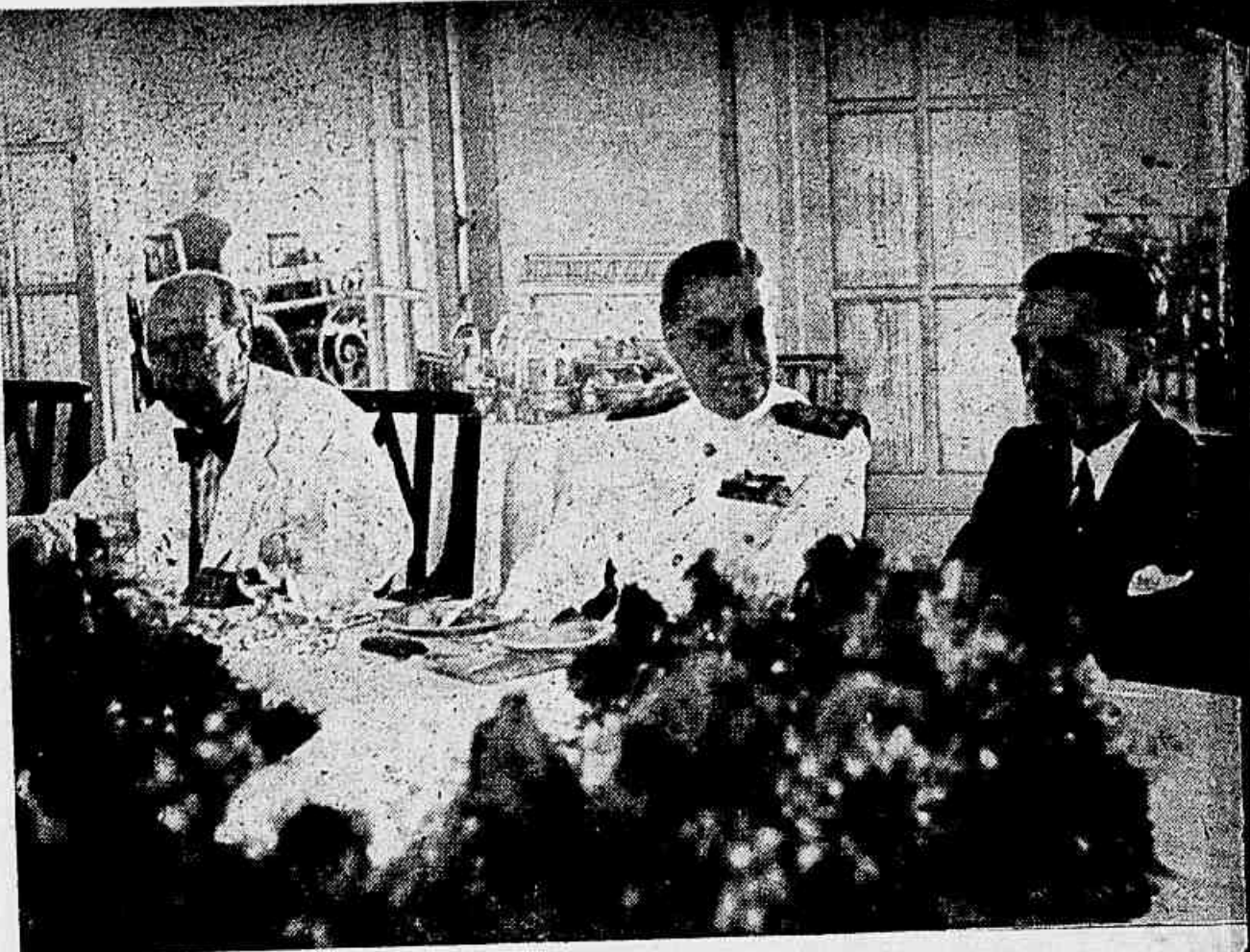
O departamento de **toilettes** de grande gala da Casa LÚ-Modas oferece às damas elegantes os modelos mais a-LÚ-ci-nan-tes para os grandes bailes, recepções e festas de formatura. Visite o sub-solo da Casa LÚ-Modas e peça para ver, sem compromisso, as grandes sensações da moda feminina.

 Casa LÚ modas

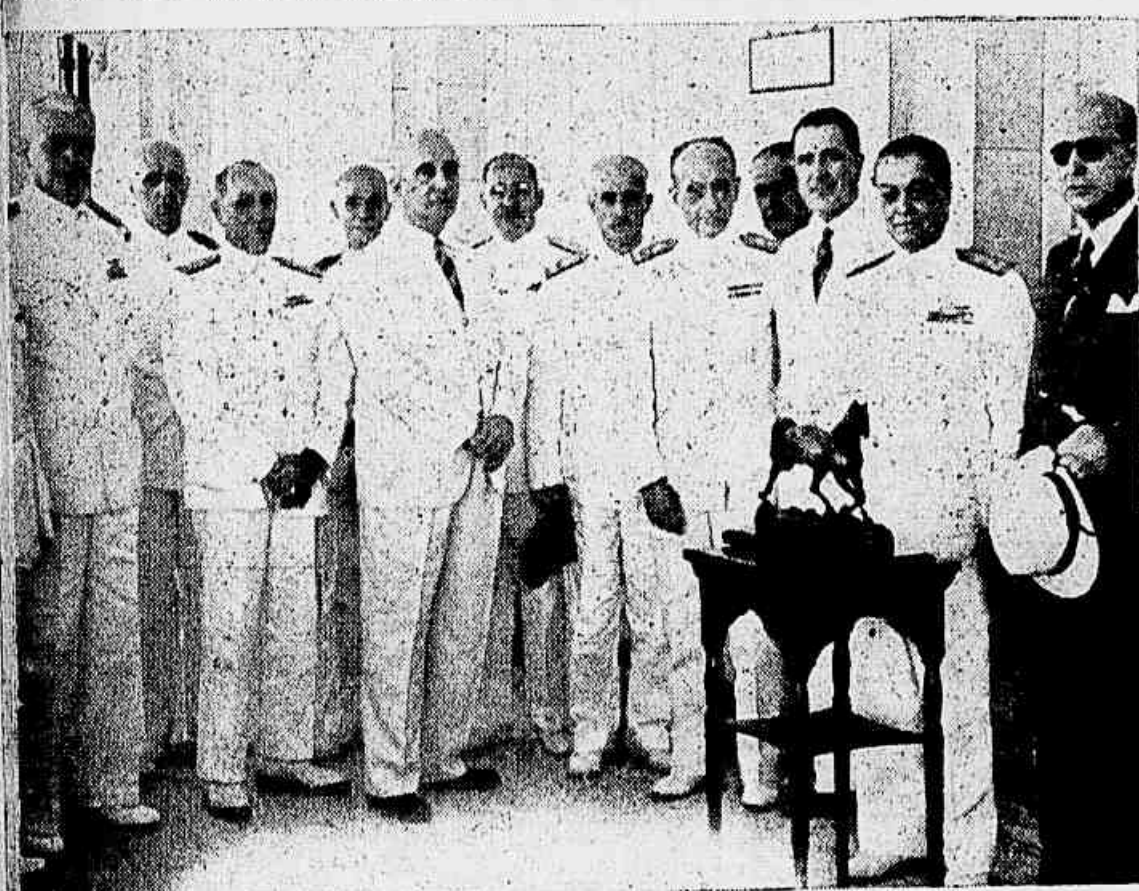
ASSEMBLÉIA esq. GONÇALVES DIAS

No dia 17 do corrente, teve lugar no Hipodromo da Gavea; o banquete com o qual o Jockey Club Brasileiro homenageou a nossa Marinha de Guerra nas pessoas de suas mais altas patentes.

Durante o agape, que transcorreu num ambiente de distinta cordialidade, usou da palavra, oferecendo o almoço o Dr. João Borges Filho. O Ministro Aristides Guilhem agradeceu a homenagem. Nos flagrantes que aqui reproduzimos vemos alguns aspectos desta festa, aparecendo, ao alto, a esquerda, o Ministro Guilhem quando oferecia um premio ao proprietário do cavalo vencedor do pareo "Almirante Marquez de Tamandaré", corrido aquele dia. No centro aparece S. Excia. quando pronunciava o seu discurso de agradecimento.



HOMENAGEM DO JOCKEY CLUB À MARINHA DE GUERRA



GENTIS SENHORITAS QUE TERMINARAM AGORA O CURSO FUNDAMENTAL NO COLEGIO ANDREWS, EM PALESTRA, DURANTE A FESTA DE FORMATURA.



GRUPO DE LICENCIANDOS FOTOGRAFADO DURANTE O BAILE DE GALA.

O BAILE DE FORMATURA DO COLEGIO ANDREWS

GRUPO GERAL DOS LICENCIANDOS FEITO POR OCASIÃO DO BAILE DE FORMATURA.





O comendador Serafim Sofia e exma. senhora, assistindo ao ato religioso.



D. Mamede, bispo de Sebaste, ladeado pelo comendador Serafim Sofia e exma. família.

Ação de graças

Realizou-se no dia 20 do corrente, no altar-mor da igreja de Nossa Senhora do Carmo, a missa em ação de graças pelo restabelecimento da saúde do comendador Serafim Moreira Sofia, mandada celebrar pelos amigos e admiradores daquele conhecido industrial e sportman.

Esta tocante solenidade religiosa, uma das mais eloquentes demonstrações de amizade a que temos assistido, teve como celebrante s. excia. rvma. d. Mamede, bispo de Sebaste.

Entre as pessoas presentes à cerimônia, cumpre-nos destacar as seguintes: ministro Hermenegildo de Barros; desembargador Frederico Sussekind; desembargador Nelson Hungria e exma. família; desembargador Oliveira Sobrinho; desembargador Vicente Piragibe; desembargador Toscano Espindola; juiz dr. Otávio da Silveira Sales; promotor dr. Rufino de Loy; dr. Domingos de Menezes; dr. Caldeira de Alvarenga; Paschoal Pontes, representante do professor Castro Filho, presidente do Clube de Regatas Vasco da Gama; sr. Feliciano Monteiro Guedes; dr. João Machado, ex-diretor do Departamento Autônomo da 3.ª Categoria da Federação Metropolitana de Futebol; sr. Joubert Pontes, representante do dr. Ademar Pinto, presidente do Bonsucesso F. C.; jornalista Roberto Machado, representante do dr. João Lyra Filho; representante do coronel Aristarcho Pessoa, comandante do Corpo de Bombeiros; dr. Osvaldo Cardoso; dr. Renato de Paula e professor Barbosa Viana.



Ao alto: — Grupo de amigos e admiradores do comendador Serafim Sofia que compareceram à missa em ação de graças. Ao centro s. excia. rvda. d. Mamede. Em baixo: — O ministro Hermenegildo de Barros cumprimenta o comendador Serafim Sofia pelo seu restabelecimento.

Em baixo: — Grupo feito por ocasião da missa, vem-se o desembargador Vicente Piragibe e exma. família..



O roubo do lúlú

(Continuação da pág. 33)

— E' mesmo... Quando crescer...
 E as duas riram ao imaginarem desde logo os namoros do futuro conquistador.
 De repente, miss Carnaby olhou o relógio:
 — Ih! meu Deus! Eu preciso ir voando.
 — Tem hora marcada?
 — Se eu não aparecer lá às duas em ponto, sou despedida!
 — A sua patroa também é assim, é?
 — Nem queira saber! Bem, eu vou andando. Um dia dêsses eu telefono para você ver se vem um pouco mais cedo e nós conversaremos...
 — Ótimo!
 Miss Carnaby já ia retirar-se quando a amiga perguntou:

— Por que você vai arrastando essa corrente sem cachorro, hein?
 — Como?!

— ...E quando ela foi olhar — prossegue Hoggins na narração — o cachorro fôra roubado!

Poirot, que o ouvia em silêncio, observou:

— Até agora não vejo nada de singular no caso!

— Há mais. Poucos dias depois minha mulher recebeu uma carta...

— Indicando condições para restituição do cão!

— Como adivinhou?

— Não é difícil. Os ladrões de cães, em geral, procedem assim.

— Pois foi isso mesmo. Ela não me disse nada, é claro, pois sabia que eu me oporia àquela loucura! Imagine pagar duzentas libras por um cão sem valor!

— E ela, como estimava o lúlú...
 — ...mandou o dinheiro.
 — E o cão voltou?
 — Sim.
 — Como foi devolvido?
 — Apareceu na porta de casa uma manhã.

Poirot ficou uns minutos silencioso. Depois comentou:

— Ainda não vejo nada de interessante na sua história.

— E' porque eu ainda não cheguei ao fim.

— Vamos adiante, então.

— Quando soube da história fiquei furioso, pois não gosto de ser roubado...

— E veio consultar-me...

— Não imediatamente. E agora é que vem a parte mais curiosa.

— Que houve?

— Na mesma tarde encontrei um velho amigo que me contou uma estranha história...

Senhoras!
 So a
 Natureza Falha
MENAGOL
 REGULA!

— Sobre um roubo idêntico?
 — Exatamente...
 — Uma coincidência...
 — Seria se um terceiro amigo não me contasse uma história em tudo semelhante às outras.
 — O que?!

Poirot olhou para Hoggins:

— O caso não parece de todo desinteressante... Tratarei dele.

— Ótimo.

— Tenha a bondade de avisar à sua esposa que irei visitá-la esta tarde.

— Muito bem.

Madame não queria receber Poirot por um motivo muito simples. Madame estava tendo um ataque histérico que não era comum e que os criados já estavam habituados. E como madame, quando tinha um ataque, gostava de saborear o maior tempo possível os embaraços causados pelos seus gritos, ela não queria receber Poirot. Mas quando disse ao criado que avisasse que ela não estava em casa já Poirot estava à porta da sala, e não foi possível evitar a visita. Portanto, madame fez uma transição brusca da histeria para o pesar. Levou o lenço aos olhos, amaciou a voz e esforçou-se por parecer combatida, a despeito de sua sólida gordura e de seu ar de ótima saúde.

— Boa tarde, sr. Poirot.
 — Boa tarde. Desculpe a intrusão.
 — Ora!... Eu... Eu vou confessar-lhe por que não queria recebê-lo. Foi ameaçada!
 — Ameaçada?
 — Sim. Se revelasse à polícia o roubo, perderia novamente o cachorro!
 — Mas isso não acontecerá. Ademais, não sou da polícia.

(Continua na pág. 47)



★ Água de Colônia
 ★ Brilhantina
 ★ Extrato
 ★ Loção
 ★ Óleo perfumado
 ★ Pó de Arroz
 ★ Sabonete

Perfume
Organdy
 de **BAZIN**

Obra prima da perfumaria!

P. Ferraz

A VENDA EM TODO O BRASIL



VINHO
RECONSTITUINTE
"GRANADO"

TÔNICO
NUTRITIVO
ESTIMULANTE
FORTIFICANTE

GRANADO & C.
 RIO DE JANEIRO



Festejem a entrada do Ano Novo em ambiente de requintado enlavo

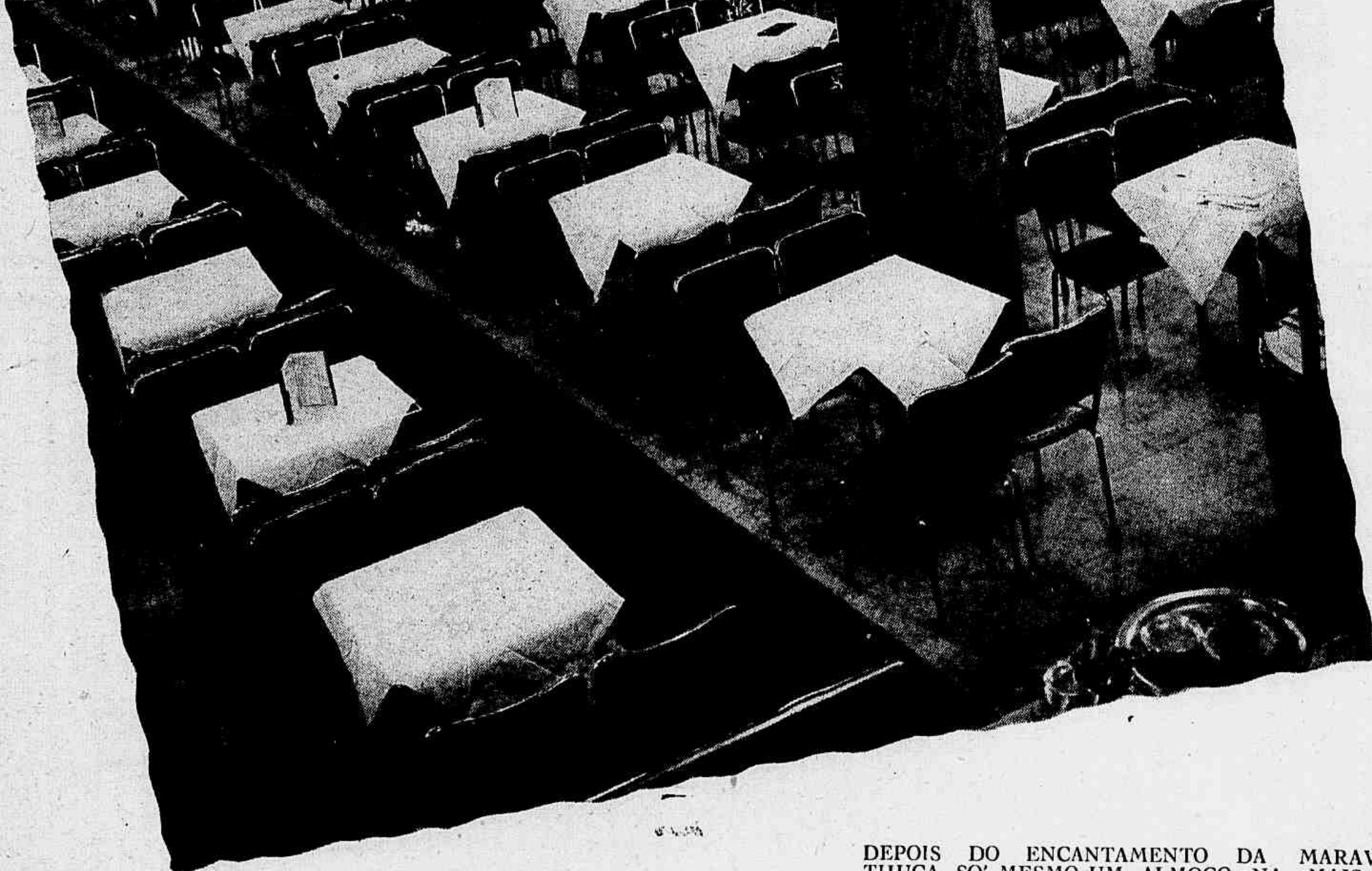
• LUXO
• CONFORTO
• ALEGRIA

• IGUARIAS
• AR CONDICIONADO
• ORQUESTRA PERMANENTE

• CHAMPAGNE
• MUSICA
• FLORES

• REFRESCOS
• DOCES
• VINHOS

Confeitaria e Sorveteria Tijuca



COMECE O ANO NOVO FREQUENTANDO A CONFEITARIA E SORVETERIA TIJUCA, E TORNAR-SE-HA, SEM DUVIDA, UM FREQUENTADOR ASSIDUO. O cardapio dos almoços e jantares, confiado aos mestres da culinaria, proporcionam deliciosos prazeres ao paladar. O elegante e confortavel salão, onde, o estilo azteca e a arte marajoára se confundem numa sinfonia de bom gosto e sobriedade; a variedade de vinhos finos, refrigerantes, doces, etc., tudo isso oferece a V. S. uma permanente sugestão, para fazer da Confeitaria Tijuca um prolongamento da sua casa, e recepcionar seus amigos em ambiente alegre, de uma forma AGRADAVEL, DISTINTA E INESQUECIVEL.

Rua Conde de Bomfim, 352 — Tel: 48-5940 — Rio de Janeiro

DEPOIS DO ENCANTAMENTO DA MARAVILHOSA TIJUCA, SO' MESMO UM ALMOÇO NA MAIS LINDA CONFEITARIA DO RIO DE JANEIRO.

Palavras espontaneas e desinteressadas do senhor Francisco Marques dos Santos, membro do Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional M. E. S.; nome consagrado em todo o Brasil como grande conhecedor e estudioso de obras de arte.

*Aos senhores donos da
Confeitaria Tijuca:*

*Depois do encantamento de maravilhosa
Tijuca, só mesmo um almoço na mais
linda Confeitaria do Rio de Janeiro!*

Marques dos Santos

14 - Dez - 1944.



E

Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

**UM DESODORANTE
DE AÇÃO DUPLA**



**ARRID EVITA MANCHAS
E ODORES NAS AXILAS**

SEM IRRITAR A PELE

Arrid lhe oferece uma proteção dupla contra o odor desagradável do suor. Protege *você* contra o mau odor e a sua *roupa* , contra as manchas. Arrid é um desodorante de delicada fragrância, com a fina consistência de um creme de beleza. Desaparece instantaneamente pelos poros... produzindo efeito imediato. Com Arrid você pode ficar completamente despreocupada, e divertir-se à vontade, onde quer que seja — sem levar em conta o calor. Proteja sua beleza e encanto com Arrid... comece a usá-lo hoje mesmo. Extremamente econômico: Preço Cr.\$ 4,80 — Pote grande: Cr.\$ 9,50.

ARRID

O desodorante que mais se vende

**CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante**

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

DOIS MODELOS

- 1 — Duas peças em seda xadrez preto e branco enfeitadas com bordado inglês. E' inegável a graça deste modelo, mais próprio para as pessoas esbeltas.
- 2 — Vestido com um pettilho branco e um casaquinho de corte reto e amplo, curto com enfeite de vizes.



incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

O roubo do lúlu

Continuação da pág. 44

— Ótimo.
 — Queria pedir-lhe, entretanto, madame, que me fornecesse alguns dados para que pudesse fazer minha investigação.
 — As ordens.
 — Eu desejava saber como foi que a senhora pagou o resgate...
 — Mandei o dinheiro para uma pensão...
 — Como foi até lá?
 — Bem, mandei pelo correio conforme ordenado, mas...
 — Sim?
 — Não havia ninguém com o nome dado na pensão. Havia, sim, uma carta dirigida à mesma pessoa, esperando os proprietários que talvez tivesse vindo por antecipação a carta de um futuro hóspede.
 — Ah!...
 — A carta era a minha... Roubei-a!
 — Como?
 — Roubei-a.
 — E não havia mais nada dentro?
 — Engana-se!
 — Então, o dinheiro?
 — Não. O dinheiro, não. Mas umas folhas de jornal recortadas de modo a dar a ilusão, pelo lado de fora, de que o envelope não fora substituído, nem o conteúdo subtraído...
 — Compreendo.
 — É fácil imaginar como agiram.
 — Sim. Mandaram a carta para a tal

pensão e fizeram o mesmo que a senhora. Roubaram-na. E colocaram outra no lugar, substituindo-a.

— Creio que foi assim.
 — Muito bem, madame, vou investigar o caso. Pode ter a bondade de chamar a governante?

— Diga-me, miss Carnaby, não notou o menor movimento com a corrente enquanto conversava?

— Certamente, mas não prestei atenção. O cão podia estar puxando a corrente ao passear para um lado e para outro.

— E, depois dele ser roubado, não notou que não puxavam mais a corrente?

— Não. Já então estava entretida de mais na palestra...

— Compreendo.

— Foi somente quando me afastei que minha companheira chamou-me a atenção.

— E não viram ninguém?

— Procurei por toda parte mas nada encontrei...

— Perguntou ao guarda?

— Sim. Ele estava do outro lado do parque. Nada viu.

— E a restituição do cão?

— Foi o mordomo quem o encontrou, de manhã, à porta.

— Muito bem. Era só isso. Muito obrigado, miss Carnaby.

Hercule Poirot estava refletindo. Uma coisa o interessara naquela história. Tinha a certeza de que não se tratava de uma quadrilha comum de ladrões. O método era complicado de mais. E muito inteligente para meros ladrões de cães.

— Meu caro amigo, disse Poirot, creio que já estou quase resolvendo o caso...

Levantei a vista do jornal que estava lendo, espantado. Seria possível? Teria Poirot, em tão pouco tempo, achado o fio de meada tão difícil de encontrar?

— Queria pedir-lhe um grande favor, meu amigo. Queria que procurasse uma pessoa que mora aqui por perto...

— Pois não. Quem é essa pessoa?

Nenhum RELOGIO lhe dará tanta SATISFAÇÃO

como o
CYMA



— Não sei.
 — Como?
 — Disse-lhe que não sei.
 — Então como achá-la?
 — Ela deve viver em dificuldades e ter um cachorrinho pequenino...
 — Um cachorrinho?
 — Sim, um lúlu muito inteligente.
 — É muito vago...
 — Há mais uma coisa...
 — Qual?
 — Ela deve ser...

Saberemos mais tarde o que Poirot disse e como ela deveria ser. Por enquanto

acompanhem-lo à casa de uma outra senhora que perdera seu cachorrinho.

— Boa tarde.
 — Oh, sr. Poirot, que alívio, que grande alívio!

— Não compreendo, minha senhora!
 — O alívio que me traz a certeza de que o senhor vai tratar pessoalmente desse caso. Uma coisa horrível, sr. Poirot, um crime bárbaro!

— Um crime?
 — O roubo do meu cãozinho. Felizmente já está de novo nas minhas mãos. Meu luluzinho querido! Mas imagine só esses brutamontes como o maltrataram, sr. Poi-

(Continua na pág. 48)

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia. Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperidades e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Frutimex

SABONETE

VALE QUANTO PESA
É O IDEAL PARA O BANHO!

GRANDE BOM
BARATO

A VENDA EM TODO O BRASIL



O roubo do lulú

(Continuação da pág. 47)

rotl! Imagine o senhor que nem deram banho no pobrezinho e quando voltou para casa, para a mamãezinha dêle, meu luluzinho tinha pulga, sr. Poirot. Pulga! Como deve ter sofrido o pobrezinho. Sim, porque o meu lulú é muito asseado, muito. Não faz desleita. Ah, não! Ensinei a êle tudo direitinho.

— Muito louvável, não há dúvida.

— O senhor não acha? Também, muita gente não sabe ensinar aos cachorrinhos. Dá muito trabalho, mas compensa. São tão inteligentes os bichinhos!

— Madame, estou aqui para fazer umas perguntas sobre o caso...

— O caso! Ah, o caso! Que coisa horrível! Que coisa pavorosa, meu Deus! Aquêles homens! Se eu soubesse quem foi, dava parte. Oh, dava! Bandidos! Meu pobre luluzinho! Meu luluzinho do coração, maltratado pelos brutos!

Poirot perdeu a paciência.

— Madame, muito obrigado pela gentileza da recepção e permita-me que, como homem experiente da vida, lhe dê um conselho.

— Pois não.

— A senhora deve ler os livros de Freud sobre certas repressões que produzem curiosas anomalias afetivas!

Ao afastar-se, Poirot ainda ouviu ela perguntar:

— Quem é Freud, hein?

Uma outra dama — não menos louca, porém mais lúcida — deu-lhe detalhes

sobre o roubo. Em tudo semelhante ao de mrs. Higgins, o "rapto" se dera quando a governante levava o lulú a passeio.

— Descobriu, meu amigo?

Curvel-me.

— Amigo Poirot, já que você tenciona aposentar-se, eu acho que vou tomar seu lugar! Não tive a menor dificuldade em obter o enderêço que me pediu!

— Ótimo! Dê-mo.

A porta do apartamento estava entreaberta. Poirot pediu licença e entrou.

— Quem é? — uma senhora de idade, numa cadeira de rodas, perguntou.

— Minha senhora desejava falar com sua filha...

— Ela não está, mas não deve demorar. Mariana trabalha tanto

Poirot estava conversando animadamente com a senhora paralítica quando abriu a porta, de repente, e miss Carnaby entrou.

— Sa, Poirot!

— Ele mesmo!

— Então descobriu tudo?

— Sim.

Ela parou no meio da sala. Depois, tomou novamente o chapéu que jogara sobre o sofá e disse:

— Vamos.

— Um momentol Onde pensa que quero levá-la?

— Para a prisão!

— Engana-se. Quero somente que me ensine a maneira pela qual conseguiu roubar os cachorrinhos. Depois... partirei com a sua promessa de que não há de repetir a proeza. Que organização!

— Então sabia que se tratava de um complot?

— Eu sei de tudo. Quero somente que confirme a verdade.

— Como descobriu?

— Intuição!

— Então...

— Vi logo como tinha sido feito o roubo. Não poderia ter sido executado sem o seu auxílio. Um outro cachorro...

— Sim. Eu saí de casa, passei aqui, troquei o cachorrinho por um outro igual mas amestrado. No parque fingi conversar com uma amiga e soltei o cão. Ele correu sozinho para casa.

— E as outras?

— Quem?

— Suas colegas.

— Fizeram o mesmo.

— Engenhoso. E não deixo de simpatizar com quem rouba mulheres tão fúteis; mas o crime não compensa, acredite. E não repita isso. Era o chefe da organização?

— Sim. Foi eu quem inventou o método!

— Meus parabéns pelo seu engenho!

— Sou pobre, sr. Poirot. Tinha que sustentar minha mãe paralítica! Sei muito bem que, mais dia menos dia, essa mu-

lher, por capricho, me despede e eu fico na miséria.

— Compreendo.

— O senhor é muito bom, sr. Poirot.

Poirot fez um gesto brusco. Desagradavam-lhe os elogios que não partiam dêle mesmo...

— Mas, sr. Poirot, como se recusa a me dizer quem foi?

— Afirmando-lhe que a pessoa já foi bastante castigada.

— Mas se eu lhe pago para isso! Para me dizer quem é o culpado!

— Não receberei nada, está claro! Hoggins olhou para Poirot desconfiado.

— Já sei. O senhor não descobriu nada, mas quer dizer que sabe tudo. É um estratagemma hábil mas não pega comigo!

Foi a primeira vez que eu vi Poirot calar-se diante de um insulto daquele gênero. Mas com certeza êle se lembrou da pobre governante e sua detestável patroa, de todas aquelas pobres mulheres que eram forçadas a obedecer aos caprichos de umas tantas damas que nada mais tinha a fazer senão atormentar os criados.

Depois que Hoggins saiu eu disse a Poirot:

— Gostei de ver a serenidade ante o insulto.

Ele sorriu:

— Você ficaria mais surpreendida se soubesse que mandei a miss Carnaby um cheque de duzentas libras. Positivamente, estou ficando velho!

De Música -

Qual é o seu compositor favorito?
Homenagem a Guarnieri -- Noticiário -- Anedota musical

O compositor transmite, com a música, sua mensagem de beleza. Mas para que ela chegue ao público é necessário que se interponha um segundo artista entre o autor e o ouvinte: o intérprete. Não podia ser mais apropriada a palavra. O intérprete traduz as notas em que se cristalizou a inspiração do músico em sons, recriando a obra de arte. E esse trabalho será tanto mais perfeito quanto melhor o "tradutor" compreender a "língua" do original. Acontece, às vezes, que o autor e o intérprete são compatriotas, e temos, então, versões magníficas. Em outros casos, o intérprete estrangeiro aprendeu com esforço o idioma do compositor e traduz-lo com imperfeição. Tudo depende, em última análise, de uma certa afinidade. Só muito raramente a plasticidade do temperamento do artista se presta a uma identificação perfeita com todo e qualquer autor. Ainda assim restam as preferências que, aliás, nem sempre coincidem com as afinidades. Os críticos se encarregam de apontar estas. Indaguemos aquelas.

— Qual seu compositor preferido?

— Debussy, responde a jovem pianista dos estudantes. Vilma Graça estreou aos oito anos e imediatamente foi saudada como uma revelação. Aluna da professora Gilda de Carvalho, apresentou-se num concerto no Teatro Municipal e, desde então, as vitórias se sucederam, em um curso no Conservatório, todo com distinção, e uma série de recitais que obtiveram louvores dos críticos mais severos.

— Meu compositor preferido é Debussy, e das peças dêle a que mais admiro é "Clair de Lune".

Vilma Graça que, faz pouco tempo, executou para os estudantes o Concerto N.º 1 de Liszt, tenciona visitar os Estados Unidos, onde se aperfeiçoará, pois pretende dedicar-se inteiramente à música.

HOMENAGEM A GUARNIERI

O nacionalismo, na música, conforme salientava, faz pouco tempo, o professor Lopes Graça, em seu excelente livrinho "Introdução à Música Moderna", tomou duas feições: uma de caráter, por assim dizer, intencional, e outra de caráter estético, que não passa de uma cristalização da primeira.

Distinguindo-se, a princípio, pela procura deliberada de motivos folclóricos, a música moderna se ateve, na primeira fase de sua preocupação nacional, a esse trabalho, executado, não raro, com genialidade. Poderíamos filiar a esse ramo uma parte da obra de Vilas Lobo. Mais tarde, porém, com a criação de um verdadeiro idioma musical, que, diga-se de passagem, era trabalho começado por aqueles antecessores que tinham ido buscar a inspiração nos temas populares, os compositores puderam compor, sem

perder a forte característica nacional, porém já sem recorrer a motivos folclóricos. E, assim, foi realizada em cada país a ambição máxima de Glinka, que era, justamente, compor em russo.

Longe de perder com isso a universalidade, a música tornou-se ainda mais intensa, porque adquiriu um novo vigor que o cosmopolitismo superficial de muitos lhe tinha



VILMA GRAÇA

tirado. O artista dos países mais jovens tirou da sua terra fecunda a força com que ganhou o respeito das sociedades ultra-civilizadas e cheias de requintes.

Creio que poderemos incluir Camargo Guarnieri entre os que conseguiram isso. Não poderia ser mais significativa a sua vitória em um concurso de sinfonias que estabelecia a seguinte condição: "temática de livre invenção do próprio compositor, sem que sejam utilizados temas co-

lhidos diretamente do folclore nacional". Por outro lado a sinfonia deveria inspirar-se nos caracteres, tendências e processos rítmico-melódicos da música nacional brasileira.

Bem sei quanto é difícil ser imparcial para com os contemporâneos; sei que é mais árduo julgar uma obra moderna do que dizer quatro palavras sobre um compositor consagrado qualquer; mas, apesar de tudo, não hesito em declarar que, na minha opinião, Camargo Guarnieri é, ao lado de Villa Lobos, um dos maiores compositores brasileiros contemporâneos.

NOTICIÁRIO

Prosseguindo na série de recitais de artistas de renome, a Rádio Globo ofereceu um ótimo programa com Tomás Teran.

Realizou-se, recentemente, na A. B. I., um concerto com a pianista Ester Naiberger e a cantora Maria Augusta Costa, que tão boas recordações deixou da sua atuação na temporada lírica nesses dois últimos anos, no Teatro Municipal.

Foi comemorado com brilhantismo, na Escola Nacional de Música, o aniversário da Sociedade Musical Mathilde Bailly.

Já apareceu o novo número da pequena mas excelente revista paulista "Resenha Musical", com uma série de artigos sobre o maestro Camargo Guarnieri, além das habituais secções informativas.

ANEDOTA MUSICAL

Conta-se que, certa vez, Rossini foi assistir a um concerto de Liszt, que era, naquela época, considerado o maior pianista do mundo, mas que, de fato, muitas vezes, sacrificava de fidelidade o que ganhava em brilho e bravura. Terminado o concerto, um admirador do "virtuoso" perguntou a Rossini:

— Então? Não é mesmo uma grande homem?

— Quem?

— Liszt.

— Ah!

— Então?

— Não ouvi o concerto, por isso não posso dar minha opinião.

— Como é que o senhor não ouviu! Então não estava aqui?

— Estava, mas êle tocou com tanta rapidez que antes que eu pudesse ouvir uma nota já tinha tocado três!

Roberto Lyra Filho

DETANG — Muitas vezes, no deserto, os corvos segulam a caminhada dos soldados... Aguardavam ansiosamente a queda dum moribundo... Picot não me incomoda, doctorr...

PICOT (rindo) — Hein?... Eu compreendo... Chamou-me corvo... Bonita comparação... Ele vai morrer... e eu sou o corvo...

DETANG — Zangou-se, corcunda?

PICOT — Eu? Eu não... eu sei que sou um homem mau... Sou assim... É minha natureza...

ZIMMERMAN — Não, Picot... você não é mau... Eles o julgam mau... quer ficar aqui junto com o prisioneiro?

PICOT — Quero... Mas deixa uma sentinela no corredor... ele pode zangar... ele tem as mãos grandes, doctorr... e a minha garganta é fraca!

ZIMMERMAN — Então vamos... Ve-lo-á na hora da execução.

PICOT — Não... ele conhece... ele sabe dos cúmplices... ele vai me dizer... quando o dia romper... A morte mete medo, doctorr... ele falará para salvar a vida...

ZIMMERMAN — Bem... deixarei uma sentinela no corredor... qualquer coisa grite com todas as suas forças...

PICOT — Se grito... se grito...

Contra-regra: passos que se afastam.

PICOT (passos cambaleantes, rindo) — Se grito...

Técnica: cessar música.

DETANG — Foi-se?

PICOT (passos cambaleantes) — Sim... (voz perfeita) Detang... Como devo falar-te, meu amigo?... (baixinho, emocionado) Quais as palavras que devo empregar para dizer-lhe o que se passa em mim, meu amigo Detang!

DETANG (baixinho) — A França é imortal, conde de Richepin!...

PICOT (baixinho) — Capitão... o senhor é um forte...

DETANG — Conde... o senhor é uma partícula da alma francesa... Quem poderia se comparar em altruísmo... sacrifício... abnegação ao sr. de Richepin, abade de Montoir!...

PICOT — Meu velho amigo... A missão que cumprimos dá-me a impressão de que estamos ligados há séculos pela amizade... (chorando).

DETANG — Visconde... tem um lenço?

PICOT — Oh!... Sim... não posso... Também não devo denunciar nas minhas lágrimas a altura monumental do seu espírito de sacrifício, Detang.

DETANG — Enxugue os olhos, visconde de Richepin...

Técnica: disco de "O Despertar da Montanha" em back-ground.

PICOT — Foge a noite... Detang...

DETANG — Clareiam os horizontes, visconde... Clareiam os destinos ditosos da pátria... Foge a treva... abade de Montoir...

PICOT — Sim... sinto através de sua alma a luz imortal da pátria que resiste... A pátria que não cairá... porque a liberdade não cai... O direito jamais será estrangulado pela força brutal... A consciência do mundo ressurgirá, embora no sangue dos homens como você, que sorriem para a morte... Porque sentem a grandiosa chegada do grande dia...

DETANG — A vitória...

Contra-regra: passos lentos e pesados.

DETANG — O sentinela se aproxima...

Contra-regra: passos.

PICOT (voz caracterizada) — Conta... Quem é que está te ajudando, capitão?... Ainda há tempo... o jar-

dineiro? O general Kergueven? Tu vais morrer!...

DETANG — Por favor, corcunda do Inferno!... Basta!... Já estou chelo da tua presença!... Ouviste?

GUARDA — Alguma coisa, Picot?

PICOT — Não, Fritz... tudo bem... Ele está nervoso... acho que quando se morre se fica nervoso (ri).

GUARDA (rindo) — Boa!... Muito boa, Picot... Se precisar de mim, grite... estou aqui perto... Doctorr Schultz recomendou-me que tivesse cuidado com você...

PICOT — Obrigado... Pode-me deixar sozinho com ele... Não há perigo...

Contra-regra: passos lentos e compassados que se afastam.

DETANG — Compreendo a sua situação, Visconde... Horrível!... Dantesca!

PICOT — Quisera possuir duas vidas para oferecer-me em seu lugar... Nunca simpatizei tanto com a morte como neste momento.

Técnica: disco de "Despertar da Montanha"; disco de pássaros.

DETANG — Rompe o dia... mais alguns minutos...

PICOT — Rompe o dia, meu amigo...

DETANG — Abade de Montoir... quero me confessar...

Técnica: cessar disco de "Despertar da Montanha".

DETANG — Quero preparar minha alma... faltam poucos minutos...

Técnica: música sacra.

PICOT — Deus já se encontra ao seu lado, Detang...

DETANG — Abade... Quero que receba a minha confissão... e ninguém melhor, mais puro de alma e elevado de sentimentos poderia ministrar-me as grandes palavras que levarei deste mundo...

PICOT — Ajoelhe-se, meu filho...

Técnica: música sacra; seis segundos depois em back-ground.

PICOT (solene) — Reze um "Creio em Deus Padre", meu filho...

DETANG — Creio em Deus Padre... Todo Poderoso... Creador do céu e da terra. Creio na Sua Santa Glória...

Técnica: subir música sacra seis segundos.

PICOT — Reze um ato de contrição...

DETANG — Contritus cuore mea...

Técnica: música sacra forte seis segundos; back-ground.

PICOT — Eu te absolvo dos teus pecados em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, Amen... Glória Patri... Gloria Dei in Excelsis!... (chorando). (Reza murmurando o "Padre Nosso" até certo ponto).

Técnica: sobe a música sacra durante seis segundos; entra disco de "O Despertar da Montanha" e de passerada.

Contra-regra: seis horas da manhã.

DETANG — Eis chegada a hora, abade!...

PICOT — Deus estará com você, Detang...

Técnica: passos que se aproximam.

DETANG — Eles... o pelotão de fuzilamento...

Técnica: passos cadenciados que se aproximam.

INTERLÚDIO

Técnica: disco característico.

Contra-regra: disco "Despertar da Montanha" ou outro qualquer que defina musicalmente o despertar do dia.

LESLIE (passos femininos que se aproximam) — Oh!... Tu, Denise?

Técnica: disco de pássaros em back-ground.

DENISE — Sim... eu...

LESLIE — Não devias ter vindo... este espetáculo...

DENISE — Preciso, como tu, assisti-lo... É um dos milhares que se inscreverão gloriosamente na página da história... Deixa-me subir até a altura do muro onde estás...

LESLIE — Devagar... cuidado...

DENISE — Eles... Wehring... Lehmbach... a oficialidade toda...

LESLIE — Ele não tardará a vir... O pelotão foi buscá-lo...

DENISE (emocionada) — Pobre ... capitão Detang!... Não o viste mais depois que foi prêso, Leslie?

LESLIE — Impossível...

DENISE — Oh!... Como desejaria ir onde ele se achava encarcerado... Esse grande homem... Que noite horrível... Precisando da presença de espíritos amigos... de palavras amigas... sozinho, aguardando a hora... esta hora que se aproxima...

LESLIE — É o destino, querida...

DENISE (chorando) — Sim... é horrível... mas é êle!... Eternamente... fatal... o destino...

Técnica: passos cadenciados bem distantes.

DENISE — Leslie!...

LESLIE — Denise... não olhes... suplico-te... não olhes para aquela direção...

DENISE — Vejo-o, Leslie... O busto erecto... A cabeça alta... Um homem!... Um patriota!... (chorando) Sim... com patriotas assim uma nação jamais poderá cair...

LESLIE — Jamais!...

Técnica: passos cadenciados mais próximos.

LESLIE — Oculta-te aqui... entre esta ramada...

Contra-regra: ruído de fôlhas de árvore.

WEHRINGER (distante) — Alto!...

Técnica: subitamente cessar disco de passos cadenciados.

DENISE — Oh!... Leslie!... Vão levá-lo em direção ao paredão... Oh!... Meu Deus!...

LESLIE — Bastal... Não podes continuar aqui, querida... Este espetáculo está acima de tuas forças... Não o assistirei... irei contigo. Vou conduzir-te ao pavilhão... Vamos!...

DENISE — Um instante, Leslie... um instante... Deixa-me olhar Detang pela última vez... (chorando e murmurando) Adeus, capitão Ernesto Detang!...

WEHRINGER (distante) — Ombro, armas!...

Contra-regra: ruído cadenciado do referido movimento de armas.

LESLIE — Vamos, Denise!... Vamos!...

Técnica: música suave que sobe e desce cessando, seis segundos.

WEHRINGER (próximo) — Ombro, armas!...

Contra-regra: ruído de movimento de armas próximo.

Técnica: murmúrios distantes.

Contra-regra: passos.

WEHRINGER — Capitão Ernesto Detang... Vou vendá-lhe os olhos!...

Técnica: manter o disco de passarada em back-ground.

DETANG — Obrigado, capitão Wehringer.

WEHRINGER — Não quer?

DETANG — Não!...

WEHRINGER — Por uma especial concessão de sua excelência o chefe do Estado Maior, general Lehmbach, lhe é permitido algum pedido que possivelmente deseje antes de ser executado. Quer pedir alguma coisa?

DETANG — Não quero nada... Agradeça em meu nome ao seu general.

WEHRINGER — Também poderemos fazer chegar à sua família algum desejo ou carta sua; tem algo para mandar?

DETANG — Não.

WEHRINGER — Não quer nada?

DETANG — Uma coisa, apenas. Ou melhor... duas coisas...

WEHRINGER — Peça-as!...

DETANG — Primeiro... embora seja um miserável traidor... Um homem que vendeu a sua pátria miseravelmente, quero que a ordem de fogo seja comandada por êsse corcunda...

CÔRO — Oh!...

Técnica: disco de confusão de vozes.

PICOT (voz característica) — Eu... não... eu não!... não!... Não... comandol...

ZIMMERMAN — Calma, Picot!... Que é isso? Não fiques assim exaltado!...

PICOT — Eu não, doctorr... Quero ir-me embora...

WEHRINGER — Silêncio!... Sentido!...

Técnica: cessar disco de murmúrios.

WEHRINGER — Capitão Ernesto Detang... Sabe, como militar que é, não ser permitida tal coisa... foge ao regulamentol

DETANG — Capitão Wehringer... a justiça militar alemã, neste momento, se interessa por meu corpo e minha vida... foi-me concedido o direito de pedir... eu pedi!... A palavra dum general alemão não pode retroceder!... É a palavra dum militar!...

WEHRINGER — Consultarei o general Lehmbach... sua excelência decidirá.

Técnica: música durante seis segundos.

Contra-regra: passos que se aproximam.

WEHRINGER — Capitão Ernesto Detang... Sua excelência, embora achando extravagante o seu pedido, dignou conceder-lhe o que acaba de pedir. Qual o segundo?

DETANG — Duas palavras ao ouvido dêsse traidor!...

WEHRINGER — Picot?

DETANG — Sim.

WEHRINGER — O que quer dizer a êsse homem?

DETANG — Que um francês que morre honesta e conscientemente por sua pátria, pode dizer a outro francês que calçou miseravelmente os seus sentimentos patrióticos!... Isso, apenas... é uma conversa entre dois franceses...

WEHRINGER — Que diz, Picot?

PICOT — Eu vou... eu sei o que êle quer dizer... Eu vou... (chorando) Eu vou...

Contra-regra: passos cambaleantes.

ZIMMERMAN — Que é isso, Picot!... Estamos aqui...

não chore assim... Está com medo? Vamos!... Enxugue as lágrimas!...

Contra-regra: passos cambaleantes.

WEHRINGER — Afastemo-nos um pouco... Tem apenas um minuto, capitão!...

DETANG — Obrigadol...

Contra-regra: passos cambaleantes, quatro segundos.

DETANG — Mais!... Mais um pouco... bem se vê que tens a lentidão do vermel... Quero falar-te bem ao ouvido... talvez as minhas palavras cheguem ao teu coração e à tua alma vendida... Aproxima-tel

Contra-regra: passos cambaleantes.

PICOT — Estou... estou aqui...

DETANG — Ao ouvido quero te dizer o que tenho no coração... Não descansaste enquanto não me viste aqui diante dum pelotão...

Técnica: música suave.

PICOT (chorando) — Choras? Bem se vê que tens a alma covarde... Quero dizer bem dentro do ouvido, miserável!... Aproxima-tel... (baixinho) Perdão... abadel... Só poderia morrer ouvindo a sua voz. Quero morrer ao som de sua voz, abade... Adeus!...

PICOT (chorando) — Adeus!... Detang... Por que fizeste isso, meu amigo?...

DETANG — Enxugue a face... as lágrimas... correm... Adeus... Comande o fogo... Quero morrer ouvindo a voz dum grande patriota!

PICOT — Adeus, Detang!...

Contra-regra: passos cambaleantes.

DETANG (com escárneo) — Guarda para toda a vida essa minha maldição, corcunda!... Agora comanda o fogo!... Será essa minha maldição que ficará na tua consciência forte como o estrondar das armas com as quais ajudaste a assassinar-me!...

Contra-regra: passos cambaleantes e soluços de Picot.

ZIMMERMAN — Que é isso, Picot!... Então levas a sério as palavras dum desesperado? Vamos!... Que te disse êle?...

PICOT (chorando) — Oh!... Doctorr... coisa ruim... coisa ruim...

DETANG — Capitão Wehringer... Que o pelotão não espere mais... Nada mais tenho a pedir... e nada mais tenho a esperar!...

WEHRINGER — Pelotão!...

Técnica: música impressionante vai subindo lentamente.

WEHRINGER — Apontar, armas!...

Contra-regra: ruído de movimento de arma unísono.

WEHRINGER — Picot!... Quando eu descer a espada... comande fogo!... Compreendeu?

PICOT — Com... com... preendi... (chorando).

Técnica: música forte.

DETANG — Vive la France!...

PICOT — Fogo!...

Técnica: descarga de fuzis; tombo.

PICOT — Oh!...

ZIMMERMAN — Picot!... Picot! O diabo do corcunda desmaiou... Picot!...

WEHRINGER — Pelotão!... Apresentar, armas!

Contra-regra: ruído de armas unísono.

WEHRINGER — Ombro, armas!...

Contra-regra: ruído de armas unísono.

WEHRINGER — Frentel Marchar!

Técnica: passos cadenciados que vão se distanciando até desaparecer durante dez segundos sem interrupção do diálogo que se segue.

ZIMMERMAN — Ei!... Picot!...

PICOT (chorando) — Oh!... doctorr...

ZIMMERMAN — Levanta, homem... Que diabol... Onde está a velha tèmpera do Picot? Que é isso... desmaiando como uma mulher...

PICOT (chorando) — Eu não gosto de ouvir tiros... Tiros me fazem mal aos nervos!

ZIMMERMAN — Vamos... não olhe para o cadáver... Vamos... tomarás um bom copo de vinho, que isso passa... Que diabol... Vamos!...

PICOT — Sim... um copo, não... uma garrafa...

ZIMMERMAN — Duas garrafas... três... Entrarás na adega do castelo e sairás quando bem cismares... está bem? Não olhes para trás... estás com medo do morto? Vamos! Nada de olhar para trás... está morto... E os mortos não incomodam... Eu sei que estás com medo de almas do outro mundo... Vamos!

INTERLÚDIO

KERGUEVEN — Vamos, Denise... Morreu como um herói... não chores mais...

IVES — Eu vi, meu general... Arrepiaram-me os cabelos, quando nos seus últimos momentos êle pediu que o fogo fôsse comandado por Picot! E o corcunda desmaiou!... Que castigo sublime!... Sublime como a alma que êle possuía!... Senti ainda mais a grandeza daquêle espírito quando escolheu para êsse miserável traidor tal punição, meu general...

KERGUEVEN — Assististe à execução, Ives?

IVES — Assisti do quarto do senhor Alain de Kergueven... Dali via perfeitamente... Senti também as balas no meu peito, meu general!

KERGUEVEN — Jovem ainda... Mais um crime que a história registrará...

IVES — E os boches hão de pagar com a dôr de sua carne.

Contra-regra: pancadas na porta.

KERGUEVEN — Abre, Ives...

Contra-regra: passos que se aproximam.

ALAIN (distante) — Boa noite, meu pai... (pausa) Boa noite, Denise...

DENISE — Boa noite, Alain...

KERGUEVEN — Pode ir, Ives... Apanha na adega uma garrafa de vinho...

IVES — Sim, meu general...

Contra-regra: passos que se afastam; bater de porta.

ALAIN — Denise... por favor, minha irmã... A janela... sim... Feche-a... e corra a cortina...

Contra-regra: passos femininos, bater de janela e correr de cortina.

KERGUEVEN — E então?

ALAIN — Permite-me sentar, senhor meu pai?

KERGUEVEN — Que fazes aqui, em vez de te divertires com os teus amigos alemães no salão do castelo?

ALAIN — Pai, vim porque queria falar-te.

KERGUEVEN — Bem, fala

ALAIN — A sós. Perdão, Denise...

DENISE — Vou ao galinheiro...

Contra-regra: passos que se afastam e bater de porta.

KERGUEVEN — Parece-me que há muito tempo que nada temos para nos dizer.

ALAIN — Não, pai! Vim para te pôr ao par do que se passa no castelo... minha visita se prende a êsse motivo!

KERGUEVEN — Eu sei... tôdas as noites o desertor Alain de Kergueven bebe com o inimigo. Dás-te às maravilhas, Wehringer e tu. Quanto à tua mulher, age como a mais vulgar das mulheres... e desonra o nosso nome... Aliás tua irmã contou-me a bela cena que ela te fez. Não vais contar comigo... não vais pedir a minha intervenção, suponho! Não contes comigo, Alain de Kergueven, para obter um abatimento no preço do seu silêncio.

ALAIN — Não se trata disso, meu pai... eu mesmo ajustarei as minhas contas com Irene. Eu queria informar-te que ela e eu estamos convidados para um grande jantar oferecido, amanhã à noite, pelo general Von Lehmbach...

KERGUEVEN — E daí? Supões que eu me espante de te ver saborear champanhe em companhia dos carrascos da França? Isso aliás faz parte da tua política. Tu te tornaste um escravo dos alemães e lhes engraxas as botas!

ALAIN — Meu pai!

KERGUEVEN — Sim... Um sabujo!... E dizendo isso a meu filho... Há muito que previra isso... E para comemorar, sem dúvida, a tua adesão completa à colaboração é que êsses cavalheiros te farão beber os meus bons vinhos, tu e a tua digna metade... essa mancha que vieste depois de tua conduta acrescentar à nossa família: Irene Michon!... E' isso?

ALAIN — Não. O jantar não é oferecido em minha homenagem, meu pai.

KERGUEVEN — Em homenagem de quem?

ALAIN — O jantar é oferecido em honra dos comandantes dos cruzadores Augsburg e Breslau, que chegam amanhã.

KERGUEVEN — Perdão... que disseste?

ALAIN — E' oferecido em honra dos comandantes desses dois cruzadores.

KERGUEVEN — Antes de tudo, como sabes que essa gente comparecerá ao jantar? Pregaram-te naturalmente uma boa peça...

ALAIN — Não, meu pai... sei de fonte limpa.

KERGUEVEN — Fonte segura essa tua informação?

ALAIN — Soube do oficial de ordenança de Lehmbach...

KERGUEVEN — Bem... daí... Se é a tua grande notícia, repito que não me interessa. Os teus amigos do estado maior podem convidar o papa ou o guarda campestre de Benoet para jantar, que me adianta isso?

ALAIN — Isso não é importante.

KERGUEVEN — E o que queres então?

ALAIN — Eu te queria avisar, pai, para que evitasses o castelo...

KERGUEVEN — Não compreendi patavina do que estás querendo dizer... Evitar o castelo?

ALAIN — Sim... vim te prevenir para que evitasses ir ao castelo... Tu e Denise, amanhã à noite, entre as oito e a meia noite.

KERGUEVEN — Não precisas recomendar-me uma coisa destas. Não me agrada encontrar-me com êles. Expliquei a Lehmbach de uma vez por tôdas que pensava de suas teorias e da sua guerra. Nada mais temos a dizer. Por consequência, diverte-te tranquilamente com os teus caros camaradas. Não serei eu nem a tua irmã que iremos perturbar a festa. Não tens mais nada a me comunicar?

ALAIN — Sim.

KERGUEVEN — Então o que esperas?

ALAIN — Direi.

KERGUEVEN — Estou atento.

Contra-regra: ruído dum envelope.

KERGUEVEN — O que é isso? Esse envelope... Que quer dizer isso?

ALAIN — Uma mensagem para ti, meu pai.

KERGUEVEN — Mensagem!...

Contra-regra: ruído de fôlha de papel.

KERGUEVEN — Para mim?

ALAIN — Sim.

KERGUEVEN — De quem?

ALAIN — Minha.

KERGUEVEN — Tua?

ALAIN — Minha.

KERGUEVEN — Que quer dizer isso, meu filho... Saltam-te dos olhos lágrimas. Nada estou compreendendo...

ALAIN — Tenho apenas um favor a te pedir.

KERGUEVEN — Um favor?

ALAIN — Sim... Queres guardar esta mensagem e só abri-la na quinta-feira? Não antes.

KERGUEVEN — Queres que eu leia o que aí está escrito somente na quinta-feira?

ALAIN — E' o único pedido que te faço.

KERGUEVEN — Está entendido.

ALAIN — Adeus, meu pai...

KERGUEVEN — Adeus... Olha as tuas muletas! Não te esqueças da tua fantasia para o Carnaval...

ALAIN — Obrigado, meu pai...

KERGUEVEN — Não há de que...

Contra-regra: toc-toc de muletas que se afastam.

INTERLÚDIO

Técnica: disco de galinhas cacarejando.

DENISE — Alain já se foi?

KERGUEVEN — Já...

DENISE — Algo grave?

KERGUEVEN — Viste... (baixinho) Leslie?

DENISE (baixinho) — Na horta... Por que, meu pai? Que soube o senhor por Alain?

KERGUEVEN — Saberás depois, Denise.

Técnica: música durante seis segundos.

LESLIE — Bom dia, meu general...

KERGUEVEN — Bom dia... Leon... Bem, os legumes...

LESLIE — Ótimos, meu general... A chuva de ontem veio como uma bênção do céu...

KERGUEVEN (baixinho) — Leslie... preciso falar-te... Apanha o cesto de legumes e leva-o para o pavilhão... Espera-me lá, que em um minuto lá estarei...

LESLIE — Sim, meu general...

KERGUEVEN (baixinho) — Uma notícia importante. Leva o cesto... não há tempo a perder...

Técnica: música durante seis segundos.

KERGUEVEN — Denise... minha filha... fica na porta de guarda... Alguém que se aproxime, avisa-nos...

DENISE — Podem conversar sem receio... Estarei vigilante...

KERGUEVEN — Leslie... tenho uma importante comunicação a fazer-te...

LESLIE — Estou atento, senhor meu sogro.

KERGUEVEN — O grande dia se aproxima... E' amanhã. Acabo de saber por Alain que os comandantes dos cruzadores chegam amanhã.

LESLIE — Oh!... Chegam amanhã? E como sabe êle disso?

KERGUEVEN — Da melhor fonte possível... pois êle e Irene estão convidados para o jantar oferecido por Lehmbach aos oficiais da marinha alemã.



ESCRITORIO AMERICANO

Apresentamos hoje aos nossos leitores um modelo de escritório americano, mobilado no mais puro estilo moderno, com móveis de traçado retilíneo e simples.

Agora a cadeira posta junto à escrivaninha, compõe-se este moderno e luxuoso escritório de um grupo de poltronas estofadas em couro, uma estante baixa e fechada, que se vê ao fundo, e mais dois destes móveis postos ao lado da porta de entrada.

A escrivaninha, feita de acôrdo com os novos métodos empregados nos Estados Unidos na arte mobiliária, é toda trabalhada em madeira clara e forrada por uma ampla lâmina de vidro.

GRANDE

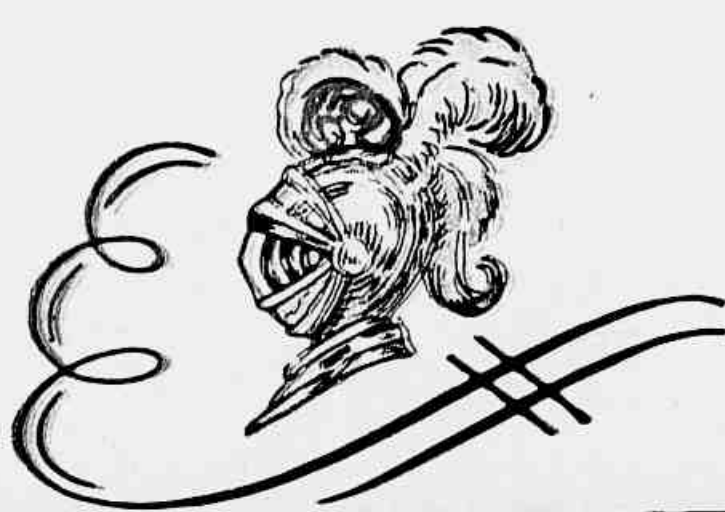
VENDA DE ANIVERSARIO

*novidades em tecidos para decoração
variedades em artigos para presentes*

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

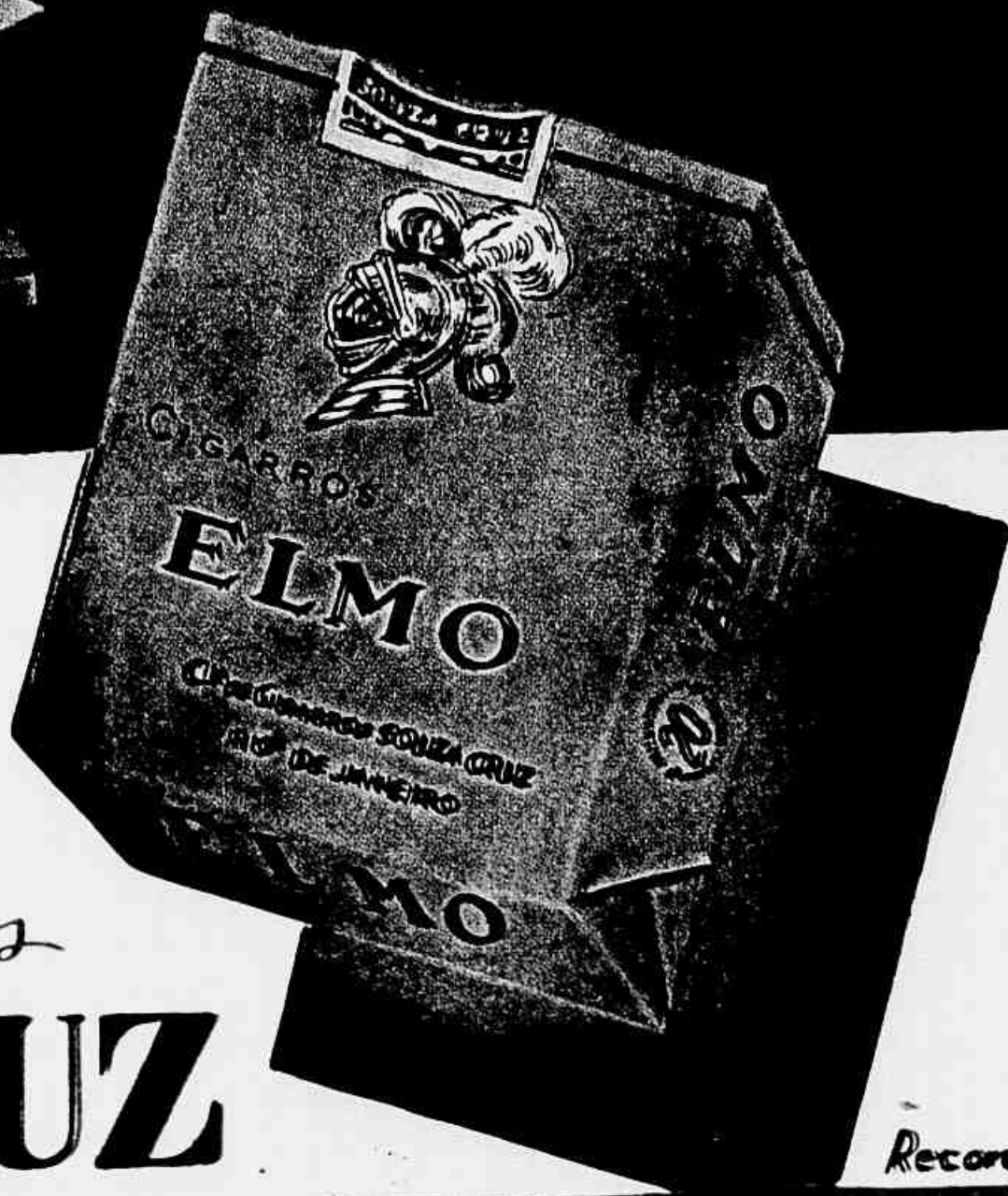


ELMO



PARA UM BOM FUMANTE...
UM BOM CIGARRO

Cia de Cigarros
SOUZA CRUZ



Record